UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ANDRÉA CALLONERE DE FREITAS

APLICAÇÃO DE UM PROGRAMA COMPORTAMENTAL DE ORIENTAÇÃO DE PAIS EM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO.

São Paulo

ANDRÉA CALLONERE DE FREITAS

Aplicação de um Programa Comportamental de Orientação de Pais em Hospital Universitário.

Defesa de Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Experimental.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Martha Hübner.

São Paulo 2016 AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação Serviço de Biblioteca e Documentação Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Callonere de Freitas, Andrea

Aplicação de um Programa Comportamental de Orientação de Pais em Hospital Universitário. Andrea Callonere de Freitas; Orientadora Maria Martha Costa Hübner. São Paulo, 2016. 166 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

- 1. Orientação de Pais 2. Programas Comportamentais 3. Terapia de Grupo
- 4. Relacionamento familiar...5. Aquisição de novos Comportamentos. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Andrea Callonere de Freitas

Aplicação de um Programa Comportamental de Orientação de Pais em Hospital Universitário.

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

	em rsicologia.
Aprovada em :/	
	Banca examinadora
Prof. (a) Dr. (a)	
Instituição:	Assinatura:
Prof. (a) Dr. (a)	
Instituição:	Assinatura:
Prof. (a) Dr. (a)	
Instituição:	Assinatura:
Prof. (a) Dr. (a)	
Instituição:	Assinatura:
Prof. (a) Dr. (a)	
Instituição:	Assinatura:

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste Doutorado é um momento especial de minha vida, e quero agradecer a muitas pessoas queridas, por terem acreditado e apoiado.

Agradeço em primeiro lugar à minha orientadora, Profa. Dra. Martha, com quem tive a honra de desenvolver, nortear e modelar a carreira Acadêmica, desde Especialização, Mestrado e agora Doutorado. Presença constante de conhecimento e sabedoria na arte de ensinar e aprender, promovendo amadurecimento pessoal e profissional e sempre proporcionando oportunidades, tantas que não poderia enumerar.

À minha mãe Maria Pompéia pela presença constante e segura de amor e confiança desde os primeiros passos na vida.

Ao meu marido João Luis, pelo apoio e incentivo, tolerância e acolhimento em uma relação de muita cumplicidade e muito amor.

Ao meu filho Luiz Augusto, pela presença que representa o amor incondicional e o incentivo a viver e aprender cada vez mais.

Às amigas Alice, Ana Beatriz, Camila, Fanny, Luiza, Magali, Marcia, Paula, que fizeram parte deste percurso desde o início, dividindo alegrias, algumas lágrimas e muitos sorrisos.

Ao amigo Miguel que chegou durante a caminhada, trazendo incentivo e confiança.

A Elaine que secretariou com disponibilidade e dedicação durante todo o processo.

Aos Professores e Profissionais do Departamento de Psicologia Experimental do IPUSP, pela competência e profissionalismo.

Aos clientes Pais e Filhos pelos quais vale a pena exercer a profissão e que muito me ensinam.

A todos, muito obrigada!!!

À querida Tia Yayá (in memorian),

Amor Incondicional

RESUMO

Callonere de Freitas, A. Aplicação de um Programa Comportamental de Orientação de Pais em Hospital Universitário. São Paulo, 2016. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo.

Os Pais tem a responsabilidade e o papel de educar e modelar o comportamento dos filhos desde as primeiras relações interpessoais em que se estabelecem padrões comportamentais que construirão a base das futuras relações com a comunidade externa. No grupo familiar surgem relações aprendidas, como comportamentos operantes de alta complexidade e estes operantes são modelados em cada contexto familiar a partir das histórias individuais dos membros do grupo. A dificuldade dos pais em educar os filhos, ainda que atual, é recorrente há décadas, e conforme estudos apontam, tanto em decorrência da mulher cada vez mais atuante no mercado de trabalho, como devido a outras contingências da sociedade moderna, tais como a modificação dos papéis familiares, e que deixaram os pais inseguros diante da educação dos filhos. Neste contexto, o objetivo da presente pesquisa, foi o de orientar pais para o manejo nas interações com os filhos e avaliar se a aplicação dos programas comportamentais seria efetiva em mudanças comportamentais nas relações familiares entre pais e filhos, com a redução dos comportamentos inadequados dos filhos. Pretendeu, ainda, avaliar os efeitos desta proposta de atendimento, como um modo de aperfeiçoamento dos serviços de Psicologia do Hospital, em um modelo econômico, com redução no número de encontros, com enfoque psicoeducativo, como o programa no qual se baseou, mas diferenciando-se pelo maior enfoque aos conceitos teóricos da Análise do Comportamento, configurando-se em um treinamento parental para o manejo de situações cotidianas na convivência e educação dos filhos. Para tanto, elaborou-se um Programa Comportamental de Orientação Familiar (PCOF), em grupo, baseado no "Programa de Qualidade na Interação Familiar" (Weber, Salvador e Brandenburg, 2011), dentro de um Hospital Universitário, onde os filhos dos participantes, com diferentes diagnósticos, com queixas quanto a apresentarem comportamentos inadequados, em casa e, ou na escola. No decorrer da pesquisa, definiu-se este estudo inicial, como Estudo 1, e posteriormente, foi desenvolvido o Estudo 2, na categoria de prestação de serviço, no qual desenvolveu-se um Programa Comportamental de Orientação de Pais (PCOP), agora realizado em um Hospital Dia, de um Hospital Psiquiátrico. Participaram do Estudo 1 oito casais, dos quais quatro foram designados aleatoriamente para o Grupo Experimental I e, os outros quatro casais, formaram o Grupo Controle, e cada grupo teve início com o mesmo número de casais participantes. Foram utilizados três instrumentos, EQIF, IEP e WHOQOL-breve, nos momentos Pré, Antes e Depois da aplicação Programa Comportamental PCOF, que medem respectivamente, a Qualidade de Interação Familiar, o Índice de Estilo Parental, pela avaliação das atitudes dos pais na educação dos filhos, e a Qualidade de vida. Também foram coletados relatos verbais ao longo da aplicação dos programa comportamental. Resultados foram Positivos da Aplicação do Programa, relevantes quanto à redução dos itens negativos, tais como Punição, Monitoria e disciplina realizadas de formas inadequadas e, aumento dos itens positivos, tais como a melhoria na interação entre o casal, no relacionamento com os filhos e no modelo parental, promovendo assim a melhoria na interação familiar, e na forma de consequenciar os comportamentos inadequados dos filhos. Participaram do Estudo 2 (aplicação do Programa PCOP, composto por cinco encontros e enfoque mais teórico do que o programa original e o programa PCOF, também desenvolvido durante a pesquisa) doze casais, divididos em dois Grupos, com seis casais cada, nomeados como Grupo 1 e Grupo 2 com a diferença de três meses entre a aplicação de um e outro. Os instrumentos utilizados Antes e Depois da aplicação do PCOP, foram o questionário *EQIF* e o IEP - *Inventário de Estilos Parentais*. Os resultados apontaram melhora quanto à redução de itens negativos na educação dos filhos, como *Punição*, *Monitoria e Disciplina*, *realizadas de forma inadequada por parte dos pais antes da participação no programa*. A aplicação do PCOP provocou um efeito positivo quanto a melhora de itens relacionados com Sentimentos e formas adequadas de monitoria, comportamento moral e interação do casal. Assim, os resultados encontrados destacam a importância do aprimoramento e aplicação de Programas Comportamentais com pais, de modo a promover a aquisição de novos Comportamentais dos filhos e dos pais.

Palavras chave: Orientação de Pais, Programas Comportamentais, Terapia de Grupo, Aquisição de novos Comportamentos, Relacionamento familiar.

ABSTRACT

Callonere de Freitas, A. **Application of Behavioral Program Parent Guidance in University Hospital**. São Paulo, 2016. Doctoral Thesis - Graduate Program in Experimental Psychology, University of São Paulo.

Parents have the responsibility and role to educate and model the behavior of children from the earliest interpersonal relationships that are established behavioral patterns that will build the base for future relations with the external community. The family group learned arise relations, as operant behaviors of high complexity and these are modeled operative in each family background from the individual stories of group members. The difficulty of parents in educating their children, although present, is recurring for decades, as studies show, both as a result of women becoming more active in the labor market, as other contingencies of modern society, such as the modification of roles family, and they left unsecured parents on the education of children. In this context, the objective of this research was to guide parents to manage interactions with their children and assess whether the application of behavioral programs would be effective in behavioral changes in family relationships between parents and children, with the reduction of inappropriate behaviors of children. He intended to also assess the effects of this proposed service as an enhancement mode of Psychology Hospital services in an economic model, with a reduction in the number of meetings with psychoeducational approach, as the program in which it is based, but differentiating If the increased focus on theoretical concepts of Behavior Analysis, setting up in a parental training for handling everyday situations in living and raising children. To this end, elaborated a Behavioral Program for Family Orientation (PCOF) group, based on the "Quality Program in Family Interaction" (Weber, Salvador and Brandenburg, 2011), within a university hospital where the children of participants with different diagnoses, with complaints about inappropriate behavior to submit, at home, or at school. During the search, set up this initial study, as Study 1, and later was developed Study 2, in the category of service, which developed a Behavioral Program Parental Guidance (PCOP), now held in a Day Hospital, a psychiatric hospital. Participated in the study first eight couples, of which four were randomly assigned to the experimental group I and the other four couples, they formed the control group, and each group started with the same number of participating couples. Three instruments were used, EQIF, IEP and WHOQOL-brief in Pre moments before and after the application program Behavioral PCOF, measuring respectively the Quality of Family Interaction, Parental Style Index, the evaluation of parental attitudes in education the children, and the quality of life. Also verbal reports were collected through the application of behavioral program. Results were positive Program Application, relevant in reducing the negative items such as Punishment, monitoring and discipline carried out in inappropriate ways and increase the positive items, such as improving the interaction between the couple, the relationship with the children and the parental model, thus promoting the improvement in family interaction, and as consequenciar the inappropriate behavior of their children. Participated in Study 2 (application of PCOP program, consisting of five meetings and more theoretical approach than the original program and PCOF program, also developed during the research) twelve couples, divided into two groups, with six couples each appointed as Group 1 and Group 2 with three months the difference between applying each other. The instruments used before and after the application of PCOP were the questionnaire EQIF and the IEP - Parental Styles Inventory. The results indicated an improvement in reducing the negative items in childcare, as punishment, monitoring and discipline, carried out improperly by parents prior to participation in the program. The application of PCOP had a positive effect as the improvement items related to feelings and appropriate forms of monitoring, moral behavior and interaction of the couple. Thus, our results highlight the importance of improvement and application of behavioral programs with parents, so as to promote the purchase of new Behavioral of children and parents.

Keywords: Parental Guidance, Behavioral Programs, Behaviors Acquisition, Family Relationship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	03
O modelo de seleção por consequências de Skinner	03
A família como grupo na transmissão de cultura	05
Membros da Família - Ontogenia e Contingências	11
A Aprendizagem Humana	13
Contingências do Comportamento Verbal sobre o Comportamento não Verbal	17
Contingências Familiares	23
Intervenção Terapêutica	26
MÉTODO ESTUDO 1	31
Participantes	31
Local	33
Materiais	34
Procedimentos.	38
Sessões	39
Delineamento Experimental.	57
RESULTADOS ESTUDO 1	61
CONCLUSÃO ESTUDO 1	72
REFERÊNCIAS	75
ANEVOS	Q/I

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Identificação dos Participantes	33
Tabela 2	Questões Tarefas de Casa e Autorregistros	36
Tabela 3	Temas e Atividades dos Encontros	40
Tabela 4	Esquema de Delineamento Experimental	57
Tabela 5	Média e desvio padrão dos itens do EQIF Antes- Pós PCOF	62
Tabela 6	Média e desvio padrão dos itens do WHOQOL Antes/Pós PCOF	64
Tabela 7	Média e desvio padrão dos itens do IEP Antes, Pré e Pós PCOF	67
Tabela 8	Média resultados finais EQIF, IEP	71
Tabela 9	Identificação Participantes Estudo 2	90
Tabela 10	Temas e Atividades PCOP Estudo 2	93
Tabela 11	Exercício sobre Reforço	99
Tabela 12	Exercício Sou/Não Sou	101
Tabela 13	Exercício sobre Análise Funcional	101
Tabela 14	Delineamento Experimental	106
Tabela 15	Relatos Verbais Grupos 1 e 2 Estudo 2	107
Tabela 16	Média e Desvio Padrão dos itens do EQIF Grupos 1 e 2	110
Tabela 17	Média e Desvio Padrão dos itens do IEP Grupos 1 e 2	112
Tabela 18	Comparação Questões EQIF e IEP	115
Tabela 19	Itens EQIF e IEP com melhora Pós PCOP	117

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Esquema dos conceitos de CCEs e Metacontingências na Aplicação dos Programas de Orientação de Pais	08
Figura 2	Representação da Ontogenia e Contingências nos Estudos da Família	12
Figura 3	Níveis de abrangência da Análise do Comportamento Aplicada no contexto da Promoção da Saúde na Saúde Pública	28
Figura 4	Médias dos Itens do EQIF Antes Pré Pós PCOF	63
Figura 5	Perfis Médios dos escores do IEP no tempo	68
Figura 6	Perfis Médios dos escores do IEP no tempo	68
Figura 7	Representa os perfis médios dos escores do EQIF Grupo 1	111
Figura 8	Representa os perfis médios dos escores do EQIF Grupo 2	111
Figura 9	Representa os escores médios das respostas do IEP Pré e Pós PCOP	113
Figura 10	Representativa dos escores médios das respostas do IEP Pré e Pós PCOP	114
Figura 11	Indica a média dos resultados no total de itens dos Instrumentos EQIF e IEP dos Grupos 1 e 2 após PCOP	118

LISTA DE SIGLAS

GE I	Grupo Experimental I – Estudo 1
GE II	Grupo Experimental II – Estudo 2
GC	Grupo Controle – Estudo 1
PCOF	Programa Comportamental de Orientação Familiar – Estudo 1
PCOP	Programa Comportamental de Orientação de Pais – Estudo 2
PQIF	Programa de Qualidade na Interação Familiar
EQIF	Escalas de Qualidade na Interação Familiar
IEP	Inventário de Estilos Parentais
CCEs	Contingências Comportamentais Entrelaçadas

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1	Estudo 2 – Serviço Prestado	84
Anexo 2	Ficha de Inscrição	123
Anexo 3	TCLE Estudo 1	124
Anexo 4	TCLE Estudo 2	126
Anexo 5	Autorização para filmagem – Estudo 1	127
Anexo 6	Tarefas de Casa e Autorregistros – Estudo 1	128
Anexo 7	Questionário EQIF	137
Anexo 8	Inventário de Estilos Parentais – IEP	140
Anexo 9	Questionário WHOQOL-breve – Estudo 1	143
Anexo 10	Documento Comitê de Ética – Estudo 1	146
Anexo 11	Contos e Textos	147
Anexo 12	Quadros de Relatos Verbais	155

APRESENTAÇÃO

Desde as primeiras incursões como profissional da Psicologia, busquei novas formas de atuação junto às famílias, na tentativa de compreender as relações que se estabelecem e se mantêm no grupo familiar. Ainda como estudante de Psicologia, tive a primeira experiência na coordenação de grupos de orientação de pais, na ocasião com pais de crianças com Síndrome de Down.

Posteriormente, como residente em um Hospital Psiquiátrico, no final da década de 80, iniciei o atendimento a grupos de familiares de pacientes doentes mentais crônicos, com o objetivo de facilitar a reinserção social daqueles pacientes. Na década seguinte, em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), da Prefeitura de São Paulo, diante da grande demanda de encaminhamentos de crianças com diferentes transtornos do desenvolvimento, realizei atendimentos em grupos com os pais destas crianças. Elas também recebiam atendimentos em grupos multidisciplinares.

Em seguida iniciei a docência no ensino superior, em cursos de Psicologia e Pedagogia, com o interesse por desenvolver pesquisas sobre o contexto familiar e sua importância para a compreensão do comportamento de crianças e adolescentes, que se configurou como tema central da discussão apresentada na dissertação de mestrado (Callonere, 2002), que abarcou, especificamente, as relações familiares e escolares no processo de inclusão escolar.

Durante o curso de Especialização em Terapia Comportamental, oferecido pelo Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, com atendimentos supervisionados a clientes do Hospital Universitário – HU¹, tive a oportunidade de aplicar o "Programa de Qualidade na Interação Familiar" (Weber, Salvador e Brandenburg, 2006) que deu origem ao presente estudo.

Assim, após anos de dedicação integral à prática profissional, voltei ao instigante exercício de pesquisar com grupos e famílias, novamente no âmbito do serviço público, em um Hospital Escola (HU), que se constitui em um ambiente profícuo para o aprimoramento de modelos de atuação do psicólogo. Nesse contexto, o desafio foi o de atender à constante

_

¹ Refere-se ao Hospital Universitário da Universidade de São Paulo – HU-USP.

e variada demanda de clientes/pacientes², na busca de ajudá-los no cotidiano, ao educar filhos. O desafio também incluiu atendê-los, seja por iniciativa própria (quando pais solicitam participar de grupos de orientação), ou por encaminhamento de profissionais da saúde (quando psiquiatras, psicólogos e neuropsicólogos do hospital encaminham pais para o grupo de orientação).

²No presente trabalho os termos cliente e paciente serão empregados indistintamente. Em contexto hospitalar é mais comum o emprego do termo "paciente" em consonância com a prática verbal de médicos (Skinner, 1953/1981, também empregou o termo "paciente"). Na prática verbal da terapia comportamental o termo "cliente" é mais comumente empregado.

1.1. O modelo de seleção por consequências de Skinner

A Análise do Comportamento foi construída em um modelo de ciência, validado empiricamente, com a tarefa de compreender o comportamento humano e seus determinantes, observando-o e mensurando-o. Tal como aponta Skinner (1957, p. 16):

A ciência é, certamente, mais do que um conjunto de atitudes. É a busca da ordem, da uniformidade, de relações ordenadas entre os eventos da natureza. Começa, como todos nos começamos, por observar episódios singulares, mas rapidamente avança para a regra geral, para a lei científica. A ciência aponta e complementa esta experiência ao demonstrar cada vez mais relações entre os acontecimentos e ao demonstrá-las cada vez mais precisamente.

Skinner (1981/2007) define a relação entre organismo e ambiente a partir da origem da reprodução da vida na terra, que foi a primeira consequência causal no processo de evolução natural dos organismos (Darwin, 1859). O comportamento surgiu e precisou evoluir para manter-se funcional diante de novas imposições do ambiente ao organismo, sob condições cada vez mais amplas e diversas daquelas iniciais.

Skinner (1981/2007), para explicar os processos comportamentais, utiliza o paradigma evolucionista, segundo os estudos de Darwin (1859) sobre o processo de variação e seleção natural das espécies. O autor define o comportamento humano como a confluência de três níveis de seleção (Filogenético, Ontogenético e Cultural) e de variação. Diante das mudanças no ambiente natural, alguns organismos apresentam características que representam vantagens sobre outros organismos em termos de sobrevivência e transmissão de genes, o primeiro nível de seleção pelas consequências.

Ainda nesse sentido, Skinner (1981/2007) destacou dois processos através dos quais os organismos adquiriam comportamentos adequados às novas exigências do ambiente. O primeiro, o condicionamento respondente *pavloviano*, quando respostas selecionadas pela seleção natural ficavam sob o controle de novos estímulos. O segundo, o condicionamento operante, quando novas respostas eram seguidas por eventos que as fortaleciam ou reforçavam. Skinner considerou o segundo tipo de processo, ao qual ele deu ênfase.

Para Skinner (1981/2007), se as consequências selecionadoras do comportamento fossem mantidas inalteradas, as respostas do organismo significariam um repertório inato, fruto da seleção natural (respostas eliciadas) e o condicionamento operante caracterizado

pelas consequências, que selecionariam o comportamento (os reforçadores), seria redundante ao processo por seleção natural. Mas, diante de condições diversas na seleção do comportamento, o condicionamento operante (comportamento condicionado) poderia ir além do caráter adaptativo e, desse modo, se sobrepor ao condicionamento respondente, ao permitir que o organismo apresente variabilidade comportamental.

No trecho seguinte, Skinner (1981/2007, p. 130) aponta:

Quando membros de uma espécie comem certo tipo de alimento simplesmente porque comê-lo teve valor de sobrevivência, o alimento não precisa ser, e presumivelmente não é, um reforçador...Mas quando, por meio de evolução de susceptibilidades especiais, alimento torna-se reforçador, novas formas de comportamento podem ser estabelecidas. Novas maneiras de coletar, processar e cultivar alimentos...podem ser modeladas e mantidas.

A respeito do caráter social da espécie humana, Skinner (1981/2007) refere-se primeiramente ao processo de seleção natural nos repertórios sociais inatos, partindo dos estudos dos etólogos sobre acasalamento, agressão, defesa do território, cuidado de filhotes, entre outros comportamentos definidos como sociais. Segundo o autor, isso acontece porque os membros de uma espécie representam o que há de mais estável no ambiente dessa própria espécie.

Porém o comportamento de imitar vai além dos repertórios sociais inatos, quando o imitador passa a ter um repertório adquirido e não mais inato, ao ficar sob controle das mesmas contingências de reforçamento que levaram o imitado a se comportar.

Ainda sobre o caráter social da espécie humana, Skinner (1981/2007) define o terceiro nível de seleção pelas consequências, a evolução da cultura, a partir do controle do ambiente sobre a musculatura vocal (agora sob controle operante), o que tornou a espécie humana mais social. O comportamento verbal, cujas consequências são mediadas por outras pessoas, caracteriza a melhor forma de transmitir conteúdos previamente aprendidos.

Skinner (1981/2007; 1953/1981) destaca que a evolução da cultura se estabelece pela prática dos conteúdos transmitidos, no grupo social, e pelas consequências desta prática na população do grupo. A evolução da cultura não se estabelece simplesmente pelas consequências reforçadoras individuais dos membros do grupo, mas sim pelas consequências que tais práticas oferecem como soluções de problemas para o grupo e,

desse modo, podem surgir variações na prática cultural que culminam com a evolução da cultura.

As variáveis determinantes do comportamento se estabelecem a partir dos três níveis de seleção; pode-se afirmar que a filogenia ou seleção natural orienta a compreensão da origem e da peculiaridade de diferentes espécies. A ontogenia ou condicionamento operante, através da história individual, orienta a compreensão dos comportamentos e dos aspectos psicológicos dos indivíduos. Já a seleção cultural, no ambiente social, complementa e amplia o alcance de compreensão das diferenças comportamentais individuais.

Os três níveis de seleção passam por constantes mudanças ao interagirem entre si, conforme as contingências que se estabelecem na relação entre o organismo e o ambiente, (Skinner, 1957; 1981/2007; Micheletto, in Banaco, 2001; Moreira & Hanna, in Hübner & Moreira, 2012).

1.2. A família como grupo na transmissão de cultura

Skinner (1953/1981) empregou a expressão agência controladora para explicar a maneira como o grupo exerce o poder de reforçar e punir seus membros, de forma mais organizada do que simplesmente através de ações independentes dentro grupo. As Agências controladoras manipulam conjuntos de variáveis que o grupo exerce sobre os seus membros e se referem a áreas amplas em um sistema social, como educação, que engloba escola e família, governo, religião, economia e psicoterapia.

Compreender a família como uma agência controladora requer o entendimento de como o comportamento do controlador interage com o comportamento do controlado na transmissão de cultura de uma geração para outra e a família, pode assim, ser definida como a primeira agência de controle na aquisição e manutenção de comportamentos individuais.

A família como um grupo social mais restrito tem a função social de promover a inserção de seus membros em outras agências de controle, na comunidade social, através do estabelecimento de regras e limites (Naves e Vasconcelos, 2008). No grupo familiar, por exemplo, as contingências de reforço social são mantidas pelo grupo e garantem a

manutenção dos padrões de interação nas relações futuras ampliadas em novos arranjos familiares.

De acordo com Skinner (1953/1981), família educa os seus membros a partir de reforçadores primários necessários para a manutenção da vida, tais como alimentos, temperatura, higiene e segurança e, também, de reforçadores secundários, como dedicação, afeto, aprovação e outros incentivos sociais, que ensinam a criança a andar, falar, comer e comportar-se de modo geral. Nas palavras do autor, "O comportamento social pode ser definido como o comportamento de duas ou mais pessoas, uma em relação à outra ou, em conjunto, em relação ao ambiente comum" (Skinner, 1953/1981, p. 325). O ser humano, nas interações sociais, nas quais o grupo familiar está incluído, está diante de estímulos discriminativos de como se comportar, dando modelos, reforçando ou punindo. Desse modo, a família exerce sua função como uma agência controladora educacional ao ensinar a criança a andar, comer, falar, brincar, se vestir e demais comportamentos, cada vez mais complexos.

No grupo familiar pela abordagem da análise do comportamento inicia-se o comportamento social do indivíduo, e analisar este processo requer a compreensão das complexas contingências comportamentais entrelaçadas, como Glenn (1991) ensina, ao se referir ao papel da pessoa no desempenho da própria ação, a qual estabelece ambiente para a ação de outras pessoas.

Glenn (1991, p. 55) afirma "...os elementos de unidades culturais...foram rotulados de contingências entrelaçadas para chamar a atenção para o duplo papel que o comportamento de cada pessoa desempenha nos processos sociais".

Ao abordar o terceiro nível de seleção pelas consequências, Skinner (1953/1981) se refere ao processo de evolução da cultura, quando práticas humanas passam a ter um efeito sobre um grupo mais amplo na solução de seus problemas e, se ocorre evolução na cultura, pode-se dizer que há uma mudança no ambiente, como antecedente para ações futuras dos membros do grupo.

É possível afirmar que Skinner já se referia ao que se define como processo de contingências comportamentais entrelaçadas, ao considerar as relações interpessoais (as quais já pressupõem pelo menos duas contingências) exercendo efeito sobre o grupo, como uma consequência contingente à ação de uma pessoa, mas resultando em uma mudança no ambiente cultural (Andery, Micheleto & Sério, 2005; Glenn, 1991; Skinner, 1953/1981).

Ao atentar para a complexidade da análise cultural, quando a prática cultural envolve contingências comportamentais entrelaçadas e produtos agregados, Glenn (1991) propõe o conceito de metacontingência para explicar a prática cultural em uma relação de dependência aos produtos agregados que afetam o grupo, como em um processo de retroalimentação. "A maior parte das práticas culturais (...) envolvem dois ou mais indivíduos cujas interações produzem consequências para cada um deles individualmente e...o comportamento conjunto produz um produto agregado..." (Glenn, 1991, p. 90).

Todorov (2012, p. 39) afirma:

Se um conjunto de contingências comportamentais entrelaçadas (CCEs) resultar em um produto agregado X então haverá uma consequência Z produzida por um ambiente cultural selecionador. É o produto agregado e não as CCEs que é selecionado pelo ambiente cultural.

Para o autor, o produto agregado é o resultado de contingências tríplices entrelaçadas, que envolvem pelo menos duas pessoas, em que o que uma delas faz estabelece situação para o comportamento da outra pessoa. Como exemplo, Todorov (2012, p. 38) cita uma pequena pizzaria, com um garçom, dois cozinheiros e um caixa, em que o garçom é um estímulo discriminativo para o cliente fazer o pedido. O pedido é um estímulo discriminativo para o garçom leva-lo a um dos cozinheiros, que prepara a pizza e a entrega ao outro cozinheiro que a leva ao forno. A pizza pronta é um estímulo discriminativo para que este cozinheiro, que cuida do forno, chame o garçom, que serve o prato (produto agregado) para o cliente (parte do ambiente cultural selecionador).

Nos estudos do grupo familiar, o foco de investigação é o comportamento do indivíduo como agente de interação social e para contemplar toda a complexidade das relações sociais na dinâmica familiar, torna-se indispensável utilizar os conceitos de contingências entrelaçadas e metacontingências. Pode-se explicar as práticas culturais presentes na família, os produtos agregados gerados na história familiar e algumas das contingências entrelaçadas que envolvem os comportamentos dos seus membros (Naves & Vasconcelos, 2008).

A Figura 1 é representativa de um conjunto de Contingências Comportamentais Entrelaçadas, CCEs e Metacontingências, estabelecidas na interação entre profissionais e clientes nos Programas Comportamentais de Orientação de Pais e que resultam em um produto agregado (a melhora na interação dos pais com os filhos). Este produto agregado,

selecionado em um ambiente cultural, promove a formação e o desenvolvimento de um maior número de Programas de Orientação Parental (Todorov, 2012; Neves & Vasconcelos, 2008; Skinner, 1953/1981; Glenn, 1988).

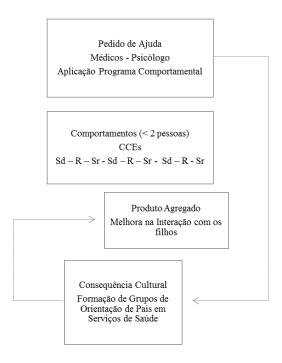


Figura 1 — Esquema representativo de um exemplo dos conceitos de Contingências Comportamentais Entrelaçadas — CCEs e Metacontingências em relação à aplicação dos Programas Comportamentais de Orientação de Pais.

A aplicação do Programa Comportamental de Orientação de Pais, baseado no modelo proposto por Weber, Salvador e Bradenburg (2006), apresenta um enfoque preventivo e não apenas remediativo, que está em consonância com as propostas e diretrizes teóricas na promoção da saúde da população, nem sempre praticadas nos processos de encaminhamentos aos serviços de psicologia (Botomé, 1981; Miyazaki & Silvares, 2001, in Borloti; Balbi; Baptista & Maciel, 2010). A realização de grupos sob o enfoque da Análise do Comportamento no contexto do atendimento público representa uma otimização na prestação de serviços em saúde e traz, entre outros aspectos positivos, a oportunidade de atender à grande demanda de clientes da rede pública de saúde.

Esses Programas de Orientação Parental podem ajudar as famílias a lidar com problemas comportamentais dos filhos, de forma preventiva e curativa. E, mais do que isso, promove e ensina novas habilidades (Botomé, 1981) e, ainda, não apenas de forma

remediativa ou assistencial, promove o autoconhecimento dos pais sobre as contingências que controlam seus próprios comportamentos e de seus filhos.

Muitos pais procuram profissionais da Psicologia, em busca de respostas para o enfrentamento de dificuldades cotidianas na educação de seus filhos. Muitas vezes, eles - os pais - esperam receitas prontas dos psicólogos para resolver os problemas, como se os seus próprios comportamentos não precisassem ser compreendidos, analisados e modificados como parte fundamental da compreensão das queixas dos filhos.

Observa-se também, por meio da análise de relatos verbais de pais (Callonere, 2002), que muitos procuram por psicólogos na tentativa de melhorar o desempenho social e escolar de seus filhos, como forma de legitimar o seu sucesso como pais, garantindo que todos sejam integrados socialmente conforme as crenças e regras que definem os comportamentos considerados adequados e valorizados na comunidade a que pertencem. Predominam, nesse modelo, as regras e instruções em detrimento às contingências (Mantoam, 1997; Szymanski, 1998; Skinner, 1957).

O escolaridade e o nível socioeconômico dos pais são determinantes no modo como o pedido de ajuda ocorre, e torna-se tarefa do psicólogo desmistificar o seu papel como o de remediador da situação. O terapeuta precisa ter a humildade científica para mostrar com clareza o seu papel de analista de um contexto familiar, em que é apenas capaz de dar diretrizes, diante de situações específicas, para ajudar os pais a melhorarem os próprios desempenhos em resposta aos comportamentos dos filhos (Weber, Oliveira, 2000; Hübner, 1998; Szymanski, 1998; Skinner, 1953/1981).

No texto a seguir, Skinner (1953/1981) corrobora as afirmações anteriores, ao destacar a importância da função dos pais em compreender a escola como agência controladora, por um tipo diferente de consequência para o grupo social mais amplo, que vai além do orgulho familiar ou simplesmente da educação em si mesma:

Ao explicar a presença de instituições educacionais em uma dada comunidade, ...temos que explicar o comportamento daqueles que pagam ou aprovam os que ensinam... Quando aqueles que fornecem o poder fundamental, econômico ou outro qualquer, não recebem reforço suficiente por fazer isso, retiram seu apoio. Além de qualquer retorno imediato temos que notar o possível efeito a longo prazo da educação. A instituição educacional explícita deve ser explicada por um tipo diferente de consequência para o grupo. (Skinner, 1953/1981, pp. 439-440).

Skinner (1953/1981; 1969/1984) abrange a complexidade do comportamento humano operante e da aprendizagem dos organismos quando desenvolve o conceito de

probabilidade da resposta, no controle do comportamento operante, referindo-se às variáveis que "não causam a ocorrência de um determinado comportamento, mas tornam a ocorrência mais provável", e assim o arranjo de contingências de reforço permite e acelera a aprendizagem. Para o autor,

Através do condicionamento operante, o meio ambiente modela o repertório básico com o qual mantemos o equilíbrio, andamos, praticamos esporte, manejamos instrumentos e ferramentas, falamos, escrevemos, velejamos um barco, dirigimos um automóvel ou pilotamos um avião. Uma modificação no ambiente...pode nos encontrar despreparados, mas o comportamento ajusta-se rapidamente assim que adquirimos novas respostas e deixamos de lado as antigas. O reforço operante faz mais que modelar um repertório comportamental. Aumenta a eficiência do comportamento e o mantém fortalecido por muito tempo.... (Skinner, 1953/1981, p. 53)

O sentido da educação não está no processo em si, no momento em que o controlador educa, mas sim nas consequências (positivas para o educado e para os outros membros de seu grupo social), as quais levam os indivíduos controlados a se comportarem da mesma forma em situações futuras (Skinner, 1953/1981, 1969/1984).

No grupo familiar surgem relações aprendidas, como comportamentos operantes de alta complexidade e variabilidade. Esses operantes são modelados em cada contexto familiar a partir das histórias individuais dos membros do grupo. Trata-se do processo de aprendizagem cumulativa que tem início no repertório adaptativo de cada membro ao ambiente, para as relações complexas entre estímulos, respostas e consequências de todo o grupo (Donahoe & Palmer, 1994; Skinner, 1974/2006; 1953/1981). De acordo com o Skinner (1957), o grupo gera consequências reforçadoras que excedem as consequências que poderiam ser conseguidas, se os membros do grupo, agissem separadamente. Assim, o efeito reforçador total é maior.

O comportamento grupal como expressão das individualidades em um contexto de comportamento social modelado por contingências reforçadoras são de difícil controle por estarem sujeitas às contingências individuais de cada membro do grupo. Caracteriza-se pela imprevisibilidade natural das interações interpessoais e torna-se um importante instrumento no treino de habilidades sociais.

1.3. Membros Da Família - Ontogenia e Contingências

As relações familiares são as primeiras relações interpessoais em que se estabelecem padrões comportamentais que construirão a base das futuras relações entre seus membros e a comunidade externa. Um grupo familiar, ao cumprir suas funções, pode ser considerado um agente socializador inicial, que orienta e qualifica as respostas de seus membros diante das contingências ambientais.

O grupo familiar passa por mudanças (aprendizagens) e depara com exigências mais complexas do ambiente social, na educação informal e sistematizada. As topografias de respostas nas interações sociais da família vão se diferenciando à medida que as respostas socialmente exigidas se tornam mais variadas e específicas, o que pode trazer dificuldades adaptativas intra e extragrupo aos seus membros (Skinner, 1953/1981). Por exemplo, as demandas escolares dos filhos no início da idade escolar são, em geral, menos aversivas para os pais e para os próprios filhos do que as demandas de filhos adolescentes diante do vestibular.

Ainda nesse contexto, o insucesso do filho no vestibular como punição pode resultar no efeito colateral de esquiva dos estudos, o que terá como consequência o próximo insucesso no vestibular. Os pais, por exemplo, também punidos como pouco eficientes na educação escolar do filho, podem apresentar comportamento de esquiva social diante de amigos.

Analisar a família pressupõe compreendê-la como produto de muitas aprendizagens, que ocorrem por meio da ontogenia de seus membros, das funções de seus comportamentos e das práticas culturais em um sistema complexo de contingências entrelaçadas e metacontingências. Assim, as aprendizagens na família ocorrem por meio das interações no ambiente físico e social do grupo familiar, sem o qual as ações individuais teriam consequências diferentes (Neves & Vasconcelos, 2008; Skinner, 1953/1981; Glenn, 1988).

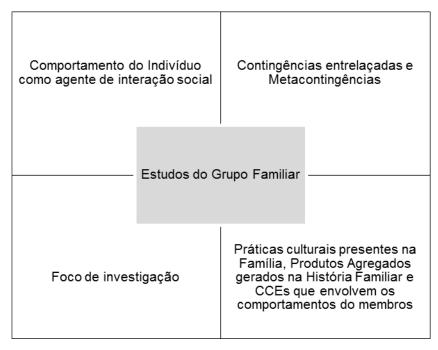


Figura 2 - Representação da Ontogenia e Contingências nos Estudos da Família (Todorov, 2012; Neves & Vasconcelos, 2008; Skinner, 1953/1981; Glenn, 1988).

As regras estabelecidas pelo grupo social mais amplo, no contexto histórico e temporal delimitam a função do grupo familiar na sociedade (agencias controladoras, como governo, escola, religião). As características individuais de cada membro da família, na complexa interação no grupo familiar, são selecionadas pelas práticas culturais do ambiente social no qual o grupo familiar está inserido (Skinner, 1953/1981; Neves & Vasconcelos, 2008; Bijou, 1978).

Por exemplo, quando uma família valoriza a prática de esportes, seus membros ficam sob controle de contingências reforçadoras a esta prática, e membros do grupo servem de estímulo discriminativo para os outros apresentarem um comportamento esportivo. O ambiente propício à prática de esportes é estabelecido por instrução verbal, modelagem, reforços sociais (elogios, torcida em competições esportivas) e os familiares são reforçados pelas consequências valorizadas pelo grupo familiar. Vale ressaltar que o comportamento do grupo também foi selecionado pelo ambiente, no contexto cultural (incentivos a competições, ações públicas de criação de ginásios, instruções sobre saúde associada a práticas esportivas, entre outras ações).

Na interação social, a mediação pode expor as dificuldades de uns em relação às consequências reforçadoras daqueles mais adaptados e, consequentemente, mais reforçados

socialmente. As dificuldades de ajustamento e integração do grupo familiar ou de seus membros podem ser potencializadas em relação aos comportamentos mais reforçados nos ambientes sociais da comunidade em que vivem.

Tal como lembra Skinner (1957):

Não se pode descrever o reforço sem referência ao outro organismo. Mas o reforço social geralmente é uma questão de mediação pessoal...No campo do comportamento social dá-se importância especial ao reforço com atenção, aprovação, afeição e submissão (Skinner, 1957, p.172).

1.4. A Aprendizagem Humana

Por meio do relacionamento familiar, os comportamentos de seus membros vão se modificando, por exposição direta às contingências, ou de forma indireta, por observação (modelagem e modelação), ou por instrução verbal. Skinner (1969/1984) aponta que as instruções são estímulos discriminativos estabelecidos por meio de descrições verbais de contingências, e pode ser definido também como comportamento governado por regras. Regras são estímulos discriminativos que envolvem o comportamento verbal das pessoas e, desse modo, é produto do ambiente social em que o ouvinte e o falante estão inseridos (Matos, 2001).

Aprender por meio de instrução é uma forma rápida de modificar comportamentos sem entrar em contato com as contingências, nem sempre favoráveis, disponíveis ou fortes o bastante. Um exemplo simples seria pensar que um pedestre não precisa ser atropelado para seguir a regra de parar, olhar para o semáforo e somente atravessar a rua diante da luz vermelha para os carros. Mas, o comportamento governado por regras tem a desvantagem de perder sua função quando se sobrepõe a novas contingências situacionais que sinalizam a vantagem funcional de mudança, e a pessoa que segue a regra perde os reforçadores que essas novas contingências trariam.

Neste sentido, Matos (2001) afirma que definir regras é um comportamento funcional para manutenção da sociedade, e as regras ou instruções por sua eficácia a curto prazo, selecionam e mantêm comportamentos por muito tempo. Porém, diante de contingências precisas e fortes, o comportamento dirigido por regras pode ser eliminado, quando carece de monitoramento por acompanhantes, treino e adequação a novas

contingências. Como exemplo, podemos citar as regras contra o uso de drogas ilícitas, que podem controlar o comportamento com eficácia, mas perdem a função quando a pessoa depara com contingências sociais e naturais mais fortes, tais como amigos usuários de drogas em grupos de adolescentes ou, ainda, a informação sobre os danos a longo prazo, *versus* a satisfação fisiológica imediata.

As mudanças (aprendizagem) também ocorrem por efeito de processos de modelagem e modelação (observação e/ou imitação de um modelo). A modelagem, segundo os princípios do Behaviorismo Radical e Comportamento Operante (Catania, 1999; Skinner, 1953/1981) ocorre quando comportamentos novos são aprendidos a partir do repertório comportamental que a pessoa possui (filogenético e ontogenético) em contato com contingências de reforço diferencial (a partir do modelo), quando algumas respostas são reforçadas e outras não, e por meio de aproximações sucessivas. A topografia das respostas vai se modificando até ser modelada como o comportamento a ser aprendido (Catania, 1999). Por exemplo, a aprendizagem da fala por bebês, reforçada desde os primeiros balbucios até as pronúncias aproximadas das palavras modeladas. A modelação e a modelagem, bem como o Controle de Estímulos (Catania, 1999), são conceitos fundamentais para a aprendizagem e desenvolvimento adaptativo do ser humano.

Nesse sentido, vale também destacar a contribuição de Bandura (1969) com sua "Teoria de Aprendizagem Social" e o conceito de "Modelação Abstrata", na definição dos conceitos de Modelação e Modelagem, em um processo que definiu como "Modelação Social". Bandura considerava a imitação com um papel preponderante na aprendizagem e, ao desenvolver inúmeras pesquisas, a partir da década de 60 (Bandura, Azzi, Polydoro & Col., 2011), muito contribuiu para a compreensão dos processos de como a aprendizagem humana ocorre. Ainda que existam controvérsias entre a Abordagem desse autor e a Teoria Behaviorista, conforme se cita brevemente na sequência deste texto, foge ao escopo da análise das polêmicas entre a Teoria Behaviorista e a Teoria da Aprendizagem Social Cognitiva.

Bandura (Bandura, Azzi, Polydoro & Col., 2011) posicionou-se criticamente contra o conceito de aprendizagem pelas consequências, na relação entre o organismo e o meio, conforme proposto pela Teoria Behaviorista, principalmente por considerar que o condicionamento operante é seguro para manter respostas já existentes, mas pouco indicado para explicar a aquisição de novos repertórios. Esse autor também criticou a

Teoria Behaviorista, que pouco enfatiza o aspecto Cultural na aprendizagem³. Bandura critica, ainda, essa teoria ao se referir ao processo de aprendizagem. Ele destaca os efeitos das próprias ações das pessoas em suas relações com o meio ambiente, e, assim, desconsidera os processos interiores, como causa do comportamento, fato esse postulado por sua Teoria Social Cognitiva (Bandura, Azzi, Polydoro & Col., 2011).

Segundo Bandura:

Para mim, era difícil imaginar uma cultura cuja língua, moral, costumes e práticas familiares, competências ocupacionais e práticas educacionais, religiosas e políticas fossem moldadas gradualmente em cada novo membro pelas conseqüências reforçadoras e punitivas de seus comportamentos de tentativa e erro. Esse processo tedioso e potencialmente perigoso, no qual os erros têm um custo elevado, era encurtado pela modelação social. Nela, as pessoas padronizam seus estilos de pensamento e comportamento segundo exemplos funcionais de outras pessoas (Bandura, Azzi, Polydoro & Col., 2011, p.16).

A Modelação, conforme define Bandura (Bandura, Azzi, Polydoro & Col, 2011, p. 124), é uma referência para que as pessoas aprendam e mudem, abstraindo informações de modelos sociais originais, conforme as circunstâncias, quando, então, novas versões de comportamentos surgem, indo além de simples cópias.

Segundo Bandura (Bandura, Azzi, Polydoro & Col., 2011, p. 124), "entende-se por modelação o processo de aquisição de comportamentos a partir de modelos, seja este programado ou incidental. Também se nomeia como modelação a técnica de modificação de comportamento com o uso de modelos."

As aprendizagens (mudanças) podem ser consequências de reforçamento positivo, uma forma de controlar o comportamento pela adição de um estímulo ao ambiente, quando a contingência de reforço (relação entre o organismo e o ambiente) se estabelece de modo a aumentar a probabilidade do comportamento que a produziu. O reforço é estabelecido no contexto de determinada contingência, de acordo com a ontogenia e o ambiente social dos organismos envolvidos. O que é reforçador para uma pessoa, não o é, necessariamente, para outras pessoas, nem mesmo para a mesma pessoa diante de contingências diferentes. Uma consequência reforçadora pode ocorrer em seguida a respostas que tenham diferentes

_

³ Sabe-se que ambos os aspectos, comportamentos emergentes e sociais, foram abordados pela Análise do Comportamento, respectivamente pelo Paradigma da Equivalência (Sidman & Talby, 1982) e, pela abordagem de Glenn (1991) a fenômenos culturais.

topografias, mas com a mesma função reforçadora (as denominadas classes de respostas, Catania, 1999; Skinner, 1953/1981).

Aprendizagens também acontecem quando o comportamento é controlado por consequências que podem aumentar ou diminuir a probabilidade de que ele ocorra novamente pela subtração de um estímulo do ambiente (aversivo). Nesse caso, temos o reforço negativo e a punição positiva e negativa. No caso do reforço negativo, há o aumento da probabilidade do comportamento voltar a ocorrer no futuro pela retirada do aversivo. No caso da punição, seja positiva, seja negativa, pode ocorrer a diminuição da probabilidade do comportamento ocorrer, pela adição de um estímulo aversivo ou pela subtração de um estímulo reforçador (Catania, 1999; Sidman, 2001/2011; Skinner, 1953/1981, 1969/1984).

O controle do comportamento exercido pelo reforçamento positivo tem um efeito significativo em termos educativos, ao aumentar a frequência de determinados comportamentos adequados (o que se quer reforçar) em detrimento de outros comportamentos considerados inadequados pelo grupo familiar ou pelo grupo social mais amplo. O controle aversivo, no reforçamento negativo, tem como consequências os comportamentos de fuga e esquiva (Catania, 1999; Sidman, 2001/2011; Skinner, 1953/1980).

O comportamento operante de fuga se estabelece concomitantemente a um estímulo aversivo, eliminando-o. Já o comportamento operante de esquiva ocorre de forma a evitar um estímulo aversivo que ainda não aconteceu. Dessa forma, tem a função de afastar o organismo de possíveis reforçadores positivos, com os quais evita contato.

Sidman (2001/2011) ilustra esta questão ao afirmar:

Esta é a base para a distinção entre fuga e esquiva. Algo ruim tem que acontecer antes que possamos fugir; ao fugir, colocamos um fim a uma situação ruim. Esquiva impede que um evento indesejado aconteça, em primeiro lugar. Esquiva bem sucedida mantém afastados os choques, tornando a fuga desnecessária (p. 136).

A punição é praticada pela imediaticidade de seus efeitos sobre a supressão de comportamentos inadequados em comparação com o tempo necessário para se estabelecer comportamentos adequados pelo reforçamento positivo. Porém, os subprodutos do controle aversivo como instrumento de coerção vão além dos comportamentos de fuga e esquiva.

Diante das punições, pode ocorrer na pessoa punida a eliciação (condicionamento respondente) de respostas emocionais desconfortáveis, como taquicardia, ansiedade, tremor, palidez ou choro, dentre outras que, ao serem emitidas, podem também se tornar aversivas para a pessoa que pune (Skinner, 1953/1981).

Outro efeito colateral da punição é a supressão de outros comportamentos adequados, além dos inadequados, que se pretendia punir (Sidman, 2001/2011; Skinner, 1953/1981). Por exemplo, se uma criança, ao brincar com os primos na casa dos avós, sem querer, enquanto brinca, machuca a prima e apanha por isso na frente de todos, ela pode parar de brincar, o que não era o comportamento foco da punição.

De acordo com Skinner (1953/1981), quando a punição é gerada de modo intermitente, o punido sofre um conflito de não saber quando será ou não punido, e é possível ver um efeito contrário à aprendizagem de comportamentos adequados. A punição também pode gerar no punido raiva, medo ou frustração, quando surgem respostas incompatíveis nas classes de respostas que levam à punição e a resposta que a evita. "O comportamento de repressão gerado,... muitas vezes tem pouca vantagem sobre o comportamento que reprime." (Skinner, 1953/1981, p. 208).

Outro efeito disfuncional da coerção punitiva é o contracontrole, isto é, quando a pessoa punida passa a apresentar um comportamento que a afasta das contingências de punição, sem suprimir a resposta que o agente punidor queria eliminar (Skinner 1953/1981). Um exemplo clássico do contracontrole no comportamento social é a mentira.

1.5. Contingências do Comportamento Verbal sobre o Comportamento não Verbal

O presente estudo não pretende aprofundar-se no tema do Comportamento Verbal, mas considera fundamental abordar o tema, ainda que de forma modesta para sua grandiosidade. Os grupos de Orientação de Parental pressupõem mudanças nos comportamentos dos pais, que comumente são medidas por meio de inventários e questionários e, assim, são medidas por comportamento verbal, o que significa pela análise do comportamento serem medidas indiretas, e não diretas, pois não configuram em observações diretas dos comportamentos dos pais "in loco" (Hübner, 2013).

No entanto, mesmo sendo medidas por comportamento verbal, os dados podem indicar comportamentos não verbais dos pais, tendo em vista a literatura que estuda a relação entre comportamento verbal e não verbal, em que muitos estudos corroboram que, mudando o comportamento verbal, o comportamento não verbal muda também⁴ (Hübner & Austin & Miguel, 2008; Hübner, 2013).

Segundo De Rose (1997, in Hübner, 2013), se a análise do Comportamento lida progressivamente com comportamentos humanos complexos, é fundamental se trabalhar com o comportamento verbal, principalmente porque, por meio do comportamento verbal, é possível modificar o comportamento não-verbal (De Rose, 1997). Ainda segundo esse autor, uma das funções do relato verbal na Análise do Comportamento é que ele pode ser um objeto de estudo e, como qualquer outro comportamento verbal ou não verbal, pode ser mantido e controlado por reforçamento, modelagem, instrução ou pela audiência.

A compreensão dos operantes verbais favorece a discussão sobre os possíveis efeitos de mudanças nos comportamentos dos pais após as participações nos grupos de orientação parental, por meio do comportamento verbal, modelando o comportamento não verbal, especificamente sob os efeitos do operante autoclítico sobre comportamentos não verbais (De Rose, 1997; Hübner, 2013). Para Hübner, "O operante verbal autoclítico, quando apresentado em uma condição antecedente a uma resposta, pode exercer efeitos persuasivos sobre essa, alterando a função de estímulos verbais que o acompanham" (Hübner, 2013, p. 1).

Outro aspecto importante com relação ao comportamento verbal, apontado por Hübner (2015), é a sua relevância para as práticas do psicólogo clínico, "como uma tentativa de instalar ou alterar comportamentos não-verbais relevantes a partir de conversas entre cliente e terapeuta" (Salzinger, 2003 in Hübner, 2013, p. 19). No mesmo sentido, pode-se considerar que as interações verbais entre experimentador e participantes (por exemplo, como no caso do grupo de pais), são um episódio verbal com possível efeito da modelagem (Hübner, 2013).

⁴ Refere-se aqui aos onze estudos do Laboratório de Estudos de Operantes Verbais – LEOV, do Instituto de Psicologia da USP, área de Psicologia Experimental, sob coordenação da Profa. Dra. Maria Martha Hübner, desde 2003 (Hübner, 2013). Os estudos foram feitos com crianças e adolescentes Os resultados da maioria dos estudos indicam que os efeitos de estímulos verbais com autoclíticos sobre o comportamento não verbal a eles relacionado são, em geral, transitórios, mais facilmente observados em crianças do que em adultos e em

respostas de baixo custo para o participante (Hübner, 2013).

-

Skinner (1957) propôs o termo comportamento verbal como um operante (mantido por reforçamento) para abarcar o estudo da "linguagem" de acordo com os princípios da análise do comportamento, que pressupõe a interação contínua entre o organismo e o ambiente (agora denominado ambiente verbal), caracterizado pela mediação entre um ouvinte e um falante, o "episódio verbal", que é uma contingência social (Hübner, 2013; Catania, 1999; Hübner 1997).

Conforme define Skinner (1957),

O comportamento verbal é modelado e mantido por um ambiente verbal por pessoas que respondem ao comportamento de certo modo por causa das práticas do grupo do qual são parte. Essas práticas e a interação resultante entre o falante e o ouvinte abarcam o fenômeno que está sendo considerado aqui sob a rubrica de comportamento verbal (Skinner, 1957, p. 226).

Segundo Hübner (2013), a obra *Verbal Behavior* (1957) é considerada de suma importância ao Behaviorismo Radical e à Análise do Comportamento, mas ao ser publicada enfrentou algumas dificuldades, como o fato de se tratar de um texto de leitura complexa, que demanda estudos aprofundados (Day, 1980, in Hübner, 2013), ou o fato de que não apresenta dados empíricos, algo questionável no âmbito de um estudo Behaviorista. No decorrer dos anos, as produções acadêmicas sobre o tema e as investigações empíricas na área de estudos do Comportamento Verbal tiveram grande repercussão (Matos, 1991; Hübner, Miguel & Michael, 2005; Hübner, 1997; 2013).

Os efeitos do comportamento verbal no ambiente dependem da mediação entre o falante e o ouvinte, em uma contingência social, em que a fala de um pode ser estímulo reforçador e/ou estímulo discriminativo para a fala do outro e, por isso, são considerados indiretos sobre o ambiente. Já o comportamento não verbal tem efeitos diretos sobre o ambiente. (Skinner, 1957; Hübner, 2013).

De acordo com Catania (1999), a modelagem do comportamento verbal é importante para modificar o comportamento humano. O autor afirma que o comportamento verbal, modelado por contingêncas, é também acompanhado por um comportamento não verbal (modelado por consequências) correspondente. Já o comportamento governado por regras, ele verbal ou não verbal, é menos sensível às suas consequências.

Ainda para Catania (1999), a correspondência entre o que fazemos e o que dizemos pode ser contingenciada de modo reforçador pela comunidade verbal e, assim, o

comportamento pode ser modificado por modelagem do que se diz sobre o próprio comportamento (mais do que seria modificado por instrução de como se comportar). Segundo o autor, a fala instalada por modelagem leva o falante a interpretá-la como originalmente sua, o que aumenta o efeito persuasivo da fala. Já na fala instruída, o fato do autor da instrução ser o outro pode diminuir o efeito persuasivo.

Por exemplo: nos grupos de orientação de pais, falas inicialmente instruídas, ao serem repetidas pelos pais, podem levar a mudanças nos comportamentos não verbais deles, por aproximações sucessivas ao comportamento verbal alvo (modelagem das falas, que instaladas dessa forma são interpretadas como próprias) e em correspondência com o comportamento não verbal. Se os comportamentos verbal e não verbal emitidos correspondem e são elogiados (contingência reforçadora) por familiares ou pelo coordenador do grupo, a possível mudança no comportamento não verbal, seria uma consequência do reforço, o que é característico do comportamento não verbal e não governado por regras.

Skinner (1957) definiu os operantes verbais em dois grandes grupos. O primeiro, dos operantes de primeira ordem, denominados Ecóico, Ditado, Cópia, Textual, Tato, Mando e Intraverbal, e o segundo, dos operantes de segunda ordem, denominados Autoclíticos, que dividem-se em Autoclíticos Descritivos, Qualificadores e Quantificadores. Para o autor, os operantes de primeira ordem podem ser de dois tipos: a) quando há uma relação direta entre um contexto anterior e uma resposta, denominado "ponto-a-ponto"; b) quando não há correspondência entre a resposta e a condição antecedente. O que difere os operantes verbais são diferentes variáveis que controlam os comportamentos do falante e ouvinte (Hübner, 2013).

Apresenta-se, a seguir, uma breve explicação sobre cada um dos operantes verbais, destacando-se os Autoclíticos, que são os operantes verbais mais relevantes ao presente estudo. Na investigação dos possíveis efeitos do comportamento verbal no comportamento não verbal do ouvinte, segundo Skinner (1957, in Hübner, 2013), o autoclítico pode aumentar a precisão do controle sobre o comportamento do ouvinte.

No operante Ecóico, uma resposta vocal é controlada por um estímulo antecedente verbal auditivo, com correspondência "ponto a ponto", com similaridade formal acústica entre a resposta e o estímulo antecedente (por exemplo, uma criança dizer *LEITE*, imediatamente após a irmão dizer leite). No operante Ditado ou Transcrição, uma resposta

verbal gráfica e motora é controlada pelo estímulo antecedente auditivo, decorrente do comportamento verbal de alguém; a resposta e o estímulo antecedente apresentam correspondência ponto a ponto, mas com topografias diferentes (a aluna escreve LEITE, após a professora falar leite). O operante verbal Cópia tem como estímulo antecedente verbal um estímulo visual em forma de texto, e a resposta verbal é escrita e motora, com a topografia gráfica, "ponto-a-ponto" entre o estímulo e a resposta (por exemplo a aluna escreve LEITE, após a professora ter escrito leite no quadro negro). No operante Textual, o estímulo antecedente verbal é visual, na forma de texto, e a resposta verbal de leitura é vocal, com correspondência gráfica e acústica "ponto a ponto" (por exemplo, a aluna diz LEITE depois de ler⁵ a palavra leite no livro). O operante verbal Tato, beneficia o ouvinte mais do que o falante, e caracteriza-se por respostas vocais ou motoras controladas por antecedentes não verbais com função discriminativa (por exemplo, dizer LEITE diante de um copo com líquido branco opaco e de odor suave, comumente chamado leite). (Skinner, 1957, Hübner, 2013). O operante verbal Mando, beneficia o falante, pois especifica para o ouvinte o que o falante quer, e, segundo Skinner (1957), o Mando é reforçado por suas consequências (por exemplo, a criança diz *LEITE* e recebe da mãe um copo com leite). O operante Intraverbal é a relação de controle entre cadeias de respostas verbais (vocais, motoras ou visuais), quando o comportamento verbal de uma pessoa é um estímulo discriminativo para a resposta verbal de outra pessoa (por exemplo, dizer LEITE, diante da pergunta "o que deseja beber?").

Os Autoclíticos são operantes verbais com a principal função de modificar e precisar o efeito das relações verbais sobre o ouvinte. O operante Autoclítico, segundo Skinner (1957), refere-se a "arranjos que o falante faz de sua própria fala"; é um operante verbal de ordem superior, porque depende de outro comportamento verbal para sua ocorrência e produz efeito sobre o comportamento do ouvinte. Sua principal função é precisar "Sua principal função é modificar e precisar (ou "lapidar") o efeito das relações verbais primárias sobre o ouvinte. Em palavras diretas, o operante Autoclítico é o "falar sobre o falar" (Hübner, 2013, p. 12).

Segundo Skinner (1957), os Autoclíticos podem ser Descritivos, Qualificadores e

⁵ Segundo Hübner (2013) a leitura com compreensão difere do operante "textual" e é denominada por Skinner de "leitura" propriamente dita, que envolve emitir respostas funcionais diante do texto, indo além do

Quantificadores, conforme o efeito que exercem sobre o ouvinte (que pode ser o próprio falante). Os Autoclíticos são descritivos, quando o estímulo antecedente é uma contingência que estabelece ambiente para respostas que descrevem o comportamento do próprio falante (este estímulo antecedente pode ser de uma pergunta, ou não necessariamente), e a fala descritiva pode alterar a reação do ouvinte. Por exemplo: quando um falante diz: "eu não bebo leite" (autoclítico descritivo) diante do ouvinte, amigo que oferece um "milk-shake", a fala provocará uma reação no ouvinte e, nesse caso, pode ser uma consequência aversiva para o ouvinte que preparou a bebida para servir ao amigo.

Os Autoclíticos Qualificadores também podem alterar a reação do ouvinte, com a função de modificar o comportamento do ouvinte, quando qualificam o tato. Por exemplo: "não diga isso" (o "não", pode uma função de mando), ou "é melhor esquecer..." (o "é", qualifica a ação de esquecer). Já os Autoclíticos Quantificadores de segunda ordem afetam o ouvinte, ao indicarem quantidades do operante verbal de primeira ordem, como "não beba todo o leite de uma vez" (Hübner, 2013).

Autores afirmam que operante Tato é o mais importante dos operantes verbais devido à referência com os fatos do mundo, e apontam que, por meio do reforçamento de tatos com autoclíticos qualificadores, pode-se fazer emergir o comportamento não verbal correspondente (Skinner, 1957, De Rose, 1997, Catania, 1999, in Hübner, 2013).

Nesse sentido, vale citar ainda a questão das instruções e autoinstruções (automandos) como funcionalmente semelhantes para instalar comportamentos, mais rápido do que se fosse por modelação (Ayllon & Azrin, 1964, in Hübner, 2013), e aprende-se a descrever os próprios desempenhos (tatos) e a se comportar de acordo com o nosso desempenho.

De acordo com Hübner (2013):

Outra correspondência importante para a comunidade verbal é a existente entre o que dizemos e o que fazemos. Nesse caso, também, a correspondência pode operar em ambas as direções: se fizemos alguma coisa, podemos dizer que a fizemos e, se dissermos que faremos algo, então poderemos fazê-lo. Na medida que a comunidade verbal estabelece certas contingências para tais correspondências, podemos

modificar o comportamento não apenas por meio de instruções, mas também modelando o que se diz acerca do mesmo. Se forem reforçados tanto o dizer quanto a correspondência entre o dizer e o fazer, o fazer poderá ocorrer. Por meio de tais contingências, o próprio comportamento verbal de cada um pode se tornar eficaz como estímulo instrucional." (Hübner, 2013, p. 17).

1.6. Contingências Familiares

Trabalhos com famílias e filhos abarcam desafios relacionados a aspectos ontogenéticos e culturais e requer ainda a contextualização da família no grupo social. Pais, educadores e terapeutas possuem o controle de reforçar e punir comportamentos e, infelizmente, as soluções de coerção costumam ser bem sucedidas em seu aspecto imediato, em detrimento de soluções alternativas, benéficas a longo prazo (Sidman, 2001/2011).

A dificuldade dos pais em educar os filhos, ainda que atual, é recorrente nas últimas décadas. Estudos apontam que deixaram os pais inseguros diante da educação dos filhos Tanto em decorrência da mulher cada vez mais atuante no mercado de trabalho quanto a outras contingências da sociedade moderna. (Biasoli-Alves, 2000, in Salvador, 2012). As mudanças culturais e sociais são marcantes, principalmente a partir dos anos 60 do século XX, as quais promoveram a modificação dos papéis familiares, antes definidos no tocante a quem cuida, quem educa, leva para escola ou alimenta (Salvador, 2012).

Weber, Salvador e Brandenburg (2011) destacam que o modelo de intervenção de treinamento de pais, por meio da promoção de um "ambiente controlado de aprendizagem tem como um dos principais objetivos interromper a interação coercitiva que se estabelece entre pais e filhos e promover padrões de interação mais positivos (...) e educativos" (Weber, Salvador e Brandenburg, 2011, p. 9-10).

A aceitação da necessidade de modificação das contingências familiares é um passo fundamental no relacionamento e constitui-se em uma base para a busca de caminhos para uma interação familiar com mais qualidade para todos.

Sidman (2001/2011) afirma:

Tornamo-nos pais sem que ninguém nos tenha ensinado como dar contra desta responsabilidade. Aprendemos rapidamente que as crianças fazem exigências especiais. A punição pode produzir a paz que pais desesperados necessitam — às custas dos inevitáveis efeitos colaterais — mas não oferece à criança qualquer

caminho alternativo de ação. Os pais que reagem não com a punição, mas oferecem às suas crianças oportunidades para o recebimento de reforçadores positivos, deparam-se com crianças felizes, autoconfiantes e competentes. (Sidman, 2001/2011, p. 250-251).

Análises de programas de treinamento comportamental de pais ajudam as famílias na lida com problemas comportamentais dos filhos, de forma preventiva, promovendo o autoconhecimento dos pais sobre as contingências que controlam seus próprios comportamentos. Ao conseguir analisar as variáveis das quais seus próprios comportamentos são função, os pais ficam aptos a modificá-los, e surge a possibilidade de uma nova configuração como modelo familiar positivo para as próximas gerações (Weber, 2005; Silvares & Souza, 2008; Conte e Regra, in Silvares, 2013; Rocha e Brandão, 1997; Weber e Dessen, 2011).

A indicação de programas de treinamento de pais, diante das queixas relacionadas aos filhos, está em consonância com os princípios da análise do comportamento, ao atentar para os aspectos contextuais, determinantes e mantenedores dos comportamentos de pais e filhos, como alvos de intervenção (Marinho, in Silvares, 2013).

Deve ser estabelecido um modelo de parceria entre os pais e o profissional, com o objetivo de atender às necessidades dos pais e filhos; a família, sob esse enfoque, deixa a posição de "subserviência a profissionais, para um papel decisivo na tomada de decisões, passando a assumir maior participação no planejamento do atendimento oferecido a seus filhos". Os pais precisam se sentir competentes na educação de seus filhos (Williams e Aiello, 2001, p. 21).

Nesse sentido, Williams & Aiello (2001) destacam a importância do fortalecimento do relacionamento entre pais e filhos como forma de tornar as famílias mais competentes e independentes na solução de problemas diários que surgem durante o desenvolvimento de seus filhos. Mas existem desafios a serem superados pelo terapeuta para a otimização do trabalho, como analisar situações em que os pais têm dificuldades de generalizar os conteúdos trabalhados no grupo para o contexto da prática parental cotidiana e ainda as dificuldades de manutenção dos comportamentos adquiridos com o passar do tempo, entre outros (Marinho, in Silvares, 2013).

Gomide (2009) define a monitoria positiva dos país como uma ferramenta de ensino que estabelece ambiente para os filhos se tornarem seguros em um ambiente de

relações afetivas positivas e harmônicas. Ao atentar para aspectos positivos do comportamento dos filhos, os pais enfraquecem comportamentos negativos. Os filhos se sentem mais seguros e capazes, o que afasta sentimentos de incapacidade e desesperança, "associados ao surgimento da depressão infantil" (Gomide, 2009, p. 52).

Monitorar em lugar de fiscalizar favorece sentimentos de autoconfiança e de confiança entres os familiares, e permite que os filhos adquiram repertórios sociais apropriados, na convivência social extragrupo. "Por meio destes contatos fora da família eles poderão checar e discutir seus valores, reafirmar suas convições e trazer dúvidas para conversar com os pais" (Gomide, 2009, p. 61).

Muitas vezes, os pais não dispõem de um repertório favorável para o desempenho de monitoria positiva, e a participação em programas de treinamento em grupos é uma forma de desenvolver habilidades sociais e aprender novas respostas. Gomide (2011; 2009) aponta que a monitoria positiva requer que os pais demonstrem interesse pelas atividades dos filhos, elogiem, evitem broncas em locais públicos, promovam entendimento, reflexão e autocrítica diante de comportamentos considerados inadequados, falem e saibam ouvir (Gomide 2009).

Weber (2005) destaca que programas de orientação de pais podem ensinar estratégias de prevenção e que funcionam melhor quanto mais cedo se aplicarem a famílias com filhos crianças. Mas o comportamento de investimento parental, que pressupõe pais presentes, para terem sucesso na educação de filhos com autonomia e confiança, pode ser aprendido e praticado em diferentes momentos, com as devidas consequências contextuais. Nesse sentido, Weber (2005, p. 15) faz referência à aceitação dos próprios erros como instrumento de mudança (aprendizagem): "(...) é possível aprender a mudar algumas atitudes suas e, por consequência, ensinar seus filhos. Todo mundo erra e já errou".

Nessa reflexão, é crucial referir-se ao sentido do verbo perdoar, conforme Willians propõe (in Gomide, 2010) sobre a importância na prática terapêutica de ajudar os clientes a desenvolverem a "raiva compreensiva" que permite perceber e compreender o outro.

'desculpas' ou 'excusas', palvras mágicas no sentido de abrir portas para um melhor convívio social, pois quando utilizadas nas relações familiares, escola ou mesmo no trabalho, tem o poder de evitar o acirramento de conflitos." (Willians, in Gomide 2010, p. 203)

Às vezes, "erra-se tentando acertar", frase popular que bem se aplica à relação de pais e filhos. Tanto uns quanto outros precisam aprender que padrões de comportamento são produto da história de cada um e de contingências, e assim contextualizados são passíveis de compreensão, aceitação e perdão.

1.7. Intervenção Terapêutica

O atendimento terapêutico em grupo baseia-se na premissa de que a troca de informações e experiências entre os participantes do grupo e o terapeuta (ou os coterapeutas) pode ter um efeito facilitador para a mudança de comportamentos que levam às situações problema. O ambiente social que o grupo impõe favorece a repetição das práticas nas relações extragrupo, e a aprendizagem no grupo, por modelagem e modelação, comportamentos desejáveis e habilidades sociais adequadas ocorrem e são reforçados e consequenciados na prática grupal (Del Prette, & Del Prette, 2001).

De acordo com Kerbauy (in Delitti & Derdyk, 2008) relatos apontam que a abordagem comportamental planejada promove a melhora nos sintomas. Nessa abordagem, o terapeuta reforça a emissão de comportamentos adequados, a expressão de sentimentos e solidariedade entre os membros de grupo, promove a melhora nos sintomas.

Um importante fator a ser considerado ao se discutir a prática terapêutica em grupo é a possibilidade de reprodução de desempenhos praticados no convívio social. É uma situação que, embora monitorada e planejada, assemelha-se ao ambiente natural no tocante à repetição de padrões de comportamentos emitidos no relacionamento interpessoal e facilita a generalização do que é aprendido, por meio de observação e de participação direta, com troca de informações e exposição de opiniões (Delitti, 2008; Kerbauy, 2008).

Os participantes de um grupo podem estabelecer relações recíprocas de reforçamento e, por meio de processos de modelagem, podem produzir e receber consequências reforçadoras entre si, e pode-se falar em contingências entrelaçadas (Glenn, 1988), considerando que o comportamento de um membro do grupo pode ser antecedente para o comportamento das outras pessoas envolvidas no grupo.

A terapia em grupo pode fazer parte de uma proposta terapêutica mais ampla, de acordo com as necessidades dos clientes e ser indicada como uma etapa posterior aos atendimentos individuais ou mesmo ser concomitante a estes. Por exemplo, no caso de

clientes ansiosos, que apresentam fobia social, ou outros quadros diagnósticos em que se observam comportamentos de esquiva de intimidade (Kolombeck & Tsai, 2006) e convívio social pode ser difícil inicialmente, e, consequentemente, difícil aceitarem a proposta de terapia em grupo.

Mesmo diante desses casos, a proposta de intervenção em grupo pode ser mais efetiva, como facilitadora no enfrentamento, manejo ou alteração de contingências aversivas nas interações pessoais.

De acordo com Brandão (1999), o terapeuta tem, no trabalho de grupo, um instrumento favorável às modificações de padrões comportamentais inadequados do cliente, e, por meio das interações verbais, pode rever regras e passar a responder mais adequadamente às contingências da interação interpessoal no grupo.

Na terapia é possível estabelecer um paralelo entre as mudanças do cliente em sessão, com as mudanças que ocorrem em decorrência da interação social mais ampla, fora da terapia. Nesse sentido, aprende-se a fazer uma análise funcional que capacita o cliente a exercer um controle adequado de situações que lhes apresentaram como problemas.

É possível afirmar que a terapia de grupo potencializa situações de interação social transformadoras. Com a presença do terapeuta como agente capacitador, a terapia leva o cliente a analisar funcionalmente seu comportamento e conhecer as variáveis que o controlam.

É o que afirma nesta direção, Delitti (2008):

No grupo, as regras decorrentes da história de vida dos diferentes indivíduos podem ser evidenciadas, questionadas e utilizadas como modelos para novos repertórios. É uma excelente oportunidade para o indivíduo observar e refletir sobre a sua própria habilidade social." (Delitti, 2008)

Além dos benefícios que o grupo fornece ao cliente pela exposição dos participantes a um ambiente relacional rico em informações e modelos, há que se considerar sua utilidade nos serviços públicos de saúde como um recurso de economia. Trata-se de um instrumento de trabalho que permite maior eficácia frente à demanda do psicólogo e de outros profissionais da saúde, que podem desenvolver programas de grupos terapêuticos, educativos e de orientação multidisciplinar.



Figura 3 – Níveis de abrangência da Análise do Comportamento Aplicada a Pais – PCOP (Callonere & Hübner, no prelo) no contexto da Promoção da Saúde* (Leavell e Clark, 1965, in Czeresnia, e Freitas, 2003) na Saúde Pública.

Ainda que este estudo não pretenda abarcar o complexo âmbito dos conceitos de Promoção ou Prevenção da Saúde na Saúde Pública, vale destacar o modelo de três níveis de prevenção na história natural da doença. Com relação ao nível de Prevenção primária, citam-se procedimentos dirigidos para o bem-estar geral. Eles se referem, entre outros procedimentos, a medidas educacionais sob a forma de aconselhamentos individuais ou em grupos, abrangendo educação sexual e orientação pré-nupcial, higiene e moradia, em condições adequadas no ambiente de trabalho (Czeresnia e Freitas, 2003).

Segundo esses autores, o conceito de "Promoção da saúde refere-se a medidas que servem para aumentar a saúde e o bem estar gerais", e ao abordar a questão, os autores propõem a "reconfiguração da educação (comunicação) nas práticas de saúde", o que vai ao encontro de propostas psicoeducativas como a criação de Programas Comportamentais de Orientação de Pais entre outros, a partir das demandas clínicas em serviços de

⁶ Conceito de Promoção da saúde com tres níveis de Prevenção: Prevenção Primária, Secundária e Terciária. Proposto por Leavell e Clark (1965, in Czeresnia, e Freitas, 2003).

Psicologia e Psiquiatria no Serviço Público, aproximando-se do conceito de Promoção da Saúde como medidas que servem para aumentar a saúde e o bem estar.

Essas propostas psicoeducativas dos Programas Comportamentais favorecem o trabalho dos profissionais de equipes multidisciplinares, uma vez que promovem a melhora da comunicação entre os profissionais e os participantes (clientes), por meio da modelagem de comportamentos adequados e desenvolvimento da empatia, dentre outros benefícios.

Ainda sobre esse assunto, a aplicação desses programas comportamentais em grupos não se sobrepõe às possíveis outras terapias individuais com outros profissionais da equipe, pois se trata de um importante instrumento para promoção do autoconhecimento e da compreensão da função dos próprios comportamentos e dos filhos.

Os grupos podem ser coordenados ou liderados por um único terapeuta ou em coterapia, o que pode ser de grande valia no controle e acompanhamento do andamento do trabalho, além de ser um bom recurso de formação de terapeutas que, trabalhando ao lado de colegas mais experientes, melhor desenvolvem novos repertórios comportamentais (Derdyk e Sztamfater, 2008).

Os recursos técnicos e pessoais do terapeuta de grupos não diferem do aparato que qualquer terapeuta possui, tais como conhecimento técnico e teórico, cultura geral, ser informado, fazer ou ter feito terapia pessoal, ter boa habilidade social, experiência, entre outras características

O ambiente em que os encontros do grupo acontecem precisa ser calmo, silencioso, limpo, confortável, com circulação de ar adequada e com dimensões proporcionais ao número de participantes.

Os grupos são formados conforme os objetivos de trabalho do terapeuta e podem ser educativos e terapêuticos ou ter as duas funções ao mesmo tempo, de acordo com a proposta definida. Algumas formas de trabalho com grupos, dentre várias possibilidades de aplicação da proposta, podem ser de um grupo didático e com programação fechada ou pré-definida, ou um grupo didático e terapêutico, multidisciplinar e com programação específica definida pelo profissional. Por exemplo: um grupo de emagrecimento com a participação de nutricionistas ou endocrinologistas além dos psicólogos, ou ainda um grupo terapêutico não-dirigido, ou ainda um grupo terapêutico e didático, dirigido e definido de acordo com um programa específico e com espaço para discussões, conforme

temas escolhidos pelos clientes, como no caso do presente estudo (Pichon-Rivière, 1986; Delitti, 2008, Derdky e Sztamfater, 2008).

O presente estudo, baseado no "Programa de Qualidade na Orientação Familiar" (Weber, Salvador & Brandenburg, 2006/2011), pretende avaliar se a aplicação programada de orientação de pais em um Hospital Escola é efetiva em mudanças comportamentais nas relações familiares entre pais e filhos. Pretende, ainda, avaliar esta proposta de atendimento como forma a aperfeiçoar os serviços de psicologia em um modelo econômico, com enfoque preventivo e mais abrangente das necessidades da população.

Trata-se de pesquisa experimental, composta por dois experimentos, com o objetivo de estabelecer as relações funcionais entre as variáveis experimentais (independentes) e as variáveis de observação (dependentes), ou seja, a relação funcional entre a participação no grupo de orientação de pais e a ocorrência de mudança positiva na qualidade de interação familiar.

2. MÉTODO - ESTUDO 1

Saber controlar as variáveis é uma das habilidades mais complexas e importantes em uma pesquisa científica. No projeto, o cientista prevê e programa como irá fazê-lo, sempre levando em conta que os fenômenos são multideterminados. (Hübner, 1998^a, p. 45).

O presente estudo teve início com a proposta de aplicação de um Programa Comportamental de Orientação Familiar (PCOF), baseado no Programa de Qualidade na Interação Familiar (PQIF), segundo os preceitos de Weber, Salvador & Brandenburg (2011). No decorrer da pesquisa, foi desenvolvido o Programa Comportamental de Orientação de Pais (PCOP). Definiu-se a aplicação e análise do PCOF como Estudo 1 e a Aplicação e análise do PCOP, como Estudo 2⁷- Serviço Prestado (Anexo 1, p. 76), apresentado após a análise dos resultados do PCOF.

O Programa de Orientação Comportamental de Pais foi desenvolvido com base no "Programa de Qualidade na Orientação Familiar" (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011), com o objetivo de treinar pais para o manejo nas interações com os filhos e pretendeu avaliar se a aplicação do programa em um Hospital Escola seria efetiva em mudanças comportamentais nos relações familiares entre pais e filhos. Buscou, ainda, avaliar os efeitos dessa proposta de atendimento como um modo de aperfeiçoamento dos serviços de Psicologia do Hospital, em um modelo econômico, com redução no número de encontros, com enfoque psicoeducativo, como o programa no qual se baseou, mas diferenciando-se pelo maior enfoque aos conceitos teóricos da Análise do Comportamento; configurou-se em um treinamento parental para o manejo de situações cotidianas na convivência e educação dos filhos.

2.1. Participantes

⁷ O Estudo 2 configurou-se como um serviço prestado ao hospital, baseando-se nos dados do Estudo 1 e com adaptações justificadas na seção de procedimentos do referido estudo. Por se configurar como um serviço, não se submeteu o estudo 2 ao comitê de ética em pesquisa, embora tenha-se tomado todos os cuidados referentes à ética. Por se tratar de um serviço em análise do comportamento aplicada, tal como prescreve seus princípios, dados foram coletados, registrados, gráficos foram construídos e análises foram feitas. Nesse sentido, optou-se por apresentar o estudo 2 (serviço prestado) como parte da presente tese, pois considera-se

Foram convidados a participar da pesquisa os pais de crianças e pré-adolescentes, na faixa etária de dois a onze anos de idade, que utilizavam os serviços de saúde do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo e estavam em atendimento ou fila de espera para atendimento psicológico dos filhos no curso de Terapia Comportamental. Esses pais foram convidados a participar da pesquisa depois de serem encaminhados por profissionais do hospital - pediatras, neurologistas, psiquiatras, psicólogos e neuropsicólogos. Havia diferentes demandas de atendimento clínico, mas todos os que participavam tinham em comum queixas de comportamentos inadequados dos filhos nas escolas ou em suas casas, com repercussão negativa na interação familiar.

O encaminhamento para participação no Programa Comportamental de Orientação Familiar (PCOF8) decorreu das avaliações dos profissionais anteriormente citados, com a expectativa de que o PCOF poderia evocar mudanças comportamentais na relação entre pais e filhos, conforme a proposta do "Programa de Qualidade na Interação Familiar" (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011) detalhado adiante (apresentado em Sessões, página 40).

Conforme ocorreram os encaminhamentos, foram formados dois grupos de pais, que constavam de, no máximo, quatro casais cada, que aceitaram submeter-se à aplicação do PCOF. Um grupo de pais foi designado aleatoriamente para o Grupo Experimental I⁹ e outro para o Grupo Controle¹⁰. Cada grupo teve início com o mesmo número de casais participantes, porém nem todos permaneceram até o final da pesquisa.

Na Tabela 1 estão elencadas as iniciais dos pais que aceitaram participar da pesquisa, divididos nos dois grupos (GE I e GE II), com os prenomes modificados por respeito ao sigilo. Também estão elencados os prenomes modificados e as idades dos filhos(as) que motivaram os encaminhamentos para o PCOF e dos demais filhos

que os resultados encontrados corroboram a principal tese aqui defendida: que os Programas de Orientação de Pais (PCOF e PCOP) são viáveis e produzem mudanças no comportamento dos pais.

⁸ Daqui em diante o Grupo de Participantes da Pesquisa será identificado como PCOF-Programa Comportamental de Orientação Familiar, baseado no "PQIF-Programa de Qualidade na Interação Familiar".

⁹Daqui em diante Grupo Controle será indicado como GC, Grupo Experimental I, como GE I e Grupo Experimental II, como GE II.

¹⁰ O Grupo Controle do GE I, depois se torna o GE II.

referenciados por gênero e idade. A indicação numérica das famílias teve apenas efeito didático e de acordo a ordem de chegada preenchimento da ficha de inscrição (Anexo 2).

Tabela 1 – Identificação dos Participantes

GE I					
PARTICIPANTES	IDADES	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	FILHOS
PE1 - A.M.	44 anos	Casado	Funcionário Público	Segundo grau	G. ∂10anos/ ♀ 19anos
PE2 - M.M.	44 anos	Casada	Vendedora	Segundo grau	G. ♂10anos /♀ 19anos
PE3 - S.Q.S.	31 anos	Solteira	Funcionária Pública Municipal	Superior	M. & 9anos
PE4 - W.L.D.	46 anos	Casado	Auxiliar de museu	Superior	M. ♂ 8anos
PE5 - Y.M.R.D.	39 anos	Casada	Auxiliar de enfermagem	Segundo grau	M. 👌 8anos
PE6 - Y.B.S	40 anos	Casada	Dona de casa	Segundo grau	♀4a /T. ♂ 7anos/♂12anos
PE7 - R.S.	39 anos	Casado	Funcionário Público	Segundo grau	♀4anos /T. 7anos/♂12 anos
GC – GE II					
PARTICIPANTES	IDADES	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	FILHOS
PC1 - I.S.	34 anos	Casada	Dona de Casa	Segundo grau	∂ 3anos/J. ∂6anos
PC2 - J.P.G.P.	31 anos	União Estável	Engenheira Elétrica	Doutoranda	♀2anos /X. ♂6anos/ ♂7anos
PC3 - V.V.G.	31 anos	União Estável	Engenheiro Elétrico	Doutor	♀2anos /X. ♂6anos/ ♂7anos
PC4 - M.L.F.S.	51 anos	União Estável	Secretária	Segundo grau	I. ∂9anos/∂17anos
PC5 - M.C.S	52 anos	Casada	Auxiliar de enfermagem	Segundo grau	J. ♂10anos
PC6 - A.F.	27 anos	Solteira	Comerciante	Ensino médio	R. ∂10anos

2.2. Local

As sessões experimentais ocorreram nas dependências do Hospital Universitário

da Universidade de São Paulo (HU), tanto para a realização dos oito encontros semanais quanto para um primeiro encontro para preenchimento da ficha de inscrição, leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e aplicação dos instrumentos (apresentados na seção de Materiais) aos participantes dos PCOF (Pré-teste e Pós-teste com GE I e com GE II).

As tarefas propostas aos pais (GE I e GE II), correspondentes aos temas de cada encontro, foram realizadas nas respectivas residências e, posteriormente, apresentadas nas sessões experimentais seguintes.

2.3. Materiais

Nas inscrições (realizadas dois dias antes do início do PCOF do GE I) cada participante (GE I e GC) recebeu uma pasta contendo ficha de inscrição (Anexo 2), duas folhas de autorização para gravação e filmagem dos encontros (Anexo 5) e folhas com os Questionários: *Questionário da "Escala de qualidade de interação familiar EQIF*¹¹", (Anexo 7), o "*Inventário de Estilos Parentais*", *IEP*¹² (Anexo 8), o "*Questionário de Qualidade de Vida Whoqol-Breve*¹³ (Anexo 9) e duas folhas com o TCLE (Anexo 3). Todo o material foi preenchido e devolvido no dia e local, com exceção da cópia assinada do TCLE entregue para cada participante.

Cada participante (GE I e GE II) recebeu no primeiro encontro da sessão do PCOF uma pasta com nome (que seria usada em todos os encontros), a qual continha os seguintes materiais: papel sulfite (dez folhas), lápis com borracha, duas canetas esferográficas (uma azul e outra colorida), ficha com nome, telefone e endereço eletrônico da pesquisadora, o cronograma dos oito encontros (datas e temas) e a indicação da sala dos encontros. Foram utilizados outros materiais como cola, revistas, tesoura, cartolina, aparelho de som, material fotocopiado de textos com tarefas (Anexo 6), bombons, novelo

¹¹Instrumento de medida desenvolvido e apresentado pelas autoras, no "Programa de Qualidade de Interação Familiar".

¹²Instrumento de medida desenvolvido e apresentado por Gomide (2006) no "Inventário de Estilos Parentais IEP".

¹³Instrumento abreviado de medida de Qualidade de Vida desenvolvido por Fleck et al. (2000), para a <u>OMS</u> no Brasil pelo Grupo de Estudos em Qualidade de Vida do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Originalmente em versão completa pelo *Whoqol Group*, OMS (1998).

de lã e barbante, os quais eram disponibilizados pela pesquisadora a cada encontro específico (tal como será apresentado no detalhamento dos temas do PCOF).

Um dos instrumentos escolhidos para avaliação neste estudo, o questionário *EQIF* desenvolvido pelas autoras Weber, Salvador e Brandenburg (2011), "é um instrumento que avalia se as relações familiares são caracterizadas por maior ou menor qualidade" (Weber, Salvador e Brandenburg, 2011, p. 99). São quarenta questões em sistema *Likert* de cinco pontos (nunca, quase nunca, às vezes, quase sempre e sempre), agrupadas em nove escalas que avaliam práticas parentais, sentimento dos filhos em relação aos pais e clima conjugal positivo e negativo (Weber & Dessen, 2011). Três das escalas medem práticas consideradas prejudiciais para o desenvolvimento infantil (*Punição Corporal, Comunicação Negativa e Clima Conjugal negativo*). As outras seis escalas (Relacionamento Afetivo e Envolvimento, Regras e Monitoria, Comunicação Positiva dos filhos, Clima Conjugal Positivo, Modelo Parental e Sentimentos dos filhos) medem práticas com consequências saudáveis para os filhos (Weber & Dessen, 2011).

Durante a elaboração do *EQIF* (*Anexo* 7), com o objetivo de ratificar a confiabilidade interna do instrumento, várias alterações foram feitas pelas autoras (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011) até o formato de quarenta questões e nove itens utilizado neste estudo. O EQIF "foi elaborado com o objetivo de detectar um contexto familiar de proteção ou risco. A construção do EQIF se deu pela necessidade de um instrumento brasileiro que avaliasse práticas educativas parentais com outros aspectos de interação familiar" (Weber & Dressen, 2011).

As escalas são nomeadas e compostas pelas seguintes questões: Relacionamento Afetivo e Envolvimento (questões 1, 9, 17, 19, 26, 27, 30 e 35); Regras e Monitoria (questões 18, 28, 36 e 39); Punição Corporal (questões 20, 31 e 37); Comunicação Positiva dos filhos (questões 4, 12 e 22); Comunicação Negativa dos pais (2, 5, 10, 13 e 32); Clima Conjugal Positivo (questões 6, 14, 23, 33 e 38); Clima Conjugal Negativo (questões 3, 11, 21 e 29); Modelo Parental (questões 7, 15 e 24) e Sentimentos dos filhos (questões 8, 16, 25, 34 e 40).

O *EQIF* (o modelo do questionário entregue aos participantes está apresentado no Anexo 7) é composto por quarenta questões, avaliadas de acordo com as respostas dos pais quanto à frequência de seu comportamento ou de seu filho, segundo a numeração de um a cinco (1, nunca; 2, quase nunca; 3, às vezes; 4, quase sempre e 5, sempre). As três escalas

que medem práticas prejudiciais para o desenvolvimento dos filhos são consideradas com escore invertido e as outras seis escalas medem práticas educativas e positivas ao desenvolvimento infantil.

Na Tabela 2 estão apresentadas as questões das "Tarefas de casa" e dos "Autorresgistros", conforme a proposta original no PQIF (Weber, Salvador & Brandenburg, 2006). Os modelos de questões de autorregistros e tarefas de casa (Anexo 6) eram entregues para os participantes nos finais de cada Encontro e devolvidos respondidos no início do Encontro seguinte. Em alguns encontros, havia "Tarefas e Autorregistros", em outros somente "Tarefas", ou ainda somente "Autorregistros".

Tabela 2 – Questões "Tarefas de Casa" e "Autorregistros"

Encontros (PCOF)	Questões Tarefas de Casa	Questões Autorresgistro
1	Aponte três regras que seu filho sempre desobedece	(Não teve Autorregistro neste Encontro).
2	Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera adequados	Observe e anote algumas ocasiões em que você conseguiu determinar e falar regras importantes de forma clara e coerente, cumprindo com a consequência determinada. Reflita se foi fácil ou difícil e como foi a reação do seu filho.
3	Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera inadequados	Anote por dois dias quantas vezes você reforçou comportamentos adequados de seus filhos e como fez isso. Como foi a reação deles?
4	Observe e anote de que forma você tem demonstrado afeto pelos seus filhos	Anote como você deu consequências para seus filhos depois de ele ter se comportado mal, e como ele reagiu diante de sua atitude
5	(Não teve Tarefa de Casa neste Encontro)	Anote pelo menos três ocasiões em que conseguiu transformar o seu amor em ação, em prática. Reflita se foi fácil ou difícil e como o seu filho reagiu.
6	Anotem três características dos seus filhos que vocês percebem em si mesmos	(Não teve Autorregistro neste Encontro).
7	(Não teve Tarefa de Casa neste Encontro).	Anote um dos comportamentos que gostaria de mudar Anote durante a semana, quantas vezes você emitiu este comportamento. Apresente alternativas, ou seja, como poderia ter agido em cada situação.

Outro instrumento de avaliação utilizado neste estudo foi o Inventário de Estilos Parentais IEP (Gomide, 2006) que mede o Índice de Estilo Parental pela avaliação das atitudes dos pais na educação dos filhos, em diferentes contextos cotidianos da vida familiar (o questionário está apresentado no Anexo 8). Conforme aponta Gomide (2006), trata-se de um instrumento com validação externa pela correlação com os Inventários de

Habilidades Sociais (IHS) (Del Prette & Del Prette, 2001), Inventário de Depressão de Beck (BDI) (Beck, 1961) e Inventário de Estresse de Lipp (ISSL), Lipp (1998). Com relação à validação interna do Instrumento foi constatado "que as questões do IEP refletem a dinâmica familiar", através da aplicação em uma amostra de 769 adolescentes e mais cinco pesquisas relevantes de acordo com Gomide (2006, p. 42).

O IEP apresenta dois modelos: um quando os pais respondem sobre as práticas educativas adotadas em relação ao filho, denominado Práticas Educativas Paternas e Maternas. Outro, quando os filhos respondem sobre as práticas educativas utilizadas por seus pais, subdividido em Práticas Parentais Paternas (quando o filho responde sobre o pai) e Práticas Parentais Maternas (quando o filho responde sobre a mãe) (Gomide, 2006). No presente estudo, optou-se por aplicar o IEP das Práticas Parentais Maternas e Paternas, cuja proposta está em consonância com os objetivos de avaliação dos efeitos no comportamento dos pais na educação dos filhos e na Qualidade de Interação Familiar após a participação no PCOP.

Gomide (2006) aponta que o modelo teórico do inventário de estilo parental abarca variáveis de comportamento "antissocial" e de comportamento "pró-social" nas 42 questões que compõem sete itens, tais como: (A) Monitoria Positiva (questões 1, 8, 15, 22, 29 e 36); (B) Comportamento Moral (questões 2, 9, 16, 23, 30 e 37); (C) Punição Inconsistente, (questões 3, 10, 17, 24, 31 e 38); (D) Negligência (questões 4, 11, 18, 25, 32 e 39); (E) Disciplina Relaxada (questões 5, 12, 19, 26, 33 e 40); (F) Monitoria Negativa (questões 6, 13, 20, 27, 34 e 41), e, finalmente (G) Abuso Físico (questões 7, 14, 21, 28, 35 e 42).

O cálculo do IEP é feito pela subtração da soma das práticas negativas (Punição Inconsistente, Negligência, Disciplina Relaxada, Monitoria Negativa e Abuso Físico) da soma das práticas positivas (Monitoria Positiva e Comportamento Moral). Assim, chega-se ao Índice de Estilos Parentais ("IEP = A+B – C+D+E+F+G"), como um escore bruto a partir das respostas Sempre, pontuadas como dois; Às vezes, pontuadas como um ou Nunca, pontuadas como zero (escala de Likert).

O terceiro instrumento de avaliação escolhido para abarcar a questão da qualidade de vida dos pais foi o Instrumento de Avaliação de Qualidade de vida WHOQOL-Breve (Fleck et al., 2000), composto por vinte e seis perguntas, das quais vinte e quatro (facetas) completam quatro itens (físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente) e duas

referem-se à qualidade de vida em geral (o questionário está apresentado no Anexo 9). As respostas seguem a escala de *Likert* (de um a cinco) e quanto maior a pontuação a qualidade de vida é melhor.

Segundo Fleck et al (2000), as características psicométricas do WHOQOL-Breve preencheram os critérios de consistência interna, validade de concorrente, validade de conteúdo e confiabilidade teste-reteste. O WHOQOL-Breve apresentou consistência interna significativa (pelo Coeficiente de Crombach), nas medidas dos itens e das Facetas.

Os itens são compostos pelas vinte e seis questões. Para calcular cada item, deve-se dividir o resultado da soma das respostas de cada questão pelo número de questões de cada item, tais como: Item Físico (questões 3, 4, 10, 15, 16, 17 e 18); Item Psicológico (questões 5, 6, 7, 11, 19 e 26); Item Relações Sociais (questões 20, 21 e 22) e Item Meio Ambiente (questões 8, 9, 12, 13, 14, 23, 24 e 25), Fleck et al. (2000).

A soma de cada faceta (valores de um a cinco na escala de Likert) será dividida pelo número de participantes e, assim, chega-se a uma média com resultados de um a cinco (como nos itens e nas duas questões sobre qualidade de vida em geral). A classificação dos resultados está definida como: Necessita Melhorar (1 até 2,9); Regular (3 até 3,9); Boa (4 até 4,9) e Muito Boa (5).

2.4. Procedimentos

Durante um contato inicial, dois dias antes do início do PCOF (GE I), com os participantes (GE I e GC) a fim de que todos pudessem avaliar a proposta de participação na pesquisa, a pesquisadora apresentou os principais procedimentos da pesquisa, como a periodicidade e duração dos encontros e algumas regras, para os participantes e para a

pesquisadora. Tais regras referiam-se a sigilo, ausência de riscos às pessoas envolvidas, amparo psicológico em caso de solicitação por parte dos participantes ou, conforme avaliação da pesquisadora, tolerância máxima de uma falta e o direito de liberdade de interromper a participação em qualquer etapa da pesquisa, sem prejuízos para os participantes. Estas regras constam do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, TCLE (Anexo 3), apresentado e assinado pelos participantes, pesquisadora e orientadora. Uma cópia foi fornecida para cada participante. Os participantes (GE I e GC) receberam no dia da inscrição (dois dias antes do primeiro encontro) um cronograma com os temas e atividades dos encontros (Tabela 3), os questionários dos instrumentos aplicados (Anexos 7, 8 e 9).

O projeto de pesquisa foi apresentado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Anexo 10), conforme os critérios da resolução 196/06 do Ministério da Saúde, submetido ao Instituto de Psicologia da USP e ao Hospital Universitário da USP (na condição de coparticipante).

2.5. Sessões

O PCOF segue os temas do *PQIF* das autoras Weber, Salvador e Brandenburg (2011)¹⁴, com pequenas alterações que serão apontadas adiante, na descrição detalhada das atividades. Na Tabela 3 estão indicados os temas e atividades dos oito encontros.

Tabela 3 – Temas e Atividades dos encontros

	Tema do Encontro	Atividades 1	Atividade 2	Atividade 3	Atividade 4	Atividade 5	Atividade 6	Atividade 7
2°	"Regras e Limites" (página 29).	Atividade "Quem vai para a Lua?"	Explicação Teórica (Tema)	Instrução de uma tarefa	Treino de Habilidades (consistênci a, empatia)	Discussão sobre dúvidas dos pais	Discussão sobre dúvidas dos pais	Explicação de tarefas e autorregistr o

Cont.

1/

¹⁴ As atividades descritas nesta sessão, correspondem às transcrições ou citações do texto original das autoras Weber, Salvador & Brandenburg (2011), com as respectivas páginas do texto original.

3°	"Consequências para Comportamentos adequados" (página 33).	Discussão sobre o autorregistro (semana anterior)	"Foco no erro"	Leitura de texto: "O cachorro e o açougueiro"	Explicação teórica	Apresentaç ão e Montagem "Quadro de Reforço"	Discussão sobre a tarefa de casa	Treino de habilidades : Elogiar
4°	"Consequências para Comportamentos inadequados" (página 35).	Discussão sobre o autorregistro (semana anterior)	"Teatro Pais e Filhos"	Explicação Teórica	Discussão sobre a tarefa de casa	Treino de Habilidade s Teatro Pais e filhos	Discussão sobre dúvidas dos pais	Discussão sobre dúvidas dos pais
5°	"Relacionament o Afetivo e Envolvimento" (página 38).	"Você conhece bem o seu filho?"	Explicação teórica	Treino de Habilidades	Discussão sobre dúvidas dos pais	Discussão sobre dúvidas dos pais	Discussão sobre dúvidas dos pais	Discussão sobre dúvidas dos pais
6°	"Voltando no tempo" (página 40).	Discussão sobre o autorregistro (semana anterior)	Relaxamen to	Voltando no Tempo	Voltando no Tempo	Voltando no Tempo	Discussão sobre dúvidas dos pais	Discussão sobre dúvidas dos pais
7°	"Autoconhecime nto e Modelo" (página 42).	Discussão sobre o tema do encontro anterior	Relaxamen to	Autorretrato em sucata	Explicação teórica Autoconhec imento	Explicação teórica Modelo	Leitura de texto: "A casa dos mil espelhos"	Discussão sobre dúvidas dos pais
8°	"Revisão e encerramento" (página 45).	Resumo dos temas discutidos Café	Pais propõem um tema	Pais propõem um tema	Pais propõem um tema	Pais propõem um tema	Avaliação geral Entrega de certificados	Apliação Instrument os (EQIF, IEP e WHOQOL -Breve)

Os encontros ocorreram com periodicidade semanal, com duração de uma hora e quarenta e cinco minutos cada, com a regra de tolerância de dez minutos para atrasos. As sessões experimentais dos dois grupos (GE I e GE II) foram iguais dos primeiros aos últimos encontros, conforme os temas e sugestões de atividades do PQIF e são descritas, neste estudo, uma única vez. As sessões ocorreram em oito semanas consecutivas, para cada um dos grupos. No mesmo dia do encerramento do PCOF do GE I, iniciou-se a aplicação do PCOF do GE II. Durante os dois meses em que o GE I fazia o PCOF, o GC recebia e devolvia as respostas das questões das "tarefas de casa" e dos "autorregistros" por correio eletrônico. Este grupo fez esta atividade nas duas fases, como GC e como GE II (os relatos escritos das duas fases estão apresentados no Quadro de Relatos Verbais no Anexo 13).

2.5.1. Primeiro Encontro (PCOF¹⁵)

A Atividade Um (Tabela 3) foi a apresentação pessoal e profissional da pesquisadora como coordenadora das atividades do grupo. Foi feita, ainda, uma introdução dos objetivos do grupo como o de promover a melhoria da interação entre os pais e filhos, por meio da abordagem comportamental.

A Atividade Dois (Tabela 3) foi uma dinâmica de apresentação dos participantes, que ocorreu, conforme a coordenadora do grupo indicou, com todos sentando em forma de círculo. Eles foram orientados a perguntas uns para os outros e, antes de pergunta, a pessoa teria que ser apresentar (nome, idade, formação, estado civil, número de filhos e idade deles etc). A coordenadora iniciou a atividade com um novelo de lã na mão, escolhendo uma pessoa para começar. Em seguida, fez uma pergunta para essa pessoa, que após responder, segurava a ponta do novelo, e o jogava para a pessoa que escolhesse e fazia outra pergunta qualquer (eram perguntas simples e divertidas, como: "Qual o seu filme preferido?" ou "Você pratica algum esporte?", e assim por diante). Ao final da atividade, o novelo de barbante passou por todas as pessoas e, no meio do círculo formado pelos participantes, formou-se uma espécie de teia com os fios ligando todas as pessoas do grupo.

A Atividade Três (Tabela 3) abarcou a definição do contrato, como o estabelecimento de regras de funcionamento do grupo. A Coordenadora deixou claro que as regras eram flexíveis e poderiam ser revistas em alguns aspectos, desde que não prejudicassem os demais participantes e estivessem em consonância com as necessidades do grupo. Foi explicado que o coordenador deveria cumprir e coordenar, rigorosamente, as regras combinadas, assim como os pais participantes deveriam insistir com os filhos para cumpri-las. As regras estabelecidas com o grupo foram: ninguém entraria no grupo a partir do 1º encontro; a tolerância para atrasos seria de dez minutos; a tolerância para falta seria de um encontro; a garantia de todos terem oportunidade de falar e tirar dúvidas durante os encontros (foram designados horários para os pais falarem como atividades nos encontros,

o que difere do programa original *PQIF*), comprometimento dos participantes em fazerem as tarefas de casa.

A Atividade Quatro (Tabela 3) abarcava a discussão sobre expectativas dos pais com o grupo; os participantes eram convidados a falar sobre a queixa que motivou à procura pelo grupo.

A Atividade Cinco (Tabela 3) era a "Explicação Teórica" sobre o tema, foi transcrita do *POIF* (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, p. 21-22):

Definição de comportamento. Comportar-se envolve o agir, o pensar e o sentir. Para explicar porque agimos, pensamos e sentimos é preciso olhar para a relação do indivíduo com o ambiente (o qual inclui lugares, pessoas, coisas, etc.). Assim, para entender o comportamento de uma pessoa deve-se entender o ambiente em que ela vive, e os ambientes em que ela já viveu. Por isso, durante todo esse programa, o comportamento dos pais será abordado, pois eles são uma parte muito importante do ambiente da criança, tendo grande responsabilidade no processo de aprendizagem de seus filhos.

Análise da aprendizagem de um comportamento. Conhecer o processo de aprendizagem mostra que ninguém nasce pronto, com uma "personalidade", com "gênio ruim" etc. Apesar de algumas características comportamentais terem origem genética, elas se desenvolvem de acordo com o ambiente em que a criança vive. Nas relações da criança com o ambiente, podem ocorrer três processos de aprendizagem:

- I. Por meio da própria experiência quando o indivíduo vivencia as consequências de seu próprio comportamento.
- II. Por meio da observação quando o indivíduo observa o contexto e as consequências do comportamento da outra pessoa.
- III. Por meio da instrução (regra) quando alguém fala sobre as consequências que o comportamento do indivíduo poderá ter."

A Atividade Seis (Tabela 3) está apresentada como uma transcrição do texto do PQIF (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, p. 24):

O coordenador propôs ao grupo que formassem um círculo e, iniciando por algum dos membros, pede que contém o número 1 até 10 na sequência da roda (cada pessoa fala um número). Chegando no 10, o próximo fazia uma contagem regressiva até o número 1 e, assim, iniciava novamente uma contagem progressiva até o 10. Isso se repetia algumas vezes até que o grupo entrava no ritmo. Então, pedia-se ao grupo que no lugar do número 3 fosse dito "quá-quá". Após algumas rodadas, além da alteração no número 3, pedia-se ao grupo que no lugar do número cinco fossem dadas duas palmas. Depois de mais algumas rodadas, além das alterações anteriores, pedia-se ao grupo que no lugar do número 7 Fosse dito "bum". Portanto, depois de várias rodadas, a ordem que deveria ser dita pelo participantes é: "1.2. 'quá-quá', 4, palmas, 6, bum, 8, 9, 10, 9, 8, bum, 6, palmas, 4, 'quá-quá, 2, 1", e assim por diante. Quando diminuir o numero de erros dos participantes, o coordenador encerrou a

¹⁵ O grifo foi utilizado para facilitar a visualização no texto do início do detalhamento de cada um dos oito Encontros.

- atividade. O coordenador pode dar um espaço para os participantes falarem um pouco de sua experiência na brincadeira.
- Persistência: o erro na 1ª. 2ª ou 3ª vez, não pode levar a desistência. É preciso persistir, porque em algum momento o acerto acontecerá, e a tendência é errar cada vez menos.
- Paciência: os pais precisam dar um tempo para que eles e seus filhos se ajustem as novas regras e exigências.
- Treino: só após muito treino ocorre a mudança, e para isso é preciso comprometimento. O coordenador pode enfatizar a importância dos pais se comprometerem com o grupo e com as tarefas, para que seja possível a mudança.

A Atividade Sete (Tabela 3) era a explicação da tarefa de casa (apresentada na tabela 2 página 36 do primeiro encontro).

2.5.2. Segundo Encontro.

A atividade Um (Tabela 3), denominada "*Quem vai para a Lua*?") está transcrita a seguir do texto do *PQIF* (Weber, Salvador e Brandenburg, 2011, pp. 27-28):

O coordenador convidou todos a fazerem uma viagem para a lua. Ele será o comandante e terá o poder de permitir ou não a ida de cada um. A permissão para viajar, dada pelo coordenador, depende de ele aprovar ou não aquilo que a pessoa deseja levar consigo na viagem. O coordenador avisa a todos, no início da atividade, que inventou uma regra que define o que pode ser levado ou não (por exemplo: só pode viajar quem falar palavras que comecem com a letra A, como água, anel, animal etc.; ou aqueles que falarem apenas roupas de inverno, como casaco, luvas etc.; ou só alimentos etc.). Só quem conhece a regra é o coordenador, e os participantes devem falar as palavras de maneira aleatória sem conhecer a regra. Os participantes devem tentar descobrir qual é a regra ao longo da atividade. Cada participante (na ordem da direita para a esquerda no circulo formado) dá um palpite de algo que gostaria de levar na viagem, e o coordenador diz se pode ou não levar, de acordo com a sua regra estabelecida. No decorrer da brincadeira, aleatoriamente, o coordenador começa a punir apenas alguns participantes que errarem o palpite, através de uma pequena punição (ex.: cantar uma música ou imitar um animal). A brincadeira acaba quando alguém descobrir qual é a regra do coordenador. Se os participantes descobriram rapidamente qual é a regra, pode-se repetir a atividades, utilizando outra regra. Se os participantes não conseguirem descobrir a regra, o coordenador pode indicar pistas. Aqueles que descobrirem qual é a regra ganham um bombom. A partir disso, o coordenador propõe uma discussão sobre o que cada um sentiu, como foi para aqueles que foram punidos e para os que não foram, para quem descobriu a regra e para quem não descobriu). Os participantes devem relatar seus sentimentos (se ficaram inseguros ou com medo da punição, se sentiram-se injustiçados ou confusos). Além disso, o coordenador pode ressaltar o número de palpites errados por não conhecerem a regra. O coordenador deve incentivar os participantes a descobrirem qual o objetivo da atividade realizada, que relação eles fazem com a vida de seus filhos.

A Atividade Dois (Tabela 3) foi a explicação teórica sobre o Tema "Regras e Limites" e está transcrita a seguir do texto do *PQIF* (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, pp. 29-30):

O que são regras e para que servem. As regras são normas que devem ser seguidas e que são aprendidas através dos outros; ou porque alguém disse, ou porque se observou alguma situação em que a regra estava presente; ou ainda, porque as próprias pessoas as formulam de acordo com as relações que mantém. As regras oferecem os limites de comportamento. Dão direção, parâmetros: moral adequada ou inadequada. A cultura fornece regras, assim como a religião, a escola e a família.

Delimitar e ensinar regras significa disciplinar. Como a sociedade está baseada em regras, se uma criança não é educada com regras delimitadas, terá dificuldade de conviver em sociedade.

Como as regras devem ser colocadas para os filhos?

- 1. Clareza: as regras devem ser claras. Os filhos precisam saber que elas existem! Os pais precisam explicar (principalmente para crianças pequenas) o que deve fazer, quando, como e por quê. Deve existir a explicação da consequência caso a regra não seja cumprida, sem ameaças! Por exemplo: quando alguém come, deve escovar os dentes, porque se não escovar vai adquirir cáries. Ou ainda, se uma determinada tarefa não for cumprida, tal castigo vai acontecer. Explicar de forma clara para a criança que ela tem direitos e deveres, que se ela cumpre com seus deveres, terá os seus direitos. É importante lembrar que algumas regras que são óbvias para os pais ou para os adultos, muitas vezes não são para as crianças, é preciso explicar a elas, e em muitas ocasiões, é preciso explicar mais de uma vez.
- 2. Coerência: as regras devem estar de acordo coma idade da crianças; não podem ser vazias, sem sentido para a criança, exageradas, mentirosas ou falsas.
- 3. Consistência: manter o combinado ate o fim. Filhos e pais devem sempre cumprir as regras. A previsibilidade é muito importante! Traz segurança e confiança. A regra não pode depender do humor ou vontade dos pais, nem da pena que possam sentir do filho. Também deve haver consistência nas regras colocadas pelo pai e pela mãe. A negociação de uma regra é possível, mas se uma regra esta sempre sendo questionada deve-se revê-la e modifica-la.
- 4. Monitoria: para as regras serem cumpridas, os pais precisam verificar o que o filho esta fazendo. Esta é a oportunidade de ensinar o certo, ou seja, estar presente para observar, ajudar e ate mesmo dar o modelo de como fazer.
- 5. Causas da desobediência das regras: quando a regra não é clara; quando não é coerente; quando não é consistente; quando não tem monitora; quando a consequência anunciada na regra não é cumprida; e ainda, quando o comportamento da criança tem uma consequência com poder reforçador muito grande para ela (por exemplo: se comer um chocolate é algo tão gostoso, que ela praticamente nem se importa de perder algum outro privilégio por ter comido o chocolate antes do almoço, ou seja, o castigo perde o efeito diante do poder reforçador do chocolate).

A Atividade Três (Tabela 3), descrita a seguir, é uma transcrição do texto do *PQIF* (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, pp. 30-31):

Mostrar o procedimento da aprendizagem de um novo comportamento. Para uma

criança aprender, não basta que os pais falem! Muitas vezes, os pais falam e os filhos não obedecem porque nem sabem como fazer! Assim, é preciso que os pais mostrem como a tarefa solicitada deve ser feita e, nas primeiras vezes, devem acompanhar o comportamento do filho, para que, aos poucos, o filho sozinho consiga fazer corretamente. Para atingir este objetivo, abaixo seguem duas opções de atividades:

Opção 1: o coordenador pede a colaboração de um voluntário. Pede a ele que venha na frente de todos e da uma instrução rápida: Ao mesmo tempo, você deve bater uma mão na cabeça, girar a outra na barriga, pular num pé só e dar voltinhas. O coordenador não pode repetir a instrução, nem explicar novamente. Este primeiro voluntário tenta fazer e entra. O coordenador pede que outro voluntário se apresente. Para este, o coordenador dá a mesma instrução, mas ao citar cada movimento, ele mostra como é e pede para o voluntário repetir cada um separadamente. Depois o coordenador faz o movimento completo (todos simultâneos) junto com a pessoa.

A Atividade Quatro (Tabela 3), referente a "Treino de Habilidades", está transcrita do *PQIF* (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, p. 33):

Treinar os pais para serem consistentes em seus discursos com os filhos, para que as regras sejam mantidas na casa, independentemente do humor dos pais. Ao mesmo tempo, treina-se como dar uma explicação convincente e firme. Quando os pais fazem o papel dos filhos, treinam também a empatia, pois percebem como o filho pode se sentir quando os pais recusam algum pedido, e isso é normal, a frustração é necessária. O grupo deve se dividir em duplas. O coordenador propõe uma dramatização em dupla da negação de um pedido (um dos integrantes fará o papel do pai ou mãe negando o pedido e o outro fará o papel do filho insistente). Depois de 2 minutos, os papéis se invertem. O coordenador poderá oferecer um modelo, fazendo uma dramatização inicial com algum voluntário. Depois das dramatizações, que são feitas com as duplas todas ao mesmo tempo é feita uma breve discussão sobre o que os participantes acharam e sentiram com a atividade 9 como foi estar no papel de pai ou mãe?; como foi estar no papel do filho?; as argumentações utilizadas foram consistentes, claras, coerentes e firmes?; qual foi o tom de voz utilizado?).

As Atividades Cinco e Seis (Tabela 3) foram desenvolvidas de modo diferente do programa original. A proposta era de que cada participante escolhesse um tema para discutir, como uma dúvida, um exemplo ou comentário sobre os temas discutidos até aquele momento. Assim, todos os participantes podiam expor dúvidas e, ao mesmo tempo, contribuir para a discussão do grupo, e a coordenadora controlava o tempo de forma que todos os participantes pudessem falar

A sétima atividade (Atividade 7, na Tabela 3) foi a explicação da *Tarefa de Casa* e do *Autorregistro* do segundo encontro (Tabela 2, p 36).

2.5.3. Terceiro Encontro.

"Consequências para Comportamentos adequados" e teve início com a Atividade Um (Tabela 3), uma discussão rápida sobre o "autorregistro" (semana anterior), e a coordenadora perguntava quem fez, o que achou de fazer, com o objetivo de promover a troca de experiências e revisão do encontro anterior.

A segunda atividade (Atividade 2, na Tabela 3), "Foco no erro", está transcrita do EQIF (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, p. 40):

A tendência da maioria das pessoas é destacar a falha dos desenhos, portanto o objetivo é levar os pais a perceberem o quanto os erros, mesmo que pequenos, chamam mais atenção do que o restante do desenho que está bonito e correto. A reflexão, assim, deve propiciar aos pais uma mudança de foco, ou seja, fazê-los perceberem quantas qualidades tem seus filhos. O coordenador deve mostrar as figuras/desenhos com erros ou borrões uma a uma, e solicitar que os participantes observem atentamente e em silêncio cada um dos desenhos. Depois de fazê-los observar todos os desenhos, o coordenador pede para que eles relatem qual foi a primeira coisa que eles repararam em cada um dos desenhos, ou o que lhes chamou mais atenção. Então se inicia uma discussão sobre o que foi observado nos desenhos.

A terceira atividade (Atividade 3, na Tabela 3) correspondeu à leitura do texto "O Cachorro e o Açougueiro" (Anexo 11, p. 144). A leitura foi realizada em pequenos grupos e depois comentada por todos.

A quarta atividade (Atividade 4, na Tabela 3) foi a explicação teórica sobre o tema – "Consequências para comportamentos adequados - Reforço" e está transcrita do *PQIF* (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, pp. 42-43):

Conceito de reforço: consequência oferecida após um comportamento que aumentará a probabilidade deste ocorrer novamente. De uma forma mais simples, reforçar significa valorizar o comportamento de uma pessoa, e isto aumenta as chances de que este mesmo comportamento se reposta. Exemplo: se eu elogio uma pessoa por estar usando uma roupa bonita, posso estar reforçando este comportamento dela, e as chances de ela usar mais vezes esta roupa aumenta.

Reforçar é a melhor maneira de educar, pois incentiva para o comportamento adequado, e a criança pode se engajar menos tempo em comportamentos inadequados.

Tipos de reforco:

- 3 Sociais: são os elogios, abraços, beijos, sorrisos, um contato visual positivo, um bilhetinho afetuoso valorizando o comportamento positivo, ou contar casualmente alguma coisa voa que seu filho fez para amigos ou pessoas da família quando ele estiver por perto. A companhia do pai e/ou da mãe em momentos de interação, alegria e diálogo também pode ser muito reforçador. Estes reforçadores são os melhores.
- 3 Atividades: permitir que a criança faca alguma atividade que goste, como, por jogar bola...
- 3 Materiais: Estes devem ser usados com muito cuidado e só de vez em quando! Pode

ser desde um bombom que a criança goste, brinquedo, roupa ou um lanche especial. Poderá ser usado um sistema de fichas ou pontos oferecidos a cada comportamento adequado e que depois poderão ser trocados por alguma coisa ou por uma atividade.

É muito importante estar atento e descobrir o que é reforçador para a criança. Jogar bola pode ou no ser reforçador para ela. O que é reforçador para uma criança pode não ser para outra, e ainda, pode ser num dia e não no outro (não será reforçador no dia que estiver muito cansado, por exemplo). Vale ressaltar também que o esforço pode ser mais importante que o resultado, e é preciso valorizar isso! É mais interessante valorizar o tanto que a criança estudou do que a nota que ela tirou na prova.

A quinta atividade (Atividade 5, na Tabela 3) foi proposta pela pesquisadora (coordenadora do PCOF) e foi a apresentação e montagem de um quadro de "Quadro de Reforço". A coordenadora levou o material (cartolinas cortadas, canetas coloridas de ponta grossa e etiquetas adesivas) e orientou os pais a escolherem os itens que comportam o quadro de reforço semanal de cada família. Cada participante elencou seis comportamentos que gostariam que seus filhos mudassem. Por exemplo, escovar os dentes antes de dormir, guardar os brinquedos, fazer as tarefas da escola, dentre outros desse tipo. Feito isso, cada participante escreveria os seis comportamentos em linhas e em sete colunas; escreveria os seis dias da semana, nos quais seriam colados os adesivos conforme os filhos cumprissem as regras propostas na linha correspondente. Finalmente, no sétimo dia, estava escrito o reforço que os filhos receberiam pelo cumprimento do quadro. Os participantes foram informados de que os quadros poderiam ser renovados conforme desejassem e poderiam comentar, se desejassem, durante os próximos encontros.

A sexta atividade (Atividade 6, na Tabela 3) abarcou a discussão sobre a tarefa de casa do terceiro encontro (Tabela 2, p. 36).

A sétima atividade (Atividade 7, na Tabela 3) foi sobre o treino da habilidade de elogiar. Ela está transcrita do *PQIF* (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, p. 44-55):

O coordenador deve instruir para que uma pessoa fique em pé, esta nada precisará fazer. Todas as outras do grupo deverão fazer um elogio para aquela que estiver em pé. Quando todos já tiverem elogiado, a pessoa se senta e aquela que estiver ao seu lado direito, levanta-se. Então todos elogiam esta segunda pessoa. A atividade termina depois de todos os participantes terem sido elogiados.

2.5.4. Quarto Encontro .

"Consequências para Comportamentos inadequados", a Atividade um (Tabela 3) foi uma discussão sobre o "autorregistro" (semana anterior), com o "objetivo de propiciar uma rápida discussão, perguntando quem o fez, o que achou de fazer" (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, p. 51).

A segunda atividade (Atividade 2, na Tabela 3), denominada "*Teatro Pais e Filhos*", *está transcrita do PQIF* (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, pp. 51-52):

O coordenador deve dividir os participantes em dois ou três grupos. Cada grupo terá que montar um teatrinho, para depois apresentar aos demais. O teatro deve consistir em uma cena de situação familiar, na qual um filho fez algo errado e os pais tiveram que puní-lo (de forma exagerada). Pode ser alguma situação que eles próprios viveram ou presenciaram (como filhos, como pais ou como meros expectadores). A atividade se encerra após a apresentação de todos os grupos. O coordenador deve propiciar um momento de reflexão e discussão sobre os sentimentos envolvidos nos teatros realizados.

A Atividade três (Tabela 3) foi a explicação teórica sobre Punições e está transcrita do PQIF (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, pp. 53-55):

Pontos importantes que devem ser abordados:

- Antes de punir a criança efetivamente, os pais podem lembrá-la da regra e dar uma oportunidade para criança corrigir seu comportamento. Se a criança insistir no comportamento inadequado, então o castigo combinado deverá ser dado.
- Se ainda não existe uma regra estabelecida e a criança faz algo inesperado, antes de a punir os pais devem orientá-la de que aquele comportamento ao é legal e alertá-la sobre as consequências ruins que aquele comportamento pode trazer.
- É importante lembrar a consistência, ou seja, cumprir com a consequência combinada.
- Quando os pais ficam com muita raiva e confusos, é importante seguir algumas dicas: respirar fundo; retirar-se da situação para se acalmar e poder avaliar melhor a situação; refletir se a expressão de raiva com o filho alguma vez ajudou a melhorar a situação; ser sincero com o filho quando o nervosismo é decorrente de outros motivos, ou seja, dizer para ele que são outras coisas que o perturbam naquele momento e que não tem nada a ver com ele.

Consequências não recomendada:

- Geram medo, raiva e ensinam aos filhos que eles podem agir da mesma forma com outras pessoas.
- Surras e palmadas: Não ensinam o que é certo; ensinam a criança a resolver os problemas com violência; ensinam que a forca bruta é mais importante que o diálogo; ensina a mentir a se afastar dos pais; representam um fator de risco importante para o abuso físico, ou seja, há maiores chances de bater ou brigar exageradamente com um filho quando se está emocionalmente alterado ou quando ele não obedece imediatamente; violência só ensina violência, pois quem bate para ensinar, ensina a bater.
- Broncas exageradas: falar demais, gritar, ofender, humilhar, xingar podem ser considerados como formas de abuso verbal, e podem ser muito prejudiciais. Não são úteis para ensinar comportamentos adequados e quebram o vínculo de confiança e

respeito entre pais e filhos. Geralmente são comportamentos de descontrole emocional dos pais.

Consequências recomendadas:

- 1. Ignorar: como a atenção dos pais é um poderoso reforçador, quando os pais dão atenção para alguns comportamentos errados de seu filho, ele tende a repeti-los para obter atenção. Portanto, comportamentos que não prejudicam ninguém devem ser ignorados: falar palavrões, reclamações, queixas, súplicas, agir como se tivesse menos idade, discussão, raiva manhosa, caretas e olhares feios.
- 2. Time-out: consiste em deixar a criança isolada de qualquer reforçador, por pouco tempo. Uma forma seria deixá-la sentada numa cadeira por alguns poucos minutinhos, e só deixá-la sair com autorização.
- 3. Castigo: consiste em deixar a criança sem um Privilégio por determinado tempo (deixar sem TV, não ir à casa de um amiguinho, por exemplo, mas devem ser por pouco tempo, para que seja possível de serem cumpridos) ou compensar o erro (exemplo: se sujo, limpa). Os castigos devem ter lógica, coerência e proporção.
- 4. Conversa/diálogo: ensinar o correto. Criticar apenas ao comportamento e não a criança. "E ainda, deve-se explicar para a criança como ela deveria ter feito.

A quarta atividade (Atividade 4, na Tabela 3) foi a discussão sobre a Tarefa de Casa do terceiro encontro (Tabela 2, página 36). Os participantes devem falar rapidamente sobre o que fizeram de tarefa de casa sobre comportamentos inadequados, ou seja, que comportamentos observaram e anotaram como sendo errados. Propiciar uma discussão sobre: "os comportamentos anotados são geralmente punidos ou ignorados? De que forma isto é feito? Se não são, porque não? Foi fácil ou difícil observar atitudes erradas dos filhos? Que consequências (castigos) adequadas poderiam ser dadas?" (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, p. 55).

A quinta atividade (Atividade 5, na Tabela 3) foi uma continuação da segunda atividade do quarto encontro, "Teatro Pais e Filhos", foi sobre o treino da habilidade de como os pais devem proceder diante do mal comportamento do filho e está transcrita do PQIF (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, pp. 55-56):

O coordenador deve dividir novamente os participantes em dois três grupos (os mesmo grupos das atividades inicial do encontro). Cada grupo terá que apresentar o mesmo teatrinho, utilizando a mesma cena de situação familiar, na qual um filho fez algo errado e os pais tiveram que castigá-lo. Porém neste segundo momento, o teatro deve apresentar formas adequadas de consequenciar o comportamento errado do filho, de acordo com a explicação teórica sobre o tema. A atividade se encerra após a apresentação de todos os grupos. O coordenador deve propiciar um momento de reflexão sobre quais foram os exageros do primeiro teatro (realizado no inicio do encontro) e de discussão sobre as alternativas colocadas no segundo teatro.

As Atividades seis e sete (Tabela 3, p. 40) foram propostas pela pesquisadora do

PCOF, para que os participantes tivessem um espaço de tempo definido para todos poderem falar sobre o tema que escolhessem a respeito dos aspectos discutidos, até então, no PCOF (quadros de reforço, regras, limites, tarefas de casa, dificuldades enfrentadas no dia a dia com os filhos, benefícios adquiridos, dentre outras coisas).

2.5.5. Quinto Encontro. (Tabela 3, p. 40).

Relacionamento Afetivo e Envolvimento, e a primeira atividade (Atividade 1, Tabela 3) está transcrita do *PQIF* (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, pp. 63-65):

Você conhece bem o seu filho?

O grupo é convidado a ficar em pé e em círculo. O coordenador explica que ao som de uma música, uma caixa com diversas perguntas vai ser passada pelos participantes (como na brincadeira "batata quente") e, quando a música parar, a pessoa que estiver com a caixa na mão, pega uma pergunta e responde como se fosse o filho. A pessoa, após responder a pergunta, entrega esta ao coordenador e dá um passo para trás (saindo do círculo). Isto é feito para que todos do grupo possam responder a uma pergunta. A atividade acaba quando se esgotarem todas as perguntas da caixinha. Após a atividade o coordenador abre o espaço para que os participantes falem sobre o que acharam da atividade, sobre como foi responder como se fosse o filho, se achou fácil ou difícil.

A Atividade dois (Tabela 3, p. 40) foi uma explicação teórica sobre Relacionamento afetivo e envolvimento e está transcrita do *PQIF* (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, pp. 65-66):

Pontos importantes que devem ser abordados.

- Importância do vínculo afetivo para um bom relacionamento, que se reflete numa melhor educação dos filhos; a criança que se sente amada respeita mais os seus pais e apresenta menos oposição com as regras.
 - Ressaltar aspectos como: amor incondicional (o amor independente do comportamento da criança, ou seja, demonstrar o amor pelo que a criança é, e não pelo que ela faz), aceitação, demonstrar orgulho, ouvir o que a criança tem a dizer com interesse, estar disponível, a certeza de que este amor realmente esta sendo transmitido para o filho.
 - Operacionalizar o amor (o que é o amor, como torna-lo concreto no dia a dia). Enfatizar que existe diferença entre o sentimento de amor e a demonstração deste amor. Às vezes os pais tem certeza de seu sentimento de amor, mas apresentam dificuldades em demonstrá-lo, contribuindo para que a criança se sentisse insegura. Além disso, é importante observar que aquilo que os pais entendem como amor (geralmente com definições mais abstratas, como por exemplo, amor é dar limites) pode ser bem diferente daquilo que a criança entende como amor (geralmente com definições concretas e bastante praticas de atitudes que demonstram claramente o sentimento envolvido, como por exemplo, brincar junto). Raramente uma criança vai entender que "dar limites" é uma forma de demonstrar amor, o que pode criar um

abismo na comunicação do sentimento: pais acham que demonstram, mas a criança não entende.

- Amor pelo filho deve ser demonstrado através de: contato físico (beijos, abraços, carinho, massagens etc.); palavras (as palavras devem ser sinceras, o volume e o tom de voz devem ser agradáveis à criança, é importante falar o que sente para a criança, mantendo o contato visual, como por exemplo, se abaixar para ficar na mesma altura que ela e falar "olho no olho)"; qualidade do tempo que passa junto de seu filho (isto significa dar a ele uma atenção exclusiva e concentrada); um bilhete carinhoso; um comportamento especial (fazer um bolo que ele gosta, e que ele ainda não sabe fazer sozinho); diálogo; interesse pelas atividades e sentimentos da criança; participação; disponibilidade.
- Estar atento para fazer coisas que são importantes para criança e não para os pais. Um exemplo disso são as mães que insistem e brigam para que seus filhos coloquem um casaco, e o filho não quer. Será que esta necessidade é de fato da criança ou da mãe? Superproteção é prejudicial, não se deve confundir amor com superproteção. O amor permite autonomia, e a superproteção não. Fazer coisas para poupar a criança de esforço ou de alguma frustração ou sofrimento é algo que muitos pais entendem como forma de amor, mas essa superproteção é prejudicial, pois ao permite que a criança tente fazer sua atividade sozinha, e não permite que ela desenvolva habilidades e acredite em seu próprio potencial, tornando-a dependente da ajuda dos outros.

A Atividade três (Tabela 3) denominada "Treino de habilidades", está transcrita do *PQIF* (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, p. 68):

Objetivos da atividade: proporcionar reflexão sobre o que eles podem fazer concretamente na relação com seus filhos para demonstrar afeto e envolvimento. Ensinar a estabelecer metas a curto e longo prazo, pois não adianta ter objetivos que nunca serão atingidos.

Procedimento: o coordenador distribui papel e lápis/caneta para todos os participantes. Os participantes deverão fazer uma lista de atividades para criar um clima agradável na família e demonstrar amor e envolvimento para com seus filhos. Nesta lista devem ter atividades viáveis de se colocar em pratica durante a semana subsequente a este encontro. Alguns exemplos são: brincar com jogos, ler e contar histórias, relatar fatos engraçadas sobre sua própria infância, sair para um passeio, conversar nas horas de refeição, ajudar um ao outro, ouvir música juntos, deixar um bilhete na mochila da escola, preparar especialmente aquela comida que a criança mais gosta, deixar que a criança escolha um filme na locadora para assistem juntos, etc.

As próximas quatro atividades (Atividades 4, 5, 6 e 7, na Tabela 3) abordaram uma Discussão sobre dúvidas dos pais, como foi apresentado anteriormente, na atividades cinco e seis do Segundo Encontro (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, p. 32).

2.5.6. Sexto Encontro

"Voltando no tempo" teve como primeira atividade (Atividade 1, Tabela 3) discussão sobre o "autorregistro" (proposta na semana anterior).

As três próximas atividades (Atividade 2, 3 e 4, na Tabela 3) começam com um "Relaxamento" e em seguida cujo procedimento foi transcrito do PQIF (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, p. 72):

O coordenador deve conduzir um relaxamento com os participantes, seguindo o roteiro do relaxamento abaixo:

Podem encontrar a posição mais confortável possível. Agora você vai fechar os olhos. Esqueça todos os problemas lá de fora e concentre-se somente na sua respiração... Inspire e expire lentamente, mais uma vez... Volte a sua atenção para seu corpo. Sinta todo o seu corpo bem pesado... Cada vez que soltar o ar, relaxe mais e mais, soltando todas as suas tensões. Vou contar ate cinco e você vai enxergar os números na sua frente: 1,2,3,4,5. Agora se deixe levar pela sua imaginação. Você voltou a sua infância, esta na casa onde você morava quando era criança... Perceba como é esta casa, como são os cômodos. Perceba quem está nesta casa. São seus pais... irmãos... avós... visitas... Como você interage com estas pessoas? Como é a relação com seus pais? O que eles fazem que você não gosta ou que te deixa triste, magoado? O que eles fazem que você mais gosta? Tente lembrar de um momento que te marcou. Agora, você está se sentindo muito bem e vai voltar a atenção para como se sente nesse momento. Vou contar de cinco a um, e gradativamente você vai saindo do estado de relaxamento, retomando sua consciência, quando chegar no um "você poderá abrir seus olhos. 5,4,3,2,1. Podem abrir os olhos.

Em seguida ao relaxamento, a atividade "Voltando no tempo" foi transcrita do *PQIF* (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, p. 72):

O coordenador distribui uma folha de papel com quatro colunas (ver o modelo em anexo) e os três lápis de cor (verde, vermelho, amarelo) para cada participante.

- Primeiramente Etapa: o coordenador deve solicitar aos participantes que escrevam em cada coluna:
- Coluna 1: quatro situações em que eles fizeram algo correto e descrevam qual foi a
 atitude de seus pais diante de seu comportamento adequado (escrever uma situação
 em cada linha, comportamento seu de filho e reação de seus pais).
- 2. Coluna 2: qual o sentimento que eles tiveram diante da reação dos pais, ou seja, o sentimento gerado em cada uma das situações (quatro sentimentos, um em cada linha, mas eles podem de repetir).
- 3. Coluna 3: quatro situações em que eles fizeram algo errado e descrevam qual foi a atitude de seus pais diante de seu comportamento inadequado (escrever uma situação em cada linha, comportamento do filho e reação dos pais).
- 4. Coluna 4: qual o sentimento que eles tiveram diante da reação de seus pais, ou seja, o sentimento gerado e cada uma das situações (quatro sentimentos, um em cada linha, mas eles podem se repetir).
- Segunda Etapa: Depois de deixar o quadro completo com as situações e os

- sentimentos, os participantes devem pintar com os lápis de cor:
- 3. Verde (nos quadrados) = as reações de seus pais que hoje (depois de ter aprendido várias coisas no programa) eles consideram que foram adequadas para educar (seja para valorizar ou para punir), independentemente do sentimento envolvido. Por exemplo, na situação ele pode ter ficado com raiva, mas hoje ele percebe que seus pais agiram de forma correta.
- 3. Vermelho (nos quadrados) = as reações de seus pais que hoje (depois de ter aprendido várias coisas no programa) eles consideram que não foram adequadas para educar (seja para valorizar ou para punir), independentemente do sentimento envolvido.
- Amarelo (nos círculos) = todas as reações de seus pais que hoje eles repetem com seus filhos.

O coordenador, então, propõe reflexões sobre a atividade, tais como o que os participantes perceberam sobre a educação que receberam dos próprios pais e como se sentiram durante a atividade. O coordenador explica que os pais agiram de acordo com o seu contexto histórico e de acordo com a educação que também receberam, considerando as práticas da época. Em seguida, o coordenador explica o processo de Modelação (apresentado na p. 13). Aborda-se também a questão da empatia com os filhos, na medida em que a atividade sensibiliza os pais; abordou-se, ainda, o sentido do perdão de mágoas referentes às relações com os pais. Nesse momento, foi feita a leitura do texto Perdão (Anexo 11).

As Atividades seis e sete (Tabela 3) que tratou a Discussão sobre dúvidas dos pais está citada nas atividades seis e sete do Quarto Encontro (2011, p. 48).

2.5.7. Sétimo Encontro

"Autoconhecimento e Modelo" teve como primeira atividade a Discussão sobre o tema do encontro anterior como está apresentado na descrição da atividade um do Terceiro Encontro (p. 46).

A segunda atividade (Atividade 2, Tabela 3) foi um "*Relaxamento*", que está transcrito a seguir (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, p. 82):

O coordenador deve conduzir um relaxamento com os participantes, seguindo o roteiro do relaxamento abaixo:

Podem encontrar a posição mais confortável possível. Agora você vai fechar os olhos, Esqueça todos os problemas lá de fora e concentre-se somente na sua respiração... Inspire e expire lentamente... Mais uma vez. Volte a sua atenção para seu corpo, sinta todo o seu corpo bem pesado. Cada vez que soltar o ar, relaxe mais e mais, soltando todas as suas tensões. Vou citar cada parte do corpo e você vai dar

ordem de relaxamento: relaxe os músculos da sua face e o seu couro cabeludo, sinta sua testa solta, relaxe suas pálpebras, agora passe para o pescoço, solte as tensões dos seus ombros, chegamos aos braços, deixe-os largados, relaxe o abdômen, agora as pernas desde as coxas ate a ponta de seus pés. Sinta todas as partes do seu corpo completamente relaxadas. Perceba a agradável sensação de estar com o corpo totalmente abandonado, sem nenhum foco de tensão. Vou contar ate cinco e você vai enxergar os números na sua frente: 1,2,3,4,5. Agora se deixe levar pela sua imaginação... Você esta numa sala. Perceba como é esta sala. Numa das paredes há uma tela de cinema. Você se senta diante desta tela e vê que nela esta você. Como você se vê nesta tela? Qual sentimento você vê em no seu rosto? Como você se comporta? Como são as suas atitudes com as pessoas do seu trabalho, da sua família, com os seus amigos, com pessoas estranhas. O que você mais gosta de fazer? Do que você não gosta? Quais são os pontos negativos que vê em si mesmo? Quais são seus pontos positivos? O que você sabe fazer bem? Observe bem suas características. Agora eu vou contar de cinco a um, e gradativamente você vai saindo deste estado, retomando sua consciência, quando chegar no um" você poderá abrir seus olhos. 5...4...você calmamente vai saindo do relaxamento, 3, tranquilamente começa a mexer suas mãos e pés, 2...1.... Pode abrir os olhos.

A terceira atividade (Atividade 3, na Tabela 3) está transcrita *do PQIF* (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, pp. 83-84):

Autorretrato em sucata - O coordenador deve espalhar numa mesa ou no chão os diversos materiais de sucata. O coordenador pede para que cada um monte uma peça, um objetivo, com pelo menos cinco tipos diferentes de sucatas. Esta peça deverá representar a pessoa que montou, cada sucata escolhida deve representar características individuais. O coordenador pode ilustrar a explicação usando um objeto com vários significados, o que ajuda os participantes a sua a imaginação e encontrar características suas nos objetos. Por exemplo: uma caixa de ovo pode representar uma pessoa organizada, ou acolhedora, ou fechada etc.

Muitas podem ser as combinações dos materiais e os significados deles, portanto cada participante devera utilizar muita criatividade. Com a peça montada (combinação de cinco diferentes sucatas), o coordenador pede para que cada um mostre para o grupo a sua peça e explique o seu significado (o que cada um dos elementos representa). Aqueles que não se sentirem bem em falar devem ser respeitados. O coordenador não deve interpretar os materiais que a pessoa escolhe, mas a própria pessoa que deve se autodescrever!

A quarta atividade (Atividade 4, na Tabela 3), uma explicação teórica, está transcrita *do POIF* (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, pp. 84-85):

Definição de autoconhecimento: tomar consciência das próprias ações e de suas causas. Uma pessoa que se conhece tem possibilidade de fazer uma análise do seu próprio comportamento, tal como foi descrito no primeiro encontro (Lembrar rapidamente os 3 elementos: descrição do comportamento + análise do contexto + análise das consequências).

Como aprendemos a nos autoconhecer? O autoconhecimento ocorre quando observamos os nossos próprios comportamentos em momentos de interação com outras pessoas. Algumas pessoas se irritam facilmente, mas não percebem que isso acontece, e não compreendem por que as outras pessoas se afastam dela. As outras

pessoas são fundamentais para o nosso autoconhecimento, quando falam sobre nós ou nos questionam. Desde criança, quando um pai pergunta o que o filho esta sentindo, ou por que ele agiu de tal forma, esta ajudando o filho a observar seus próprios comportamentos e descrevê-los. É importante ressaltar que os pais não devem mentir para a criança quando ela percebe algum sentimento no outro. Por exemplo, se o filho diz 'Pai, você esta com a cara triste'! muitas vezes os pais respondem 'Não é nada, filho'. Sugere-se que os pais façam diferente. No lugar de negar a afirmação da criança, devem validar a percepção dela, confirmando que aquele sentimento existe e, se for o caso, explicar o motivo. Quando a criança aprende a observar o sentimento do outro, aprende aos poucos a se auto-observar, consequentemente aprende a se conhecer. Além disso, esses momentos são ótimas oportunidades para pais e filhos falarem sobre emoções, o que aumenta o vínculo afetivo entre ambos, criando mais intimidade e confiança.

A importância da autoconhecimento: autocontrole. Quando há comportamentos para serem modificados, é possível utilizar as informações obtidas com o autoconhecimento para controlar e mudar este comportamento. O autorregistro é uma forma bastante eficaz para tentar controlar o próprio comportamento.

A quinta atividade (Atividade 5, na Tabela 3) está transcrita *do PQIF* (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011, pp. 63-65):

Explicação teoria Modelo

Pontos importante que devem ser abordados:

- A aprendizagem por observação é uma das três formas de aprendizado (como foi visto no primeiro encontro). A criança pequena imita comportamentos adequados ou inadequados, sem pensar sobre as consequências de seu comportamento. Como os pais são uma forte referencia para a criança, ela poderá entender que os comportamentos de seus pais sejam um referencial a ser seguido.
- Importância de os pais agirem de acordo com o que ensinam para os filhos. O exemplo fala mais alto que as próprias palavras.
- A partir do momento em que os pais se autoconhecem, podem estar mais atentos aos modelos que estão passando para os filhos.

A sexta atividade foi a leitura de texto: "A casa dos mil espelhos" (Anexo 11) realizada em pequenos grupos e depois comentada por todos.

A sétima atividade definida como "Discussão sobre dúvidas dos pais" está apresentada anteriormente, nas atividades cinco e seis do Segundo Encontro (p. 43).

2.5.8. Oitavo Encontro

Apresentação de um resumo de todos os temas discutidos (a coordenadora entregou para cada participante uma folha com os temas e os principais aspectos discutidos em cada Encontro do PCOF).

Durante as próximas quatro atividades (Atividade 2, 3, 4 e 5, na Tabela 3) foi

servido um *Buffet de Café*. *C*ada participante escolhia um tema ou esclarecia uma dúvida para ser discutido naquele momento de descontração do grupo.

A sexta atividade foi uma avaliação do curso, com sugestões, reclamações e elogios dos participantes e coordenadora, seguido da entrega dos certificados de participação.

A sétima atividade foi a entrega dos Instrumentos pela coordenadora, os quais eram respondidos pelos participantes e entregues no local antes de saírem.

2.6. Delineamento Experimental

O conceito preliminarmente planejado para o Delineamento Experimental foi o de Linha de Base Múltipla, na medida em que vários procedimentos iniciais (antes da introdução da Variável Independente ou Experimental, o PCOF) foram tomados simultaneamente: tanto dos participantes que iriam ser imediatamente submetidos ao PCOF (GE I), quanto dos participantes que ainda não participariam (GC).

O GE II configurou-se como "controle" do GE I, uma vez que o GE I iniciava o Programa; o GE II (que na condição controle ainda não havia iniciado o Programa) era submetido a medidas repetidas que se referiam às mesmas medidas que eram extraídas no GE I.

As medidas adicionais do GE II foram tomadas na mesma época em que foram tomadas as medidas do GE I, para garantir a fidedignidade do dado experimental e seguir o procedimento requerido no Delineamento Experimental.

O delineamento de Linha de Base Múltipla foi considerado adequado para este estudo por permitir uma avaliação gradual dos efeitos dos procedimentos experimentais adotados no decorrer da pesquisa, aumentando a precisão quanto à determinação de que a variável independente (PCOF) tenha sido fator decisivo das mudanças nas variáveis dependentes, e não outras variáveis, como a passagem do tempo (Pereira et al., 2008).

Os participantes foram distribuídos aleatoriamente nos grupos GE I e GC (GE II), de modo a garantir um controle casual de efeitos, de variáveis estranhas (Johnston & Pennypacker, 1993), relacionadas às diferentes escolaridades, níveis socioeconômicos, religiões ou crenças dos participantes.

Tais medidas iniciais não foram um operante livre (o que origina o conceito de "Linha"), mas tomadas via diferentes instrumentos padronizados. Diante dessa reflexão, optou-se por denominar o presente Delineamento de Pré e Pós-Testes, com medidas repetidas do mesmo participante.

A Tabela 4, na sequência, apresenta o Delineamento Experimental, com os Pré-Testes dos participantes do GE I serem simultâneos aos do GC (GE II).

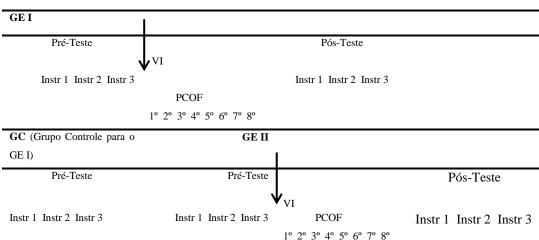


Tabela 4 – Esquema de Delineamento Experimental

O fato dos Pré-Testes dos participantes do GE I serem simultâneos aos do GC (GE II) permitiu um controle experimental de que a mera passagem do tempo não tenha sido a Variável Independente principal, mas sim o PCOF. O conceito, dessa maneira, fica semelhante ao conceito de Delineamento de Linha de Base Múltipla.

Entretanto, tratamentos estatísticos foram aplicados para comparar o desempenho de GE I com os desempenhos nos Pré-Testes do GE II, o que permite denominar o GE II, nesse momento, de GC. Sendo assim, julga-se que o mais correto seria caracterizar o presente delineamento como sendo de Grupo, mas com medidas repetidas de cada participante em Pré-Teste e Pós-Teste, bem como durante a aplicação do PCOF.

Os participantes foram escolhidos respeitando-se a regra de que, excluindo-se a variável independente em estudo (o PCOF), os participantes recebessem o mesmo tratamento.

A pesquisa teve início com a "Linha de Base" (Pré-Teste), antes da aplicação do PCOF (os detalhes das etapas do programa foram descritos na seção de Procedimentos), no GE I e, ao mesmo tempo, uma segunda "Linha de Base" (Pré-Teste) em que foi aplicado o Pré-Teste para o GE II, com os pais que estavam em lista de espera.

No dia das inscrições (dois dias antes do início da aplicação do PCOF do GE I), cada participante (do GE I e do GC) preencheu a ficha de inscrição (Anexo 2, p. 119), assinou e recebeu uma cópia do TCLE (Anexo 3, p. 120). Se concordasse com os termos de participação na Pesquisa, assinava as autorizações para gravações e filmagens dos encontros do PCOF.

Em seguida, no mesmo dia e local, todos os participantes responderam os questionários dos três instrumentos elencados na Pesquisa: Questionário "Escalas de qualidade de interação famíliar, EQIF" (Anexo 7, p. 135), o "Inventário de Estilos Parentais, IEP" (Anexo 8, p. 137) e o "Questionário de Avaliação de Qualidade de Vida WHOQOL-Breve" (Anexo 9, p. 140).

Do terceiro ao sétimo encontro do GE I e, posteriormente, do GE II, foram solicitadas tarefas semanais denominadas de "*Tarefas de Casa*" e "*Autorregistros*" (Tabela 2, p. 36), tal como foi definido no PQIF. Posteriormente, os conteúdos das tarefas foram categorizados (os critérios de categorização e as categorias serão apresentados adiante).

No oitavo e último encontro do PCOF do GE I foram apresentados novamente os mesmos instrumentos ("*EQIF*", "*IEP*" e "*WHOQOL-Bref*"), previamente aplicados a todos os participantes (GE I e GC), dois dias antes do início do PCOF do GE I. Este último encontro do PCOF do GE I foi simultâneo ao início do PCOF do GE II. Os participantes dos dois grupos (GE I e GC-GE II) até esta etapa da pesquisa receberam, responderam e entregaram os materiais para a pesquisadora nos mesmos dias, em horários diferentes (não houve comunicação entre os participantes dos GE I e do GC-GE II).

Ao final do PCOF do GE II, os instrumentos foram reapresentados e, desse modo, o GE II foi submetido aos mesmos procedimentos do GE I, exceto por ter uma medida a mais dos Instrumentos citados anteriormente. Os participantes do GE I tinham as medidas dos instrumentos como Pré e Pós-Teste (em relação à aplicação do PCOF) e os participantes do GE II tinham, também, as medidas de Pré e Pós-Teste (em relação à da aplicação do PCOF) e mais a medida inicial, simultânea ao Pré-Teste de GE I, quando era GC.

Foram coletadas medidas de comportamentos verbais e não verbais considerados adequados ou inadequados na relação com os filhos (variáveis dependentes), do GE I e do GC-GE II.

2.7. Quadros de Relatos Verbais

Os Quadros de Relatos Verbais estão apresentados (Anexo 12) apenas como ilustrativos de umas das atividades realizadas durante os encontros dos Grupos de Pais da presente pesquisa. Em um futuro estudo, estas respostas escritas poderão ser categorizadas fornecendo uma Análise de Dados como mais uma forma de avaliar o aprendizado dos participantes nos encontros.

A categorização das respostas escritas às perguntas planejadas para os sete encontros do PCOF (no oitavo não houve perguntas) foi realizada com as perguntas do programa original (Tabela 2) proposto pelas autoras (Weber, Salvador & Brandenburg, 2006), denominadas de "Tarefas de casa" e "Autorregistros" (tal como ficará claro adiante). As perguntas eram específicas aos temas trabalhados no dia ou referentes ao tema a ser discutido no encontro seguinte.

Os participantes recebiam uma folha de papel sulfite para cada questão e o espaço pautado ou em forma de quadros para responderem em casa. Eles deveriam trazer respondido de casa na semana seguinte, mediante a regra estabelecida. As respostas seriam discutidas, conforme a disposição do participante em expô-las ou não ao grupo. No final de cada encontro, as folhas de respostas eram entregues para a pesquisadora, que era também a coordenadora do grupo.

Os dados referentes a cada resposta foram transcritos para o Quadro de Relatos Verbais (Anexo 12), separados por encontros com as respectivas perguntas nas colunas e as respostas de cada participante nas linhas. Os textos referentes às respostas estão entre aspas por se tratar da cópia das respostas dos participantes, sem edição ou corte. Porém correções de grafia foram feitas, por questões de apresentação do presente texto.

São três quadros, sendo um correspondente às respostas dos participantes do GE I dadas em única vez durante a aplicação do programa. O segundo composto pelas respostas

dos participantes do Grupo Controle (GE II) na fase de Pré-Teste e o terceiro quadro referente às respostas dos mesmos participantes do Grupo Controle, agora como GE II, após a aplicação do PCOF na fase de Pós-Teste. Os participantes do GE I estão apresentados nos quadros conforme o padrão definido em todo o estudo como PE1, PE2, PE3, PE4, PE5, PE6 e PE7; os participantes do Grupo Controle como PC1, PC2, PC3, PC4 e PC5. Nos cabeçalhos de cada um dos quadros, estão discriminados os grupos e as fases dos testes, no caso dos participantes do Grupo Controle (que se tornam posteriormente GE II).

As perguntas estão citadas de acordo com os temas dos encontros e na sequência dos mesmos, no formato original do questionário "EQIF" (anexo 7). Não se utilizou a nomenclatura original das autoras de "Tarefas de Casa" ou de "Autorregistros", pois foram substituídas pelas categorizações no estudo.

Ainda para efeitos didáticos, definiu-se uma correspondência alfabética de A a J para cada pergunta, da primeira à última, em uma sequência de dez questões e suas respostas correspondentes.

A pergunta A foi entregue no primeiro encontro e foi referente ao tema do segundo encontro; as perguntas B e C, entregues no segundo encontro, eram referentes ao tema discutido no terceiro encontro e ao tema do próprio segundo encontro (C); as perguntas D e E, entregues no terceiro encontro, referiam-se ao tema a ser discutido no quarto encontro e também ao tema do terceiro encontro (pergunta E); as perguntas F e G, entregues no quarto encontro, faziam referência ao tema do quinto encontro e ao do próprio quarto encontro respectivamente. A pergunta H foi entregue no quinto encontro e se referia ao próprio encontro; a pergunta I foi entregue no sexto encontro e se referia ao esse mesmo encontro e ao sétimo encontro e, finalmente, a pergunta J se referia ao sétimo encontro.

3. RESULTADOS – ESTUDO 1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

3.1. EQIF

Os nove itens do EQIF são *Relacionamento Afetivo e Envolvimento*; referem-se à forma como os pais devem demonstrar o amor que sentem pelos filhos de forma adequada; *Regras e Monitoria*, refere-se à forma como os pais devem ensinar e estabelecer regras e limites de forma consistente e coerente; *Punição Corporal* refere-se à prática de tentar ensinar os filhos através da punição física; *Comunicação Negativa dos pais* refere-se às formas inadequadas de se comunicar com os filhos (por exemplo, por meio de mandos, gritos ou com o uso de palavrões, humilhações ou ironias); *Clima Conjugal Positivo* refere-se ao relacionamento do casal e sua cumplicidade na educação dos filhos, do carinho e respeito entre o casal; *Clima Conjugal Negativo* refere-se ao relacionamento com praticas agressivas e desrespeitosas entre o casal; *Comunicação Positiva dos filhos* refere-se à comunicação coerente, respeitosa e clara dos filhos com os pais; *Modelo Parental* refere-se ao autoconhecimento dos pais e consequente compreensão dos modelos que transmitem aos filhos; *Sentimentos dos filhos* refere-se aos sentimentos positivos de respeito, amor e confiança que os filhos demonstram sentir pelos pais.

As questões que representam o agrupamento de cada item estão citadas anteriormente (p. 35), e o questionário EQIF completo (Anexo 7). A Tabela 5, resume todos os ajustes dos coeficientes dos Itens do EQIF e, na última coluna, apresenta-se a Média geral de melhora das Etapas Pré para Pós PCOF.

As discrepâncias de piora referentes aos itens do EQIF foram observadas com relação aos itens de punição corporal, com piora de 0, 23 pontos da etapa Antes para Pré PCOF, e piora de 0,02 pontos da etapa Pré para Pós PCOF; o item de Comunicação Negativa dos Pais, apontaram piora de 0,02 pontos da etapa Pré para Pós PCOP (porém os dados apresentaram melhora de 0,27 pontos da etapa Antes para Pré e de 0, 25 pontos da etapa Antes para Pós PCOF), e o item de Modelo Parental revelou piora de 0,02 pontos da etapa Antes para Pré PCOF (mas com melhora 0,33 pontos da etapa Pré para Pós PCOF). As hipóteses explicativas para estes resultados foram as citadas dois parágrafos acima, e principalmente a de que os pais teriam respondido ao primeiro questionário de forma não fidedigna, por exemplo com relação ao aumento da punição corporal, uma prática

inadequada, amplamente discutida no PCOF, e que piorou após a aplicação do PCOF (piora foi de 0.02 pontos).

Ainda sobre os resultados do EQIF apresentados na Tabela 5, de modo comparativo nas etapas Antes, Pré e Pós PCOF, pode-se observar a melhora dos itens de Relacionamento Afetivo, de 0,17 da etapa Antes para Pré PCOF e de 0,42 pontos da etapa Pré para Pós PCOF; Regras e Monitoria 0,15 pontos etapa Antes para Pré PCOF e 0,09 pontos da etapa Pré para Pós PCOF; Comunicação Positiva dos filhos de 0,54 pontos da etapa Antes para Pré PCOF e de 0, 45 da etapa Pré para Pós PCOF; Clima Conjugal Positivo de 0,38 da etapa Antes para Pré PCOF e 0,47 pontos da etapa Pré para Pós PCOF; Modelo Parental 0,53 pontos da etapa Pré para Pós PCOF; Sentimento dos filhos 0,11 pontos de Antes para Pré PCOF e 0,27 pontos da etapa Pré para Pós PCOF. Considera-se que as melhoras das etapas Pré para Pós PCOF, podem ser consideradas efeito da participação no PCOF, pois os temas dos encontros transcorreram sobre estes itens, e oS itens que apresentaram melhores resultados como Comunicação Positiva dos filhos, Modelo Parental, Clima Conjugal Positivo e Relacionamento Afetivo foram amplamente discutidas e trabalhadas nos encontros, através de atividades e exercícios, em mais de um encontro pois estes temas eram recorrentes a vários encontros e atividades.

Tabela 5. Média e desvio padrão dos itens do EQIF Antes, Pré e Pós PCOF.

r pom	Antes		Pré		Pós		
Itens EQIF	Média		Média	DP	Média		Pré-Pós PCOF
Relac afetivo/envolvimento	4,44	0,38	4,61	0,36	4,86	0,22	0,25
Regras e monitoria	4,67	0,49	4,82	0,32	4,91	0,17	0,09
Punição corporal	1,27	0,43	1,5	0,55	1,48	0,38	0,02
Comunicação pos dos filhos	3,17	1,13	3,7	1,09	4,15	1,02	0,45
Comunicação neg dos pais	2,2	0,57	2,47	0,55	2,45	0,69	0,02
Clima conjugal positivo	3,33	1,12	3,71	1,15	4,18	1	0,47
Clima conjugal negativo	2,38	0,9	2,43	0,81	2,07	0,72	0,36
Modelo parental	4,11	0,46	4,09	0,65	4,61	0,33	0,52
Sentimentos dos filhos	4	0,58	4,11	0,58	4,38	0,52	0,27

A Figura 4, apresenta os resultados por Item, nas etapas Antes, Pré e Pós PCOF, da aplicação do EQIF, como positivos, indicando a melhora ou o aumento dos comportamentos favoráveis para a interação familiar, representados nos itens Relcionamento Afetivo, Regras e Monitoria, Comunição Positiva dos Filhos, Clima Conjugal Positivo, Modelo Parental. E, na figura 1 observa-se os resultados por item, nas etapas Antes, Pré e Pós PCOF, como negativos, indicando a redução dos comportamentos inadequados para a qualidade na interação entre pais e filhos, representados nos itens Punição Física, Comunicação Negativa dos Pais e Clima Conjugal Negativo.

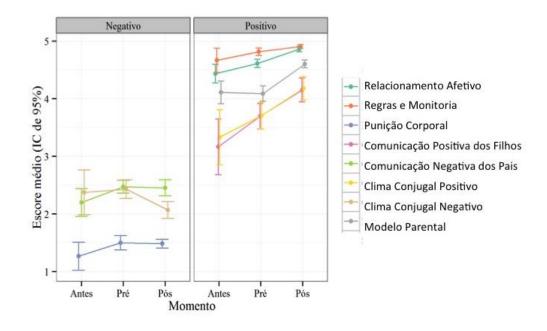


Figura 4. Médias dos Itens do EQIF (Antes, Pré e Pós PCOF).

3.2. WHOQOL-breve

As duas questões de aspectos gerais do WHOQOL-breve, são sobre Qualidade de vida global e percepção da condição de Saúde. As questões de cada item foram citadas anteriormente (p. 38, e o questionário completo está apresentado no Anexo 9) e os quatro itens são sobre Aspecto físico, referente a dores, energia, fadiga, capacidade para o trabalho, locomoção e realização de atividades rotineiras; Aspecto Psicológico, refere-se a

lazer, sentido da vida, crenças pessoais, satisfação pessoal e com a aparência física, sentimentos negativos (mau humor, desespero, ansiedade, depressão) e solidão; *Aspecto das Relações Sociais* refere-se relacionamentos familiares, amizades, colegas e satisfação com a vida sexual; *Aspecto do Meio Ambiente*, referente à moradia, segurança, satisfação com a aparência do lar, clima, poluição, transporte, acesso a serviços de saúde, situação financeira, natureza, tranquilidade.

As análises para WHOQOL-breve foram análogas às realizadas para o EQIF e foram analisadas as médias e desvios entre os GC e GE I e GE II, Pré e Pós participação no PCOF.

A Tabela 6, apresenta os coeficientes ajustados dos modelos dos itens do WHOQOL-breve.

Tabela 6. Media e desvio	padrao dos itens do	WHOQOL-breve Ar	ites, Pre e Pos PCOF.

Item	Ante	es	Pré		Pós		Total	
WHOQOL- breve	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Quest1	83,33	12,91	61,36	23,35	70	19,72	69,44	21,18
Quest2	66,67	25,82	62,86	11,44	72,5	14,19	67,45	16,49
Físico	63,57	10,23	67,08	16,49	66,43	8,28	66,12	12,12
Psicológico	74,31	14,77	66,67	20,41	70,42	14,09	69,75	16,73
Social	65,28	21,35	56,53	11,9	72,5	19,27	64,39	17,95
Meio Ambiente	62,5	16,39	70	19,72	58,75	11,49	64	16,34

Os resultados obtidos após a análise do WHOQOL-breve não indicaram efeitos significativos da participação no PCOF, e tais resultados costumam ser encontrados nas análises de outros questionários de Qualidade de Vida, devido aos altos índices de variabilidade destes questionários (Fleck, 2000; Cruz, 2010). Para detectar-se diferenças (de mínimas a moderadas) em questionários de qualidade de vida, é necessário que a amostra tenha um maior número de participantes (um tamanho amostral significativo), o que não ocorreu neste estudo (Fleck, 2000).

A variabilidade é alta nos questionários de Qualidade de vida, tanto pelas características dos participantes, como gênero, faixa etária, situação conjugal, nível

socioeconômico, entre outras, quanto o pela subjetividade do conceito de Qualidade de vida, que pode estar associada a satisfação em viver, ao bem estar físico, às condições de saúde, moradia, trabalho, entre muitos outros fatores, que são avaliados sob influência de aspectos filogênicos, ontogênicos e culturais dos participantes (fatores físicos, psicológicos, emocionais, fisiológicos, sociais, culturais, etc).

Assim, concluiu-se que a escolha do instrumento WHOQOL-breve não foi adequada para a avaliação do conceito de Qualidade de Vida para este estudo, ainda que não foi encontrado outro instrumento mais apropriado para esta aplicação, de acordo com as características da amostra e os objetivos da Pesquisa.

3.3. IEP

Os itens do IEP são *Punição Inconsistente*, *Negligência*, *Disciplina Relaxada*, *Monitoria Negativa*, *Abuso Físico* (práticas negativas) e *Monitoria Positiva e Comportamento Moral* (práticas positivas), compostos por questões apresentadas anteriormente (pp. 37 e 38) e o questionário completo (Anexo 8). Os itens de *Punição inconsistente* e *Negligência* referem-se às praticas punitivas dos pais que são incoerentes e inconsistentes, oscilando conforme o humor dos pais e não específicas ou consequentes aos comportamentos dos filhos; a Disciplina Relaxada refere-se aos comportamentos inconsistentes e oscilantes dos pais no estabelecimento de regras e consequências para os comportamentos inadequados dos filhos; a *Monitoria Negativa* refere-se à monitoria exercida de forma inadequada por parte dos pais que superprotegem ou rejeitam, não respeitam a privacidades dos filhos, não confiam ou inspiram confiança nos filhos; o *Abuso físico* refere-se às práticas paternas de punição física; a Monitoria Positiva é exercida de forma coerente, clara , baseada em acordos prévios, respeito à autonomia dos filhos e confiança; o *Comportamento Moral* se refere aos princípios éticos e morais de respeito ao próximo, solidariedade, empatia e responsabilidade na educação dos filhos.

A Tabela 7, resume todos os ajustes dos coeficientes dos Itens do IEP e, nota-se que os parâmetros de correlação encontrados para o IEP são menores do que os encontrados para o EQIF. A quarta coluna refere-se à média de melhora em cada um dos itens, das etapas Pré para Pós PCOF.

A análise dos resultados da aplicação do IEP, conforme está apresentado na Tabela 7, a seguir, apontam piora quanto aos itens de Monitoria Positiva, de 0, 88 pontos da etapa Antes para Pré PCOF (mas apresentou melhora de 0, 65 pontos da etapa Pré para Pós PCOF); o item de Punição inconsistente, apontou piora da etapa Antes para Pré PCOF de 0,09 pontos (mas apontou posterior melhora de 1,59 pontos da Etapa Pré para Pós PCOF); o item de Negligência apontou piora de 0,41 pontos da etapa Antes para Pré PCOF (mas apontou melhora de 0,91 pontos da etapa Pré para Pós PCOF). Pode-se observar que todas as pontuações de piora foram das etapas Antes para Pré PCOF, o que pode ser explicado pela terceira hipótese anteriormente apresentada (p. 68) de que os pais não responderam de forma fidedigna na etapa Antes da Pesquisa.

A análise dos seguintes itens apontaram melhora significativa com relação às etapas da Pesquisa, especialmente após a participação no PCOF, como Monitoria Positiva, citada no parágrafo anterior, com melhora de 0,65 pontos da etapa Pré para Pós PCOF; Comportamento Moral com melhora de 0, 90 pontos da etapa Antes para Pré PCOF e melhora de 0,47 pontos da etapa Pré para Pós PCOF; Punição Inconsistente, citada no parágrafo anterior, com melhora de 1,59 pontos da etapa Pré para Pós PCOF; Negligência, citada no parágrafo anterior, apresentou com melhora de 0,91 pontos da etapa Pré para Pós PCOF; Disciplina Relaxada com melhora de 0, 90 pontos da etapa Antes para Pré PCOF, e melhora de 2,17 pontos da etapa Pré para Pós PCOF; Monitoria Negativa apresentou melhora de 0, 63 pontos da etapa Antes para Pré PCOF e melhora de 1,64 pontos da etapa Pré para Pós PCOF; o item de Abuso Físico apresentou redução (melhora) de 0,09 pontos na etapa Antes para Pré PCOF e 0, 71 pontos da etapa Pré para Pós PCOF. Atribui-se a melhoras nos itens citados como efeito da participação no PCOF, pois o programa dos encontros abarcava a importância dos pais conhecerem, monitorarem e acompanharem os filhos em suas atividades cotidianas e rotineiras, de forma a promover autonomia e responsabilidade pelas consequências de seus comportamentos (temas dos encontros estão apresentados na Tabela 3, p. 40).

Tabela 07. Média e desvio padrão dos itens do IEP Antes, Pré e Pós PCOF.

L. IED	Ante	Antes		Pré			
Itens IEP	Média		Média		Média		Pré-Pós PCOF
Montoria Positiva	11,33	0,82	10,45	1,44	11,1	1,1	0,65
Comportamento Moral	9,83	2,79	10,73	1,49	11,2	0,92	0,47
Punição Inconsistente	3	1,26	3,09	1,51	1,5	1,84	1,59
Negligência	2,5	1,76	2,91	1,76	2	0,94	0,91
Disciplina Relaxada	4,17	3,06	3,27	2,97	1,1	1,1	2,17
Monitoria Negativa	6,17	2,79	5,64	1,8	4	1,05	1,64
Abuso Físico	2	0,63	1,91	1,58	1,2	0,92	0,71

As Figuras 5 e 6 apresentam os resultados por item, nas etapas Antes, Pré e Pós PCOF, da aplicação do IEP, como positivos, indicando a melhora ou o aumento dos comportamentos favoráveis para a interação familiar, representados nos itens Monitoria Positiva e Comportamento Moral.

E os negativos, indicando a redução dos comportamentos inadequados para a qualidade na interação entre pais e filhos, representados nos itens Punição Inconsistente, Negligencia, Disciplina Relaxada, Monitoria Negativa e Abuso Físico. Na Figura 5 os dados estão agrupados e, na Figura 6, estão apresentados separadamente, para efeito didático.

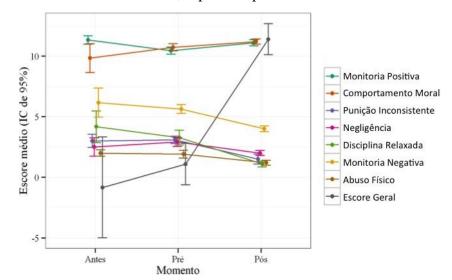
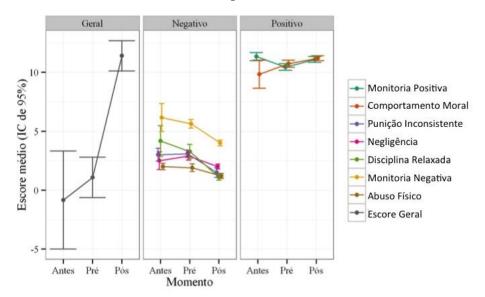


Figura 5. Perfis médios dos escores do IEP, separados por item.

Figura 6. Perfis Médios dos escores do IEP no tempo.



A Tabela 8 (p. 72), a seguir, agrupa as médias dos resultados por itens dos Instrumentos EQIF e IEP¹⁶ nas etapas Antes, Pré e Pós PCOF, e destaca em azul os itens que melhoraram após a participação no PCOF, houve piora ou melhora entre as etapas Pré e Pós PCOF, em qualquer ordem.

¹⁶Instrumentos de medidas desenvolvidos e apresentados pelas autoras Weber, Salvador e Brandenbrug, (2011), no "Programa de Qualidade de Interação Familiar" e, Gomide (2006) no "Inventário de Estilos Parentais IEP", e respectivamente.

Assim, a Tabela 8 apresenta estatísticas descritivas por etapas, Pré e Pós participação no PCOF, agrupando os GC e GE I e II, sem dos dados do WHOQOL-breve, que se mostraram pouco relevantes. Com as análises dos dados, apresentadas nas Tabela 8, pode-se observar que houve melhora com relação a todos os itens do EQIF, comparativamente entre as etapas Antes e Pós PCOF. Nas oito semanas que transcorreram entre as etapas Antes e Pré PCOF para o GC (período em que paralelamente o GE I submeteu-se ao PCOF), os participantes do GC receberam, responderam e reenviaram, para a pesquisadora, da forma como receberam por correio eletrônico ou convencional, as questões correspondentes aos relatos verbais (apresentados no Anexo 12, p. 150), referentes aos temas de *Regras, Limites, Relacionamento Conjugal, Comunicação, Punição Corporal e Modelo*.

Ainda sobre este assunto, pode-se analisar também que os dados coletados na etapa Pós PCOF são representativos da aprendizagem de novos comportamentos e habilidades por parte dos pais na educação dos filhos (melhora), mas as análises comparativas dos dados das três etapas Antes, Pré e Pós PCOF, apontaram algumas discrepâncias, tanto em relação aos itens que caíram (pioraram) das etapas Antes para Pré PCOF, quanto aos itens que caíram (pioraram) das etapas Pré para Pós PCOF.

Considerou-se três hipóteses não excludentes entre si, para explicar tais discrepâncias nas pioras de alguns comportamentos dos pais, após terem participado do PCOF. A primeira hipótese refere-se ao contato dos participantes do GC, com os temas dos encontros do PCOF via questões enviadas por correio, fato que mesmo sem receber qualquer explicação ou orientação verbal sobre os temas, forneceu algum direcionamento sobre os temas que seriam abordados e, diferentemente de quando responderam na etapa Antes, quando responderam pela primeira vez os instrumentos e não tinham qualquer conhecimento sobre o que seria abordado no programa. Assim, pode-se considerar a possibilidade deste contato prévio com os temas, ter tido algum efeito no comportamento dos pais (aprendizagem) e sobre suas respostas às questões dos inventários, quando podem ter ficado sob controle do interesse de responder adequadamente, de acordo com o senso comum, mas já com algum direcionamento quanto aos temas, diferentemente do momento da aplicação na Etapa Antes, quando não tinham recebido qualquer informação.

A segunda hipótese é a possiblidade dos pais terem respondido aos questionários dos instrumentos na etapa Antes, de forma não fidedigna por estarem sob controle de

variáveis, aversivas que a exposição a uma situação nova e pouco familiar como era a etapa inicial da pesquisa. Tais variáveis aversivas poderiam ser o medo de serem julgados por suas respostas aos questionários, por uma psicóloga que atendia no Hospital Universitário (pesquisadora) no qual a família frequentava e recebia tratamento. Por exemplo, é de senso comum que punições físicas a crianças e adolescentes são passíveis de coerção legal, e algumas perguntas dos questionários discorriam sobre este tema, outras variáveis possivelmente aversivas, poderiam ser o medo de serem excluídos ou recusados no experimento, ou o simples medo do desconhecido.

A terceira hipótese para os resultados discrepantes das medidas das três etapas, poderiam estar relacionadas ao fato de que as primeiras medidas tomadas na etapa Antes (também pelas razões já citadas nas duas hipóteses anteriores) indicaram resultados positivos altos, e possivelmente não fidedignos aos comportamentos dos pais, já nas etapas Pré PCOF, e principalmente na Pós PCOF (após participar dos encontros), a familiaridade com a pesquisadora e a forma acolhedora e amistosa como os temas são discutidos tranquilizou os participantes, que responderam de forma mais fidedigna, já não mais sob o controle aversivo do desconhecido.

Consideram-se, a seguir, hipóteses do que possa ter gerado equívocos na interpretação dos pais, aos responderem questões como as seguintes que indicam uma forma negativa de se comunicar, mas podem ser interpretadas de forma contrária pelos pais.

Avaliando-se os coeficientes (Tabelas 7 e 8, p. 68 e 72, respectivamente) observase que a aplicação do PCOF surtiu efeito para redução das médias dos itens negativos (melhora) de *Punição Inconsistente*, em 1,59 pontos (p<0,01), *Disciplina Relaxada*, em 2,17 (p=0,01) e da *Monitoria Negativa* em 1,64 pontos (p=0,02).

O item *Clima Conjugal Positivo (EQIF, Tabelas 5 e 8)*, por exemplo, cresceu em média 0,47 pontos. O item *Relacionamento Afetivo*, cresceu em média 0,25 (Tabelas 5 e 8, p. 63 e 72, respectivamente). E o item *Modelo Parental*, cresceu 0,52 (Tabelas 5 e 8). Esses dados conjuntos destacam a melhora de 10,59 pontos do Escore Geral os momentos Pré e Pós PCOF dos itens dos dois instrumentos (Tabela 8).

Conclui-se que foi possível observar resultados Positivos da Aplicação do Programa, relevantes quanto à redução dos itens negativos e aumento dos itens positivos, referentes à interação familiar.

Observou-se que com relação ao item negativo de Punição física, os dados coletados no Pré-Teste indicaram que esta prática não era usual entre os participantes, e surpreendentemente no Pós - Teste, observou-se pouca ou nenhuma melhora, o que levou à suposição de que ao responder ao questionário no Pré-Teste em um primeiro contato com a pesquisadora, os pais poderiam estar sob controle da própria crítica sobre a inadequação do comportamento de agredir os filhos.

Já no Pós-Teste, mais familiarizados com a pesquisadora, e não mais tanto sob controle do julgamento desta. Num segundo momento talvez possam ter respondido mais fidedignamente aos questionários.

Tabela 08. Apresentação das médias dos resultados finais das Etapas Antes, Pré e Pós PCOF

INSTRUMENTOS E	ANTES	PRÉ PCOF	PÓS PCOF	PRÉ-PÓS
EQIF				
Relacionamento Afetivo Envolvimento	4,44	4,61	4,86	0,25
Regras e Monitoria	4,67	4,82	4,91	0,09
Punição Corporal	1,27	1,50	1,48	0,02
Comunicação Positiva dos filhos	3,17	3,70	4,15	0,45
Comunicação Negativa dos pais	2,2	2,47	2,45	0,02
Clima Conjugal Positivo	3,33	3,71	4,18	0,47
Clima Conjugal Negativo	2,38	2,43	2,07	0,36
Modelo Parental	4,11	4,09	4,61	0,52
Sentimentos filhos	4,00	4,11	4,38	0,27
CONT. IEP				
Monitoria Positiva	11,33	10,45	11,1	0,65
Comportamento Moral	9,83	10,73	11,2	0,47
Punição Inconsistente	3,00	3,09	1,50	1,59
Negligência	2,50	2,91	2,00	0,91
Discisplina Relaxada	4,17	3,27	1,10	2,17
Monitoria Negativa	6,17	5,64	4,00	1,64
Abuso Físico	2,00	1,91	1,20	0,71

4. CONCLUSÃO

A análise dos resultados deste trabalho permitiu algumas reflexões sobre a presente proposta de intervenção. Observaram-se resultados positivos da aplicação do Programa PCOF, baseado no PQIF (Weber, Salvador e Brandenburg, 2011), com pequenas alterações, tais como a introdução de algumas atividades e a exclusão de outras da proposta original (Tabela 3, p. 40).

Esses Programas de Orientação Parental podem ajudar as famílias a lidar com problemas comportamentais dos filhos, de forma preventiva. E mais do que isto: promovem e ensinam novas habilidades (Botomé, 1981), que levam ao autoconhecimento dos pais sobre as contingências que controlam seus próprios comportamentos e de seus filhos. E estão em consonância com as propostas e diretrizes teóricas na promoção da saúde da população, as quais nem sempre são praticadas nos processos de encaminhamentos aos serviços de psicologia (Weber, Salvador e Bradenburg, 2011; Miyazaki & Silvares, 2001, in Borloti; Balbi; Baptista & Maciel, 2010; Botomé, 1981).

Na Promoção ou Prevenção da Saúde, no contexto da Saúde Pública, autores destacam o nível de Prevenção primária com procedimentos dirigidos para o bem-estar geral, e se referem, entre outros procedimentos, a medidas educacionais sob a forma de aconselhamentos individuais ou em grupos (Czeresnia e Freitas, 2003), o que corrobora com a proposta desta forma de intervenção.

Intervenções de Grupo de Pais como a proposta deste estudo também são úteis do ponto de vista econômico, e o aprimoramento de intervenções para famílias no contexto do Serviço Público pode representar uma otimização dos serviços em saúde com economia, tanto do Estado, quanto dos Profissionais da Psicologia e da Psiquiatria (atendo maior demanda de clientes e com mais resultados), quanto para as famílias, que, muita vezes, têm nessa forma de abordagem uma possibilidade de acesso a um tratamento eficaz e abrangente, ainda inacessível à maioria da população no contexto da clínica particular (Delitti, 2008, Derdky e Sztamfater, 2008).

À proposta dos Grupos de Pais corrobora a literatura sobre os efeitos do comportamento verbal em modificar o comportamento não-verbal (De Rose, 1997), conforme as mudanças observadas indicam (Figuras 3, 4, 5 e 6).

A análise dos dados indicou a melhora após a participação no PCOF, conforme os

dados coletados antes e depois da participação dos pais no programa. Os itens relacionados a envolvimento afetivo, comunicação, clima entre o casal, monitoria adequada, modelo dos pais e comportamento moral entre pais e filhos apresentaram melhora.

Os índices de melhora quanto aos comportamentos adequados dos pais são tão importantes quanto os índices de diminuição de comportamentos aversivos e punitivos na prática parental, o que também se pode observar na análise dos dados deste estudo. Tal dado é encorajador desse tipo de intervenção, já que a punição, praticada pela imediaticidade de seus efeitos sobre a supressão de comportamentos inadequados, em comparação com o tempo necessário para se estabelecer comportamentos adequados pelo reforçamento positivo, gera subprodutos do controle aversivo é prejudicial, tanto para o punido como para o agente punidor (Sidman, 2011; Skinner, 1953/1981).

Uma das principais dificuldades elencadas na presente proposta foi a falta de tempo designada no programa original para a discussão de temas e questões pessoais dos pais, o que se tentou suprir com a modificação das atividades originais, incluindo-se ao final de vários encontros, o tema de "discussões dos pais". Outra dificuldade encontrada foi a de dedicar pouco tempo no programa original para a abordagem de alguns conceitos teóricos da análise do comportamento, em detrimento de um número maior de informações, o que pareceu inviabilizar a compreensão de temas fundamentais e sua futura aplicação, apesar da realização de tarefas e exercícios. Considera-se que as mesmas eram muito abrangentes. Por exemplo, fazer a análise funcional dos comportamentos ou fazer a montagem e aplicação dos quadros de reforço, que se revelaram tarefas difíceis para os pais que precisariam de maiores explicações teóricas para compreenderem o processo, colocando-o em prática de modo funcional. Mais uma questão, já apontada anteriormente, na análise dos resultados do questionário de Qualidade de Vida (p. 71), indica que o instrumento escolhido não foi adequado à proposta deste estudo e poderia ter sido excluído em favor de questionários de aproveitamento específico do programa, voltados para a análise dos relatos verbais.

A realização de grupos sob o enfoque da Análise do Comportamento no contexto do atendimento público representa uma otimização na prestação de serviços em saúde e traz, entre outros aspectos positivos, a oportunidade de atender à grande demanda de clientes da rede pública de saúde (Botomé, 1981; Leavell e Clark, 1965, in Czeresnia, e Freitas, 2003).

Observa-se congruência dos resultados obtidos após a aplicação do programa PCOF, indicando melhora na interação entre pais e filhos, com redução de práticas educativas aversivas ou punitivas dos pais para as práticas mais funcionais na educação dos filhos, o que, de acordo com Gomide (2009), tem uma consequência positiva para os filhos, que se sentem mais seguros e capazes, e afasta sentimentos de desesperança e de depressão infantil (Gomide, 2009), o que se configura um instrumento de promoção da saúde (Leavell e Clark, 1965, in Czeresnia, e Freitas, 2003).

A família exerce sua função social, promovendo a inserção de seus membros em outras agências de controle, como uma agência controladora educacional ensinando a criança por meio estímulos discriminativos de como se comportar através de modelagem e também reforçando ou punindo (Skinner 1953/1981; Naves & Vasconcelos, 2008), intervenções bem sucedidas como a proposta neste estudo tem a função psicoeducativa de ensinar e modelar os comportamentos dos pais, criando através de contingências comportamentais entrelaçadas e metacontingências. E, desse modo, gerando possíveis consequências culturais, como a criação de programas planejados de atendimento em Grupos como medida de intervenção, na qual o terapeuta reforça a emissão de comportamentos adequados, a expressão de sentimentos e solidariedade entre os membros do grupo, promove a melhora nos sintomas (Skinner, 1953/1981; Glenn, 1988; Kerbauy, in Delitti & Derdyk, 2008; Neves & Vasconcelos, 2008; Todorov, 2012).

Alguns pontos levantados durante a pesquisa e análise dos dados merecem reflexão e deram origem ao Estudo 2, como Prestação de Serviços (Anexo 1), no qual se apresenta uma nova proposta de redução do número de encontros, agora mais voltados para o aspecto teórico dos conceitos de Análise do Comportamento, aumentando-se, assim, o conteúdo da instrução, mediante a estratégia da repetição dos temas de forma cumulativa em todos os encontros, com o objetivo de melhor habilitar os pais na aplicabilidade dos conceitos trabalhados.

REFERÊNCIAS

American Psychological Association. (2001). *Manual de publicação da American Psychological Association* (4a ed., D. Bueno, trad.). Porto Alegre: Artmed.

Andery, M.A.P.A., Micheleto, N. & Sério, T.M.A.P. (2005). A Análise de fenômenos sociais: Esboçando uma proposta para a identificação de contingências entrelaçadas e metacontingências. Revista Brasileira de Análise do Comportamento, *I*, 149-165.

Ayllon, T & Azrin, N.H (1964) *Reinforcement and instructions with mental patients*. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 7, 327-331.

Bandura, A. (1969/1997). *Principles of behavior modification*. New York: Holt, Rinehart & Winston.

Bandura, A; Azzi, G; Polydoro, S. Col.(2011) *Teoria Social Cognitiva: Conceitos Básicos*. Porto Alegre: ArtMed,Vital Book

Beck, A. T., Ward, C. H., Mendelson, M., Mock, J. & Erbaugh, G. (1961). *An Inventory for measuring depression*. Arch Glen Psychiatry, 4, 53-63.

Biasoli-Alves, Z. M. M. (2000). *Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.16 (3), pp. 233-239,.

Bijou, S. W. (1978). Behavior analysis of child development. Reno: Context Press.

Borloti, E., Balbi, Q. R. R., Baptista, J. L. & Maciel, G. M. (2010). *Cuidando de quem cuida: a experiência com um grupo de servidoras em um hospital geral*. In M. M. C. Hübner (Org). *Avanços recentes das aplicações comportamentais e cognitivas* (Vol. 26, pp. 13-25, Coleção sobre comportamento e cognição). São Paulo: ESEtec.

Brandão, M. Z. S. (1999). Abordagem contextual na clínica psicológica. Revisão da ACT e proposta de atendimento. In R. Kerbauy & R. Wielenska (Orgs). Da reflexão teórica à diversidade de aplicação. (Vol. 4, pp. 149-156, Coleção sobre comportamento e cognição). São Paulo: ESEtec.

Botomé, S. P. (1981). Objetivos de Ensino, necessidades sociais e tecnologia educacional. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo. São Paulo-SP.

Bussab, W.O. E Morettin, P.A. (2006). *Estatística Básica*. São Paulo, Ed. Saraiva, 6a ed.

Callonere, A. (2002). Relações familiares e escolares de alunos com necessidades educacionais especiais na escola comum. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia Mackenzie, São Paulo.

Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Czeresnia, D. e Freitas, C. M. Orgs. (2003). *Promoção da Saúde: Conceitos, reflexões e tendências.Rio de Janeiro*: Fiocruz.

Conte, F. C. S. & Regra, J. G. (2013). A psicoterapia comportamental infantil, Novos aspectos. In E. F. M Silvares (Org.). Estudos de caso de Psicologia clinica comportamental infantil (Vol.1, pp. 79-136, 7a ed.). São Paulo: Papirus.

Darwin, C. (1859). On the origin of species. Londres: John Murray.

Day, W. (1980). Some comments on the book Verbal Behavior. Behaviorism, 8, 165-173.

Davis, C.& Oliveira, Z. (1990) Psicologia na educação. (p 16-17) São Paulo: Cortez

De Rose, J.C. (1997). O relato verbal segundo a perspectiva da análise do comportamento: contribuições conceituais e experimentais. Em Banaco, R. (Org). 111 Sobre Comportamento e Cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do comportamento e Terapia Cognitivista. p.148-173.

Delitti, M. (2008). *Terapia analítico comportamental em grupo*. In M. Delitti & P. Derdyk (Orgs.), *Terapia Analítico comportamental em grupo* (Vol. 1, pp. 31-58). São Paulo: ESEtec.

Del Prette A. & Del Prette, Z. A. P. (2000). *HIS Inventário de habilidades Sociais* Del Prette. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais. Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes.

Derdyk, P. & Sztamfater, S. (2008). *Tornando-se um terapeuta de grupos*. In: M. Delitti & P Derdyk (Orgs), *Terapia analítico comportamental em grupo*. (Vol 1, pp. 249-261). São Paulo: Esetec.

Donahoe, J. W. & Palmer, D. C. (1994). *Learning and Complex Behavior*. Boston: A. and Bacon.

Fleck, M. P. A; Louzada S.; Xavier, M.; Chachamovich, E., Vieira, G.; Santos, L. & Pinzon, V. (2000). *Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de vida "WHOQOL-bref.* Revista Saúde Pública, 2000, *34*(2), 178-183.

Glenn, S. S (1988). Contingencies and metacontingencies. Toward a synthesis of behavior analysis and cultural materialism. The behavior analyst, 11, 165-178.

Glenn, S. S (1991). Contingencies and metacontingencies. Relations among behavioral, cultural and biological evolution. In P.A. Lamal (orgs.), Behavioral analysis of sociieties and cultural practices (pp. 39-73). Washington, DC: Hemisphere Publishing.

Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de estilos parentais, IEP. Modelo teórico, manual de aplicação, apuração e Interpretação*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Gomide, P. I. C. (2009). Pais presentes pais ausentes regras e limites (9a ed.). Rio de Janeiro: Vozes.

Gomide, P. I. C. (2010). Comportamento moral. Uma proposta para o desenvolvimento das virtudes. Curitiba: Juruá.

Goulart, P. R. K., Delage, P. E. G. A., Rico, V. V. & Brino, A. L. F. (2012). *Pensamento e criatividade*. In M. M. Hübner. & M. B. Moreira, (Orgs.). *Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento*. (pp. 117-128). Rio de janeiro: Guanabara Koogan.

Horne, P.J. & Lowe, C.F. (1996). On the origins of naming and other symbolic behavior. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 65, 185-241.

Hübner, M. M. (1984). *Ciência e pesquisa em psicologia*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, EPU.

Hübner, M. M. (1997a). O que é comportamento verbal. Em Banaco, R (1997), (Org.) Sobre Comportamento e Cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do comportamento e terapia cognitivista. Santo André: Arbytes, p.135-137.

Hübner, M.M.C. (1997b). Conceituação do comportamento verbal e seu papel na terapia. Em Banaco, R (1997), (Org.) Sobre Comportamento e Cognição:aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do comportamento e terapia Cognitivista. Santo André: Arbytes, p. 277-281.

Hübner, M. M. (1998a). Guia para elaboração de monografias e projetos de dissertação de mestrado e doutorado. São Paulo: Pioneira.

Hübner, M. M. (1998b). Analisando a relação professor aluno do planejamento à sala de aula. Cadernos brasileiros de educação. São Paulo: CLR Balieiro.

Hübner, M.M.C. (2003). Comportamento verbal e não-verbal: efeitos do reforçamento de tactos com autoclíticos referentes ao ler sobre o tempo 112 despendido com leitura. Em: Ciência do Comportamento - conhecer e avançar. Santo André: ESETec, 3,163-173.

Hübner, M.M.C., Miguel, C.F., Michael, J. (2005). *Controle múltiplo no comportamento verbal: humor brasileiro e operantes relacionados.* Revista Brasileria de Análise do Comportamento. 1, 8-14

Hübner, M.M.C; Austin, J.; Miguel.C. (2008). *Effects of praising qualyfing autoclitics on the frequency of reading*. The Analysis of Verbal Behavior, 24, 55-62.

Hübner, M.M.C; Borloti, E.: P. Almeida; Cruvinel, A. Linguagem. Em Hübner, M.M.C & Moreira, M.B.(Orgs). (2012). *Temas clássicos da Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento*. Rio de Janeiro: Guananabra Koogan, 100-115

Hübner, M.M.C. (2013). Comportamento verbal de ordem superior: análise teóricoempírica de possíveis efeitos de autoclíticos sobre o comportamento não verbal. Tese de Livre Docência, apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: SP

Johnston, J. M. & Pennypacker, H. S. (1993). *Strategies and tactics of behavioral research*. (2a ed.). New Jersey: Lawrence Erlbaum.

Kerbauy, R. R. (2008). *Terapia Comportamental de Grupo*. In M. Delitti & P. Derdyk (Orgs.), *Terapia analítico comportamental em grupo*, (pp. 17-29). São Paulo: Esetec.

Knisley, E. P. (1987). *Bem vindo à Holanda* .In: http://educacaoespecial.madeira-edu.pt/P.Disponívelem:http://educacaoespecial.madeira.edu.pt/Portals/13/Formacao/hol anda.pdf Acessado em: abr. 2011

Kohlenberg, R. J. & Tsai, M. (2006). *Psicoterapia Analítico Funcional. Criando Relações Terapêuticas Intensas e Curativas*. Santo André: ESEtec.

Leavell, S. e Clark, E. G. Medicina Preventiva. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.

Lehmann, E.L. e D'abrera, H. J. M. (2006) *Nonparametrics statistical methods based on ranks*. Nova Iorque, Ed. Springer, p.463.

Leymond, B. *Le development social de l'enfant et del'adolescent*. Bruxelles: Dessart, 1965. p 12-14. In Davis, C.& Oliveira, Z. (1990) Psicologia na educação. (p 16-17) São Paulo: Cortez

Lipp, M. E. N. (1998). *Inventário de sintomas de estresse para adultos* de Lipp. ISSL. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mantoan, M.T.E. (1997). A integração de pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: Memnon.

Marinho, M. L. (2013). *Intervenção clínica comportamental com famílias. In* E.F.M. Silvares, (Org.), *Estudos de caso de Psicologia clinica comportamental infantil* (Vol.1, pp. 139-174, 7a ed.). São Paulo: Papirus.

Matos, M. A.(1991). As categorias formais de comportamento verbal em Skinner. Anais da XXI Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia, Ribeirão Preto, São Paulo, 77.

Matos, M. A. (2001). Comportamento governado por regras. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 3(2), 51-66.

Micheletto, N. (2001). Variação e Seleção: as novas possibilidades de compreensão do comportamento humano. In R. A. Banaco, (Org.), Definições e evoluções de conceitos (Vol. 1, pp. 115-127, Coleção sobre comportamento e cognição). São Paulo: ESEtec.

Minuchin, S. (1982). Famílias funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas.

Moreira, M. B. & Hanna, E. S. (2013). Bases filosóficas e noções de ciência em análise do comportamento. In M. M. Hübner & M. B. Moreira (Orgs.), *Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento (pp. 1-19)*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Miyazaki, M. C. O. S. & Silvares, E. F. M. (2001). *Psicologia da saúde em hospitais escola. Extensão de serviços à comunidade acadêmica*. In M. C. Marinho & V. E. Caballo (Orgs.), *Psicologia clínica* e da saúde (pp. 335-353). Londrina: UEL.

Naves, A. R. C. X. (2008). *Contingências e metacontingências familiares. Um estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Ciência do Comportamento, Universidade de Brasília, Distrito Federal.

Naves, A. R. C. X. & Vasconcelos, L. A. (2008). *O estudo da Família contingências metacontingências*. Revista Brasileira de Análise do Comportamento, *4*(1), 13-25.

Pereira, M E M; Marinotti, M. & Luna, S. V. (2004). O compromisso do professor com a aprendizagem do aluno. Contribuições da análise do comportamento. In M. M. Hübner & M. Marinotti (Orgs.). Análise do comportamento para a educação. Contribuições Recentes. (pp. 19-21). São Paulo: ESEtec.

Pichon-Rivière, E. (1986). O processo grupal. São Paulo: Cortez.

Quintana M. (2005). Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

R Core Team (2014). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing. Vienna, Austria. ISBN 3-900051-07-0, URL http://www.R-project.org/.

Rocha, M. M. & Brandão, M. Z. S. (1997). A importância do autoconhecimento dos pais na análise e modificação de suas interações com os filhos. In M. Delitti, (Org.). A prática da análise comportamental (Vol. 2, pp. 137-146, Coleção sobre comportamento e cognição). São Paulo: ESEtec.

Salzinger, K (2003). Some verbal behavior about verbal behavior. The Behavior Analyst, 26, 29-40.

Salvador, A.P.V. (2012). *Intervenção em grupo com famílias na escola: foco nas queixas escolares dos filhos.* Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal do Paraná. Curitiba: Paraná.

Sampaio A., Azevedo, F. H. B., Cardoso, R. D., Lima, C., Pereira, M. B. R & Andery, M. A. P. A. (2008). *Uma introdução aos delineamentos experimentais de sujeito único. Interação em psicologia. 12*(1),151-164.

Selltiz C., Wrightsman L., Cook, S. & Kidder, L. (1987). *Métodos de pesquisa nas relações sociais* (2ª ed. bras.). J. R. Malufe e B. Gatti (Coords.). São Paulo: E.P.U.

Sidman, M. (2001/2011). Coerção e suas implicações. São Paulo: Livro Pleno.

Sidman, M. & Tailby, W. (1982). Conditional discrimination vs. matching to sample: an expansion of the testing paradigm. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 37, 5-22.

Silvares, E.F.M. e Souza, C.L. (2008). *Discórida Conjugal: Distúrbios psicológicos infantis e avaliação diagnóstica comportamental cognitiva* Psicologia: Teoria e Prática, 10, 202-213.

Skinner, B. F. (1957). Verbal Behavior. New York: Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B.F. (1953/1981). *Ciência e Comportamento Humano*. 5a edição. São Paulo: Ed.Martins Fontes.

Skinner, B.F. (1969/1984). *Contingências de Reforço. Uma análise teórica*. São Paulo: Abril Cultural.

Skinner, B.F. (1972). Tecnologia do ensino. São Paulo: Edu Edusp.

Skinner, B.F. (1974/2006). Sobre o Behaviorismo. (10a ed. bras.). São Paulo: Cultrix.

Skinner, B.F. (1981/2007). *Seleção por consequências*. Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva, *9*(1), 129-137.

Skinner, B.F. (1984). *The evolution of behavior*. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 41, 217-220.

Szymanski, H. (2003). *Encontros e desencontros na relação Família-Escola*. Desafios e Perspectivas. Brasília: Plano.

The Whoqol Group (1998). Development of the World Health Organization WHOQOL-Bref. Quality of Life Assessment.. Psychol Med, 28,551-8.

Thorndike, E. L. (1898/1911). Animal intelligence. New York: Macmillan.

Todorov, J. C. (2012). Metacontingências e a análise comportamental de práticas culturais. Clínica e Cultura, 1(1), 37-45.

Vichi, C., Andery, M. A. P. A. & Glenn, S. S. (2009). A metacontingency experiment: The effects of contingent consequences on patterns of interlocking contingencies of reinforcement. Behavior and social issues, 18, 41-57.

Weber, L. N. D. (2005). Eduque com carinho. Equilíbrio entre amor e limites (2a ed.). Curitiba: Juruá.

Weber, L. N. D., Salvador, A. P. & Brandenburg, O. (2011). *Programa de qualidade na interação familiar. Manual para aplicadores* (2a ed.). Curitiba: Juruá.

Weber, L. N. D. & Dessen, M. A. (Orgs). (2011). *Pesquisando a família. Instrumentos para coleta e análise de dados* (2a ed.). Curitiba: Juruá.

Willians, L. C. A. & Aiello, A. R. (2001). *O Inventário Portage Operacionalizado: Intervenção com famílias*. São Paulo: Memnon.

Williams, L.C.A. (2010). *Perdão e reparação de danos*. In P. I. C. Gomide (Org.), *Comportamento Moral. Uma proposta para o desenvolvimento das virtudes* (pp. 191-213). Curitiba: Juruá.

ANEXO 1

ESTUDO 2 – SERVIÇO PRESTADO

1. ESTUDO 2 - SERVIÇO PRESTADO¹⁷

Durante as muitas aplicações do Programa de Qualidade na Interação Familiar, PQIF, feitas no modelo proposto por Weber, Brandenburg e Salvador (2006) e, posteriormente, Programa Comportamental de Orientação Familiar, PCOF (Estudo 1), realizados a partir de 2011, inicialmente no Hospital Universitário da USP, e, desde outubro de 2014, no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas – IPQHC USP, emergiam algumas questões por parte da pesquisadora e dos participantes, ora durante os encontros, ora posteriormente às análises dos dados, até chegar ao modelo apresentado nesta Tese, como Estudo 2 – Serviço Prestado (Programa Comportamental de Orientação de Pais).

Uma das questões que emergiu no decorrer dos muitos encontros dos Grupos era a contradição entre considerar o número de oito encontros insuficientes para abarcar o conteúdo proposto, as demandas dos pais por atenção e por respostas a seus questionamentos e, ao mesmo tempo, lidar com as dificuldades que os pais já relatavam ter para frequentar os encontros, por dois meses, com duas horas de duração por semana e a proposta de aumentar o número de encontros.

Outra dificuldade ainda relacionada à primeira era que os encontros eram agradáveis, lúdicos e envolventes, mas, em contrapartida, forneciam muitas informações, o que poderia dificultar a aprendizagem dos conteúdos teóricos basicamente necessários para um futuro alinhamento dos comportamentos dos pais, na educação dos filhos, conforme os princípios da análise do comportamento (por exemplo, fazerem a análise funcional dos próprios comportamentos e dos filhos).

Diante desse contexto, questionou-se que, se para a aprendizagem dos temas trabalhados nos grupos, no formato mais terapêutico do que educativo, os oito encontros mostravam-se insuficientes, porém, a parte de instrução formal era feita em pouco tempo do total do encontro, e assim, deixava a desejar. A nova proposta tem um enfoque mais teórico do que terapêutico, em um formato de treinamento para pais. Nessa proposta, o

-

^{17.} O estudo 2 configurou-se como um serviço prestado ao Hospital Dia Infantil do IPQHC, baseando-se nos dados do estudo 1 e com adaptações justificadas na seção de procedimentos do referido estudo. Por se configurar como um serviço, não se submeteu o Estudo 2 ao Comitê de Ética em pesquisa, embora tenha-se tomado todos os cuidados referentes à ética.

conteúdo seria distribuído em cinco encontros semanais, com duas horas de duração e, posteriormente, a análise dos resultados e relatos verbais poderiam indicar se o aproveitamento seria melhor. Diante desse contexto, questionou-se: se por um lado para aprendizagem dos temas trabalhados nos grupos, no formato mais terapêutico do que educativo, os oito encontros mostravam-se insuficientes; por outro, a parte de instrução formal também era feita em pouco tempo do total do encontro, o que deixa a desejar. Assim, fez-se uma nova proposta de trabalho, cujo enfoque seria mais teórico.

Estudos experimentais, com os do Laboratório LEOV¹⁸, (Hübner, 2013) sobre controles por regras (instruções), indicam que o controle verbal é temporário (não permanente), mas os efeitos imediatos da instrução podem ser potencializados por contingências reforçadoras, como elogios ou incentivos (dos próprios filhos, dos participantes e dos coordenadores dos grupos de pais) e, ainda, que as consequências naturais aconteçam a longo prazo, tais como mudanças nos comportamentos dos pais e dos filhos. Acrescente a isso o fato de que na interação familiar, a motivação dos pais para as mudanças é grande frente ao enfrentamento de situações aversivas cotidianas para lidar com as dificuldades no manejo dos comportamentos inadequados dos filhos. A operação estabelecera e motivacional pode ser, por exemplo, a privação de um ambiente familiar harmonioso e, nesse sentido, as orientações verbais dos Grupos de Pais podem promover contingências reforçadoras diárias, ainda que pequenas e modificar o comportamento não verbal de pais e filhos (Hübner, 2003). Este estudo não pretendeu investigar as variáveis de difícil controle que o estudo dos efeitos do comportamento verbal sobre o não verbal abarcam, e também não foi feito o " $follow - up^{19}$ " da intervenção, o que pode ser um tema para a continuidade do Estudo.

A partir dessa proposta de modificar a forma de transmitir os conteúdos, investindo-se mais na informação teórica e reduzindo-se as atividades lúdicas, manteve-se a proposta de uma intervenção psicoeducativa. Pode-se dizer que em dois terços dos encontros trabalhava-se a parte teórica e, em um terço, focava-se a parte prática e lúdica sobre os temas do encontro do dia. No entanto, essa distribuição de atividades era feita de

¹⁸ O texto refere-se aos estudos do LEOV-Laboratório de Estudos dos Operantes Verbais, Instituto de Psicologia da USP, área de Psicologia Experimental, sob a Coordenação da Profa. Dra. Maria Martha Hübner (Hübner, 2013).

¹⁹ "Follow – up" ou acompanhamento posterior, para a avaliação da continuidade, ou duração dos efeitos dos resultados, da pesquisa já realizada.

forma que os conteúdos teóricos fossem distribuídos nos exercícios e atividades (como acontece na proposta original, só que com pouco tempo voltado para a instrução). Isso era feito de forma que os pais tivessem mais oportunidades de aprender os princípios da análise do comportamento necessários para a posterior aplicação dos conceitos na vida familiar. Ainda nesse sentido, tomou-se o cuidado de observar como os pais estavam reagindo ao aumento de informações teóricas e, para tanto, eram feitos exercícios e discussões a cada encontro, para viabilizar a continuidade, o que foi mantido mesmo nos Grupos posteriores ao Grupo do Projeto Piloto, realizado a partir de março de 2015. Após março os grupos seguiram este novo formato de cinco encontros (a proposta do Estudo 2).

Ainda há outras dificuldades encontradas em Grupo de Pais, realizado em Serviços Públicos. Pode-se citar, por exemplo, a heterogeneidade de participantes: quanto à escolaridade, cultura das localidades de origem (muitos são migrantes) e nível socioeconômico. Na tentativa de minimizar os possíveis efeitos desta variável independente, optou-se pela repetição dos conteúdos teóricos trabalhados em cada encontro, durante toda a duração do encontro do Grupo, em diferentes momentos, identificando-os nas atividades lúdicas realizadas e convidando os participantes, que se apropriavam mais facilmente dos conteúdos, a comentá-los, fornecendo modelo para os outros participantes, que poderiam ter mais dificuldades na apropriação dos conceitos teóricos. A hipótese era baseada na possibilidade de mudanças nos comportamentos não verbais, a partir dos comportamentos verbais, por meio de instrução e auto-instrução (conceitos apresentados anteriormente pp. 20 - 22).

Finalmente, a última e não menos importante dificuldade que levou à proposta do Estudo 2 foi a questão de economia em serviços de psicologia para atender à crescente demanda por orientações parentais em serviços de saúde. A redução de oito encontros para cinco pode representar a facilitação ao acesso e acompanhamento dos participantes a todos os encontros, o que é fundamental para a aprendizagem dos temas discutidos.

Nesse sentido, as atividades do PCOP, apresentadas no Estudo 2, foram desenvolvidas com o objetivo de ensinar os conteúdos teóricos por meio de instrução (aulas expositivas) e realização de atividades lúdicas, leituras de pequenos textos, dinâmicas de grupo e exercícios realizados sempre durante os encontros dos grupos. Tanto o PCOF (Estudo 1) quanto o PCOP (Estudo 2 – Prestação de Serviço) foram baseados na

proposta original do Programa PQIF, das autoras Weber, Brandenburg e Salvador (2011), mas são realizados de modo diferente. O PCOP é diferente da proposta original, exceto pela escolha dos temas fundamentais a um grupo de Orientação Comportamental de pais, como Regras, Limites, Reforço, Punição, Extinção, modelo, autoconhecimento, principalmente.

Cada um dos encontros, descritos na sequencia do texto (tabela 10, p. 94) é inteiramente diferente do programa original, mantendo apenas o modelo da proposta original. No entanto, com atividades programadas e realizadas de modo diverso, com o principal objetivo de habilitar os pais a terem um manejo melhor com os filhos, através da instrução e do reforço natural aos comportamentos que vão sendo modelados e explicados continuamente durante cada encontro. Espera-se habilitar os pais para conduzirem a educação dos filhos, com segurança, por meio da análise funcional de comportamentos. Os participantes são convidados convidados nos encontros dos, durante dos grupos, a cada encontro grupos continuamente a refletir sobre os conteúdos teóricos, aprendendo a analisar os próprios comportamentos como consequências e antecedentes para os comportamentos dos filhos.

Este estudo representa o primeiro passo em um profícuo campo de pesquisa sobre a avaliação das contingências, que podem facilitar a aprendizagem e mudança de comportamentos por meio da instrução verbal e dos processos comportamentais, como as contingências comportamentais entrelaçadas, comportamento verbal modificando o não verbal pela repetição programada de conteúdos teóricos em programas de grupos com encontros pré-definidos, modelagem e reforço contínuo e natural. Os resultados encontrados são otimistas para a continuidade dos futuros estudos.

A abordagem e o enfoque dos temas dos encontros no PCOP foram feitos no formato de aula expositiva e interativa, do início ao decorrer dos encontros semanais, cujos conteúdos foram abordados de forma lúdica por meio das atividades e exercícios. Os pais não recebiam tarefas para fazer em casa; quaisquer atividades solicitadas eram realizadas durante os encontros. Por se tratarem de temas nem sempre de fácil compreensão para todos os participantes, eles eram repetidos várias vezes, durante diversos momentos dos encontros, caracterizando uma estratégia de aplicação do PCOP. Vale lembrar que transmitir os conteúdos de forma repetitiva e cumulativa ao longo dos encontros, tanto pelos participantes quanto pela coordenadora (experimentadora) pode ter

um efeito facilitador na aprendizagem dos pais, conforme será demonstrado a seguir. Cada um dos encontros estão descritos detalhadamente (pp. 93-105), e antes da descrição das atividades de cada encontro, estão apresentadas as justificativas das escolhas das atividades correspondentes (pp. 95-104).

O Programa de Orientação Comportamental de Pais – PCOP - foi desenvolvido com base no "Programa de Qualidade na Orientação Familiar" (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011), com o objetivo de treinar pais para o exercício das interações com os filhos e pretendeu avaliar se a aplicação do programa em um Hospital Escola seria efetiva em mudanças comportamentais nas relações familiares entre pais e filhos. Pretendeu, ainda, avaliar os efeitos desta proposta de atendimento, como um modo de aperfeiçoamento dos serviços de Psicologia do Hospital, em um modelo econômico, com redução no número de encontros, com enfoque psicoeducativo, como o programa no qual se baseou, mas diferenciando-se pelo maior enfoque aos conceitos teóricos da Análise do Comportamento, configurando-se em um treinamento parental para o manejo de situações cotidianas na convivência e educação dos filhos.

2. MÉTODO

2.1. Participantes

Foram submetidos ao serviço de Orientação de pais de crianças e pré-adolescentes (na faixa etária de seis a quinze anos de idade). São pais que utilizavam os serviços de saúde do Hospital Dia Infantil, do Instituto de Psiquiatria do Hospital da Clínicas de São Paulo, IPQUSP. Eles foram encaminhados pelo médico psiquiatra, coordenador do Hospital Dia (HDI). Os pais, cujos filhos estão em tratamento no HDI, acompanham os filhos diariamente, durante todo o período do tratamento, cujo período varia conforme o caso, e permanecem no local o dia todo (das 7h30 às 16h30), fazendo inclusive as refeições no local com os filhos (apenas um dos pais, ou outro responsável, acompanha os filhos, podendo revezar entre si). Os pais recebem orientação psicológica familiar, enquanto os filhos recebem atendimento psiquiátrico, psicológico, pedagógico e outros, conforme o caso e indicação; eles ainda têm aulas diárias, no próprio HDI. Desde Dezembro de 2014, eles podem participar dos Grupos de Orientação de Pais (PCOP²⁰) que acontece em média há cada três meses (o que garante certa rotatividade nos casos; a cada grupo, há novos participantes). Havia diferentes demandas de atendimento clínico, mas todos os que participavam tinham em comum queixas de comportamentos inadequados dos filhos nas escolas ou em suas casas, com repercussão negativa na interação social ou, mais especificamente, com os pais.

A escolaridade e o nível socioeconômico dos participantes são diversificados, conforme comumente acontece nos serviços públicos de saúde e, assim, procurou-se transmitir os conteúdos de forma coerente a todos os participantes.

Dos grupos que participaram dos encontros, dois foram escolhidos, mediante o critério de serem grupos formados por pais, uma vez que, muitas vezes, os acompanhantes, também responsáveis pela educação das crianças e adolescentes, são avós ou outros familiares, o que não inviabilizou a participação ou análise posterior, mas, para garantir um padrão de fidedignidade nos casos estudados, os dois grupos (Grupo 1 e Grupo 2)

²⁰Daqui em diante o Programa Comportamental, do Estudo 2 será identificado como PCOP - Programa Comportamental de Orientação Pais, baseado no "PQIF – Programa de Qualidade na Interação Familiar".

formados por pais foram escolhidos (Tabela 9), formados por pais, com seis casais cada um deles. A diferença de aplicação entre um grupo e outro foi de três meses. Todos os participantes permaneceram até o final da pesquisa.

Na Tabela 9 estão elencadas as iniciais dos pais participaram da pesquisa, com os prenomes modificados por respeito ao sigilo.

Tabela 09 – Identificação dos Participantes Estudo 2

		_		
PARTICIPANTES GRUPO 1	IDADES	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE
PG1.1 – R.C.	42anos	Casada	Do Lar	Segundo Grau
PG1.2 – G.M.	44 anos	Casada	Do Lar	Segundo Grau
PG1.3 – E. M	41 anos	Casado	Metalúrgico	Segundo Grau
PG1.4 –L.M.F	46 anos	Casada	Advogada	Superior
PG1.5 – L F.	51 anos	Casado	Empresário	Segundo Grau
PG1.6 – R. P.	39 anos	Casado	Funcionário Público	Segundo grau
PARTICIPANTES GRUPO 2	IDADES	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE
PG2.1 – J C.	44 anos	Casado	Funcionário Publico	Superior
PG2.2 – S.C	42 anos	Casada	Do Lar	Segundo Grau
PG2.3 – M.V.	53anos	Casada	Do Lar	Segundo Grau
PG2.4 – S.V. PG2.5 - A. L.	51 anos 39 anos	Casado Casada	Funcionário Público Vendedora	Segundo grau Superior
PG2.6 – H.S	54 anos	Casada	Professora	Superior

2.2. Materiais

Os participantes do PCOP receberam o material correspondente às atividades do dia, no início de cada encontro, e no primeiro e no último encontro receberam folhas com

os Questionários: *Questionário da "Escala de qualidade de interação familiar EQIF*²¹", (Anexo 7) e com o "*Inventário de Estilos Parentais*", *IEP*²² (Anexo 7). As duas folhas com o TCLE (Anexo 4) e o cronograma dos cinco encontros (datas e temas) foram fornecidos no primeiro encontro. Os questionários e demais papéis foram preenchidos e devolvidos no mesmo dia e local em que receberam.

Um dos instrumentos escolhidos para avaliação neste estudo, o questionário *EQIF* (Anexo 7) desenvolvido pelas autoras Weber, Salvador e Brandenburg (2011), está descrito anteriormente neste estudo. O outro instrumento de avaliação utilizado neste estudo foi o *Inventário de Estilos Parentais IEP* (Gomide, 2006) está descrito anteriormente no Estudo 1(página 39, e está apresentado no Anexo 8).

2.3. Local

As sessões experimentais ocorreram na brinquedoteca do Hospital Dia Infantil do Instituto de Psiquiatria do Hospital da Clínicas de São Paulo, IPq HCFMUSP.

2.4. Procedimentos

Durante o primeiro encontro, a pesquisadora apresentou os principais procedimentos da pesquisa, como a periodicidade e duração dos encontros e algumas regras para os participantes e orientadora. Tais regras referiam-se a sigilo, tolerância máxima de uma falta sem prejuízos para eles. Estas regras constam do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, TCLE (Anexo 4), apresentado e assinado pelos participantes, pesquisadora e orientadora. Uma cópia foi fornecida para cada participante. Os participantes (Grupo 1 e Grupo 2) receberam no primeiro encontro um cronograma com

²¹Instrumento de medida desenvolvido e apresentado pelas autoras, no "Programa de Qualidade de Interação Familiar" (2011).

²² Instrumento de medida desenvolvido e apresentado por Gomide (2006) no "Inventário de Estilos Parentais IEP".

as datas e os temas dos encontros (Tabela 10, p. 94), os questionários dos instrumentos aplicados (Anexos 7 e 8).

Vale ressaltar que, por se tratar de um Serviço Prestado, o projeto de pesquisa não foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme procedeu-se com o Estudo 1 (o referido termo está apresentado no Anexo 10), conforme os critérios da resolução 196/06 do Ministério da Saúde.

No dia do primeiro encontro, no mesmo dia e local, todos os participantes responderam os questionários dos dois instrumentos elencados na Pesquisa: Questionário "Escalas de qualidade de interação famíliar, EQIF" (Anexo 7) e o "Inventário de Estilos Parentais, IEP" (Anexo 8).

No quinto e último encontro do PCOP de cada um dos Grupos, nos respectivas período, foram apresentados novamente os mesmos instrumentos ("EQIF" e "IEP"), previamente aplicados a todos os participantes. Os participantes dos dois Grupos 1 e 2, até esta etapa da pesquisa receberam, responderam e entregaram os materiais para a pesquisadora da mesma forma, em horários e datas diferentes de acordo com o período de aplicação dos Programas de cada Grupo (não houve comunicação entre os participantes dos Grupos 1 e 2).

2.5. Sessões

O PCOP - Programa Comportamental de Orientação de Pais - foi composto por cinco encontros, realizados com periodicidade semanal e duração de duas horas cada. Os temas dos encontros estão descritos na Tabela 10, a seguir.

Tabela 10 – Temas e Atividades dos encontros do PCOP 23

	Temas dos Encontros	Atividades 1	Atividade 2	Atividade 3	Atividade 4	Atividade 5
1°	"Comportamento"	Apresentações pessoais. Definição do contrato	Aspectos positivos e negativos na Educação dos filhos.	Aula Expositiva ²⁴ Explicação Teórica	Leitura Texto. Expectativas dos pais Aceitação.	Como melhorar a interação com os filhos.
2°	"O que são Regras?Como definir Limites?"*	Formas de aprendizagem, com enfoque em aprendizagem por instrução. Exercícios	Dinâmica e discussão em grupo: você sabe dizer não ?	Aula Expositiva Explicação Teórica.	Marque V verdadeiro ou F falso em cada questão.	Dinâmica: Teatro (tema empatia)
3°	"Como eu me vejo e como os outros me veem?".*	Como eu me vejo, como os outros me veem. Exercícios.	Aula expositiva Aprendizagem (obs, modelagem, exp). Análise funcional	Exercícios de Analise Funcional dos comportamentos dos pais.	Dinâmica: Você sabe elogiar e receber elogios?	Discussão em grupo sobre: o que aprendi por modelo? O que ensinei por modelo?
4°	"Consequências para Comportamentos inadequados".*	Como consequenciar comportamentos adequados e comportamentos inadequados?	Relatos de situações em que os pais foram punidos e se sentiram injustiçabdos.	Explicação Teórica sobre consequências das punições e do controle exercidos de forma inadequada.	Montagem do Quadro de Reforço por cada participantes	Discussão em grupo sobre: tema escolhidos a respeito dos aspectos discutidos no PCOF.
5°	"Resumo dos temas trabalhados.	Leitura de textos sobre Afeto, Confiança e Perdão.	Monitoria dos "Quadros de Reforço".	Avaliação do aproveitamento do PCOP (Relatos Verbais)	Avaliação do curso.	Entrega dos instrumentos (IEP e EQIF) respondidos no local.

²³ *Baseados no Programa original Weber, Salvador e Brandenburg (2011). ²⁴ Aula Expositiva equivale no texto à Explicação Teórica.

2.5.1. Primeiro Encontro

O tema do Primeiro Encontro, além da apresentação do PCOP, da coordenadora (pesquisadora) e dos Pais participantes, foi a introdução à Análise do Comportamento, com a explicação sobre o que é Comportamento e Aprendizagem.

O objetivo do encontro foi que os pais refletissem sobre o papel do ambiente no comportamento humano e, já ao final do encontro, estivessem aptos a analisar alguns contextos do ambiente familiar na educação dos filhos. Para tanto, foi feita uma introdução com a discussão no grupo sobre o texto "As meninas Lobo" (Anexo 11), texto cuia discussão facilitou a introdução às explicações teóricas (Atividade 3, Tabela 10), e permitiu a reflexão sobre fatores filogenéticos, ontogenéticos e culturais no comportamento humano. Já a escolha da leitura do texto "Benvindo à Holanda" (Anexo 11), sobre o processo de aceitação do filhos, é uma atividade que favorece abordar o comportamento emocional dos pais, e a empatia entre os participantes do grupo. O texto modela este comportamento solidário por tratar-se de um depoimento de uma mãe, sobre a experiência de ter um filho diferente do esperado pela maioria das pessoas. Esta atividade favoreceu o ambiente para a atividade seguinte sobre a interação com os filhos, através do afeto. Esta atividade foi definida com base nos estudos sobre Comportamento verbal, modelando o não verbal, porque os pais, que em uma situação de grupo terapêutico para tratamento dos filhos que apresentam comportamentos inadequados, geralmente ficam sob controle de criticar os filhos, ou expor queixas, são sensibilizados e convidados a refletir sobre o amor que sentem pelos filhos. Esperava-se promover mudanças na qualidade da interação com os filhos.

Antes do início da Atividade um, os pais foram convidados a ler e assinar o TCLE (Anexo 4), e a responder os questionários EQIF e IEP (Anexos 7 e 8, respectivamente).

A seguir estão descritas as cinco atividades do primeiro Encontro.

Atividade Um - Apresentação pessoal e profissional da pesquisadora como coordenadora das atividades do grupo. Introdução dos objetivos do grupo, como o de

promover a melhoria da interação entre os pais e filhos, por meio da abordagem comportamental. Apresentação dos participantes (nome, idade, formação, estado civil, número de filhos e idade deles etc) e dos motivos que os levaram a participarem deste Grupo. Definição do contrato, apresentação de regras de funcionamento do grupo (modelo de estabelecimento de regras), explicação de que as regras podem ser revistas em situações especiais, desde que não prejudicassem os demais participantes, e estivessem em consonância com as necessidades do grupo: a) Não é possível participar do grupo, após perder o 1º encontro; b) A tolerância para atrasos é de dez minutos; c) Não há tolerância para falta, pois os conteúdos dos encontros são cumulativos.

Atividade Dois – Responder em duplas, em folhas de papel sulfite: O que consideram positivo na educação de seus filhos? O que consideram negativo e gostariam de mudar na educação de seus filhos? Discussão em grupo.

Atividade Três – Leitura do texto em duplas "As meninas lobo" (in

Davis e Oliveira, 1990, Anexo 11). Discussão sobre o texto e início da aula expositiva, com os seguintes temas: O que é comportamento?" (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011); Ambiente e Genética; Aprendizagem (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011); Por que o comportamento pode ser mudado? Formas de Aprendizagem. Aceitação. Acolhimento.

Atividade Quatro - Leitura do texto "Bem - vindo à Holanda" (Kingsle, 1987, Anexo 11). Discussão sobre a interpretação do texto, sentimentos e emoções. Como se sentem com relação às dificuldades que os filhos apresentam?.

Atividade Cinco - Exercício: Como melhorar a interação com os filhos, demonstrando amor? ²⁶ . Conseguem mostrar aos filhos que não gostam de alguns comportamentos deles, mas que os amam? Os Pais respondem em duplas. Na discussão do grupo, são feitas orientações e sugestões de atividades para cada família.

²⁶ Esta atividade consta do Programa das autoras Weber, Salvador & Brandenburg (2011) com o título de "Como transformar amor em ação".

_

²⁵ Amala e Kamala As Meninas Lobo. Davis, C; Oliveira, Z (1990) Psicologia na educação. (p 16-17) São Paulo: Cortez.

2.5.2. Segundo Encontro

O tema do Segundo Encontro do PCOP foi o de Regras e Limites²⁷ (baseado no programa original PQIF). Inicialmente os participantes foram convidados a refletir sobre o tema conforme as perguntas apresentadas na Atividade um. A próxima atividade foi criada para propiciar um ambiente lúdico em que os pais, em duplas, desenvolvem um pequeno teatro, e refletem sobre a próprio comportamento de seguir regras, respeito aos próprios limites, ser coerente e consistente no cumprimento e determinação de regras para os filhos. É uma atividade que já introduz a questão dos antecedentes (combinar antes as regras) e consequentes dos comportamentos. Trata-se de um conceito fundamental para o bom aproveitamento dos encontros do grupo.

Na sequência desse encontro foi feita uma explicação sobre Reforço, Punição, Extinção e Efeitos colaterais da Punição de Comportamentos, e foram fornecidas folhas com exercícios para todos os participantes preencherem com a orientação da coordenadora do grupo. Já a atividade cinco tinha a função de promover a reflexão sobre os efeitos negativos da punição e, por meio da empatia, sensibilizar os pais para os possíveis sentimentos dos filhos, frente à prática da punição por parte dos pais ou responsáveis.

Atividade Um – O que são Regras? Como definir Limites?, Regras e Limites devem ser explicadas com clareza, consistentes, coerentes e monitoradas (Weber, Salvador & Brandenburg, 2011). Por que as regras são respeitadas? Quando as regras não são seguidas? Formas de Aprendizagem, com enforque em aprendizagem por Instrução.

Atividade Dois - Teatro e discussão em grupo: Você sabe dizer não? A coordenadora entrega para duplas de participante diferentes textos, compostos situações semelhantes, seguidas por algumas perguntas, a dupla fará uma espécie de teatro, com as personagens dos pequenos textos e apresentarão ao grupo. Após todos responderem, abrese para discussão, que abarcará os seguintes temas: a facilidade de dizer Não e se posicionar frente ao outro; a importância de explicar com clareza os objetivos; a importância de combinar previamente o que espera do outro e o que pode oferecer. As palavras que estão apresentadas entre parênteses, ao lado do texto, não aparecem para os

²⁷ O tema de regras e limites é proposto pelas autoras do programa original, Weber, Salvador & Brandenburg (2011), mas abordado de modo diverso do apresentado no PCOP.

participantes; estão aqui apresentadas de modo didático, para informar as análises que a coordenadora faz frente a cada resposta.

Situação 1. É domingo, você quer dormir até mais tarde, dormiu mal à noite, todos na sua casa saíram, e, às 8h da manhã, o seu vizinho toca a campainha, você levanta, vai ver o que é, ele te explica que está sem carro, e pede se você pode ir com ele ao mercado, com o seu carro, ou emprestar o carro, pois precisa fazer compras para um churrasco que fará para parentes.

Alternativas

- Você diz: Desculpe, dormi mal e estou muito cansado para te acompanhar. Não posso te ajudar, pois prefiro não emprestar e, não pegar carro alheio, para evitar problemas. (Assertiva)
- 2. Você nem abre a porta. Não espera ninguém a esta hora.(esquiva)
- 3. Você pensa que é muita folga pedir algo assim num domingo de manhã...mas não consegue sair dessa.(inabilidade social)
- 4. Você não gostaria, mas concorda, afinal ele poderia se ofender.(dificuldade colocar limites)
- 5. Você diz para o vizinho que é um abuso ele te pedir isto a esta hora e bate a porta.(baixa habilidade social, agressividade para resolver pequenas situações)

Situação 2. Você reveza diariamente com sua vizinha, a carona para levar e buscar os seus filhos e os dela, à escola. Você leva, e ela busca. Você é pontual, e tem horário para entrar no trabalho, mas ao menos duas vezes por semana, os filhos da vizinha se atrasam, e você fica nervoso (a) com a situação.

- 1. Você deixa passar, afinal os vizinhos podem se ofender (esquiva).
- 2. Você procura a vizinha e diz que só pode manter o acordo se os filhos dela forem pontuais (assertiva).
- 3. Você dá uma desculpa e encerra o revezamento, "essa vizinha é irresponsável" já percebeu que não vai dar certo (esquiva/ baixa habilidade social).

 Você não gosta, mas aguenta, afinal não sabe se os seus filhos também se atrasam na saída da escola (baixa assertividade e esquiva).

Situação 3. Um colega do trabalho, descobre que você mora relativamente perto dele, e passa a te pedir caronas, diariamente, para voltar do trabalho para casa. No início, você concorda, mas conforme o tempo passa, torna-se um problema, às vezes você poderia ir para casa mais cedo, e sente-se obrigado a esperá-lo .Ou ainda, se preocupa em avisá-lo caso vá fazer outro caminho, e, aos poucos percebe, que sem ter combinado previamente, assumiu um compromisso. Ele agora marcou um lugar para encontrá-lo também na ida para o trabalho....

- 1. Tudo bem, assim você tem companhia. (esquiva)
- 2. Você não gostou de perceber que foi envolvido em um compromisso, sem acordo prévio, e diz isto claramente para o colega, informando também que pode fornecer apenas carona de volta, nos dias em que saírem no mesmo horário. (assertivo)
- 3. Começa falar para outros colegas, esperando que chegue aos ouvidos dele. (esquiva)
- 4. Começa a arrumar desculpas, e dizer que vai para outro lugar, para ver se ele entende. (esquiva)
- 5. Diz para ele como ele é "folgado" e encerra de uma vez o contato, você não precisa de colega assim. (pouca habilidade social).

Atividade Três - aula expositiva e interativa sobre "O comportamento é mantido por suas consequências" Reforço (R+, R-) , Punição (P+, P-). Consequências da Punição²⁸.

Atividade Quatro (Tabela 11) – Exercício sobre Reforço. Cada participante recebe as questões:

²⁸ O tema Punição e Como Consequenciar comportamentos inadequados faz parte do Programa original de Weber, Salvador & Brandenburg, (2011) mas no PCOP é abordado e desenvolvido diferentemente.

Tabela 11 – Exercício sobre Reforço, como apresentada aos pais.

Marque cada questão com V (verdadeiro) ou F (falso), e explique porque

- 1..A professora coloca uma estrela no canto da folhas do caderno dos alunos, que fizeram a lição completa e caprichada. Isto é um Reforço (R+), pois elevará a probabilidade de que as crianças continuem fazendo as lições, e com capricho.
- 2. A mãe de Maria costuma lhe dar um beijo e fazer um elogio, quando percebe que ela guardou os brinquedos após usá-los. Isto é um tipo de Reforço Social, o melhor tipo de reforço. Maria tenderá a repetir o comportamento que foi seguido pelo Reforço da mãe.
- 3. Pedro tem medo, às vezes treme e gagueja quando percebe que o pai chega nervoso do trabalho, pois sabe que , nestes dias, o pai fica implicante e acaba descontando nele e no irmão. Podemos afirmar que as sensações e emoções negativas de Pedro são um resultado de Punições anteriores, praticadas pelo pai.
- 4. Os filhos sabem muito bem o que é proibido fazer. Todo mundo sabe o que é certo e errado, e se os filhos insistem em desobedecer, cabe aos pais na hora, tirar algo de que os filhos gostem. Assim, vão aprender a fazer certo, não precisa perder tempo com conversa.
- 5. Clóvis sempre apanhou dos pais e acredita que as crianças que já apanharam, respeitam os pais e aprendem a se comportar. Apanhando, os filhos aprendem os comportamentos certos e não aprendem a resolver seus problemas com agressividade.
- 6. Punir tem efeitos imediatos, mas Reforçar tem efeitos mais duradouros, ainda que a longo prazo. Em um ambiente reforçador, aprende-se também a se comportar de modo reforçador com outras pessoas, o que melhora a qualidade de interação familiar e social.
- 7. Julia não gosta de estudar matemática, tirou notas ruins, diz que a professora de matemática não fala com ela, e vem tendo problemas em ir à escola no dia das aulas de matemática. Diz que tem dor de cabeça, chora e vem faltando ha algumas semanas. Isto é um comportamento mantido por Reforço Negativo?
- 8. Se o filho adolescente chega aborrecido em casa, os pais devem insistir para que ele conte o que aconteceu e se ele não disser, devem ligar para algum amigo e perguntar. Assim ele vai aprender a contar e afinal, querem o bem dele.

 Cont.

Cont.

- 9. Ao perceber sinais visuais de que terá enxaqueca, Silvia foi orientada pelo médico a ingerir imediatamente o medicamento X. Logo melhora e por isso sempre carrega X na bolsa. O comportamento de comprar X é mantido por Reforço Negativo (R-), pois a livra da enxaqueca.
- 10. Quando os pais prometem algo aos filhos, caso se comportem bem em um passeio, e eles o fazem facilmente, os pais não precisam cumprir o combinado. Os filhos talvez nem se lembrem mais do que foi combinado antes e os pais podem guardar o premio para outra ocasião.

Atividade Cinco: Dinâmica (Tema Empatia). Os pais vão se recordar de uma situação em que quando crianças ou adolescentes, e foram reforçados, como se sentiram,

como foi a situação. Em seguida, na discussão aberta ao grupo, poderão comentar sobre situações equivalentes com os filhos.

2.5.3. Terceiro Encontro

O terceiro encontro teve como tema principal o autoconhecimento necessário para a compreensão do processo de modelagem do comportamento dos filhos. A descrição dos próprios comportamentos, e a percepção da necessidade de mudança, "Como eu me vejo? Com os outros me vêem?, através dos relatos verbais pode viabilizar a mudança de fato, como estudos indicam (pp. 17-23). A atividade dois foi a abordagem dos temas de observação, modelo e experiência, e os pais começam a fazer exercícios de Análise funcional, identificando contextos e consequências de comportamentos próprios e dos filhos. Atividades sobre modelo e observação de comportamentos, identificando a função dos comportamentos, são iniciadas neste encontro.

Atividade um - "Como eu me vejo, como os outros me veem". Exercício preencher tabela "Sou/Não Sou"²⁹ (Moura,). Discussão sobre as características que os próprios participantes apontam sobre si e o que os colegas avaliam sobre tais características, haviam percebido?, ficaram surpresos?. O objetivo da atividade é analisar qual a **função** de determinadas características, e analizar porque são mantidas (reforçadas), ou especificamente, descobrir o que controla tais comportamentos. O que gostariam de mudar. Porque mudar? Como Mudar? Os pais precisam Aprender a Mudar, para Ensinar a mudar. Que modelo sou para meus filhos? Os pais indicam no mínimo três comportamentos, que serão analisados, para cada uma das afirmações apresentadas na Tabela 12, a seguir.

Sou Não Sou – Tabela sobre os comportamentos identificados como funcionais ou disfuncionais para as pessoas. Promove o autoconhecimento, e pode ser utilizado por Crianças, adolescentes e Adultos. Autor: Cynthia Borges de Moura Editora: Terapia criativa ().

Tabela 12 - Sou/Não Sou

Sou, e não me incomodo em Não sou, mas faz falta, gostaria Sou, mas não gostaria de ser Não sou, e não gostaria de ser continuar sendo

Atividade Dois - Aula Expositiva com enfoque em aprendizagem por observação, modelo e experiência. Aprender a fazer a Análise funcional, exemplos.

Atividade Três — Continuação dos Exercícios de Análise Funcional dos próprios comportamentos dos pais. Os pais são orientados a escolher um comportamento próprio que considerem inadequado e dois comportamentos próprios que considerem adequados para posterior análise, dos antecedentes e consequentes de tais comportamentos. Para tanto, recebem uma folha no formato e conteúdo da Tabela 13, com o devido espaço para as respostas, abaixo de cada coluna.

Tabela 13 – Modelo de Exercício sobre Análise Funcional.

Antes (contexto) Comportamento Depois (consequência)

Atividade Quatro - Dinâmica: Você sabe elogiar e receber elogios? Nesta atividade, todos, em círculo, vão escolher um colega para elogiar, consequenciando um comportamento adequado do colega participante desde o início deste terceiro encontro. O colega que recebeu o elogio, será o próximo a elogiar outro participante e assim, todos serão elogiados e farão um elogio. Após a atividade discute-se como foi a experiência. Sugere-se que passem a fazer com os filhos um jantar "Noite do Elogio" por semana, em família, repetindo o modelo da atividade.

Atividade Cinco - Discussão em grupo sobre: O que aprendi por modelo? O que ensinei por modelo?

Exemplos para dar início à discussão:

- 1) Os pais de Clara, quando estão bravos, falam palavrões, mas avisam que os filhos não podem repetir, e quem desobedece leva tapas na boca. Clara, na escola, briga muito com os amiguinhos, fala palavrões e bate. Isto acontece porque tem este modelo de resolução de problemas.
- 2) Na casa de Mauro não se pode comer na frente da TV...mas aos domingos se o time do pai estiver jogando, pode. Se for algum programa interessante, que os pais querem ver, pode. Se for capítulo importante da novela que a mãe assiste, pode. Então... se é um desenho do qual o Mauro gosta muito, pode?

2.5.4. Quarto Encontro

No Quarto Encontro ocorrem atividades voltadas para a revisão dos conteúdos teóricos anteriormente abordados (Regras, limites, Punição, Reforço), e, o coordenador fez essa observação para os participantes, que também foram contribuindo com as explicações e revisões, e sendo reforçados por seu desempenho. Trata-se de uma estratégia de reforço e modelagem de comportamentos, também baseada nos efeitos do comportamento verbal de instrução contingenciada pelo grupo (pp. 13-17 e 17-23, sobre Aprendizagem Humana e comportamento verbal, respectivamente). Uma atividade importante deste encontro foi a montagem dos Quadros de Reforço³⁰ ,quando os pais receberam instruções para montarem os quadros, de forma individualizada, conforme os comportamentos dos filhos que desejavam modelar. A partir deste encontro, o tema e o andamento do Quadro, era monitorado em todos os encontros seguintes. Ao final desse encontro os Pais foram convidados a falar sobre o tema que escolheram, dos assuntos trabalhados nos grupos.

3

³⁰ Quadros de Reforço referem-se a Quadros montados pelos participantes, conforme os comportamentos de rotina dos filhos que os pais querem mudar. São indicados no quadro, comportamentos esperados, com as respectivas consequências, pontuações anotadas diariamente. Sugeriu-se no caso, aos participantes, que as anotações (pontuações) fossem feitas de segundas a sextas feiras, e trocadas por prêmios nos finais de semana, caso fossem cumpridas e devidamente monitoradas pelos pais. Sugeriu-se indicar inicialmente poucos comportamentos, no máximo cinco e, gradativamente aumentar o número de comportamentos foco de mudança, conforme os resultados.

Atividade um – Brincadeira: os pais são informados de que faremos uma brincadeira de adivinhar filmes mediante dicas que os participantes vão fornecendo, conforme ganhem as rodadas, a partir da primeira, por sorteio. A escolha dos filmes e das dicas é sempre com a participação da coordenadora, que tem a função de confundir e dificultar os acertos. A brincadeira começa, e conforme os participantes vão errando a coordenadora faz críticas, dá "broncas", faz uso de ironia e conforme os participantes estejam ficando irritados a brincadeira é encerrada. Cada um vai falar como se sentiu ao receber críticas diante de uma brincadeira, cujas regras e dicas não eram confusas, e uma atividade para divertir se tornou aversiva.

Atividade dois – Como consequenciar os comportamentos adequados? Aula expositiva.

Os pais forneceram exemplos de situações em que perceberam que os elogios contingentes a comportamentos adequados trouxeram resultados positivos para pais e filhos. Nesta atividade eram revisto e avaliado o andamento dos Quadros de Reforço.

Atividade Três - explicação teórica sobre consequências das Punições e do controle exercido de forma inadequada. Relatos de situações em que os pais foram punidos e se sentiram injustiçados (situações pessoais ou profissionais). Os pais buscam se lembrar de situações em que presumem que os filhos tenham se sentido injustiçados com relação a algo que os pais ou os professores tenham feito.

Atividade Quatro – montagem dos quadros de Reforço pelos participantes. Cada um recebe sulfite e as orientações para montagem do quadro, com quatro comportamentos alvo de mudanças.

Atividade Cinco - foram propostas pela pesquisadora do PCOP, para que os participantes tivessem um espaço de tempo definido para todos poderem falar sobre o tema que escolhessem a respeito dos aspectos discutidos até então no PCOP (quadros de reforço, regras, limites, tarefas de casa, dificuldades enfrentadas no dia a dia com os filhos, benefícios adquiridos, entre outras coisas).

2.5.5. Quinto Encontro

O Quinto Encontro foi sobre o resumo de todos os anteriores. Os Pais tiraram dúvidas e comentaram sobre as possíveis mudanças nos próprios comportamentos e nos comportamentos dos filhos. Foram distribuídos textos, com poemas e mensagens variados sobre Afeto, Confiança e Perdão³¹ (Anexo 11), para discussão, e foram escolhidos para sensibilizar Pais com a função de modelar empatia, perdão e generosidade. Após a leitura e discussão dos textos, a coordenadora perguntou como todos se sentiram ao ler e poderiam falar sobre mensagens positivas e de esperança; se quisessem, poderiam explica que sentimentos bons, seriam evocados diante desse tipo de estímulo, modelando, pelas contingências de reforço natural que costumam ocorrer. Os participantes aprenderiam e passariam pela experiência, analisando-a constantemente (modelo de análise dos contextos e comportamentos). Também seriam textos que favoreceriam o encerramento do grupo de forma amistosa e emotiva. Foram revistos os principais temas do encontro, tais como, o estabelecimento de regras, limites e consequências, com o foco na melhoria da interação entre Pais e filhos, e assim viabilizar mudanças positivas, em um ambiente acolhedor. Neste encontro foi finalizado o modelo de quadro de Reforço iniciado no encontro anterior.

Atividade Um - Entrega de um resumo de todos os temas discutidos nas aulas teóricas.

Atividade Dois – Os pais em duplas recebem textos diferentes sobre Afeto, Confiança e Perdão e posteriormente discutem no grupo, resumindo os textos lidos para discussão.

Atividade Três – Revisão, aprimoramento e fechamento do tema dos Quadros de Reforço montados pelos pai.

³¹ Os textos literários apresentados no último encontro do PCOP, sobre Afeto, Confiança e Perdão, estão apresentados com a indicação dos autores no Anexo 11, e foram escolhidos com o objetivo de modelar o comportamento dos participantes, por aproximações sucessivas às sensações de acolhimento e bem estar consequentes aos temas dos textos. Pretendeu-se também sensibilizar os pais em um ambiente afetuoso, em momentos específicos dos encontros.

Atividade Quatro - Avaliação do aproveitamento do curso e das mudanças que ocorreram na interação com os filhos.

Atividade Cinco – Participantes recebem os instrumentos EQIF e IEP³², para preenchimento e entrega no local.

2.6. Delineamento Experimental

O processo escolhido para implementar, conduzir e viabilizar a análise do Experimento 2, foi o Antes-Depois com dois Grupos, com a realização de Pré-Testes que permitiram perceber cada participante como próprio controle em comparação com as medidas de Pós-Teste individual e dos Grupos 1 e 2 (comparação dos escores de cada participante intra-grupo com os escores totais dos Grupos 1 e 2, escores Extra-Grupos).

Os Pré-Testes permitiram, ainda, avaliar a equivalência dos Grupos 1 e 2 e ter uma maior precisão quanto aos efeitos da aplicação do PCOP, com comparações de cada participante e dos Grupos aos efeitos do Programa Comportamental aplicado. Os participantes foram escolhidos respeitando-se a regra de que, excluindo-se a variável independente em estudo (o PCOP), os participantes recebessem o mesmo tratamento.

O Delineamento do Estudo 2 foi de Pré e Pós-Testes, com medidas repetidas do mesmo participante (Tabela 14):

³²Instrumento de medida desenvolvido e apresentado pelas autoras, no "Programa de Qualidade de Interação Familiar" (2011).

_

 $^{^{32}}$ Instrumento de medida desenvolvido e apresentado por Gomide (2006) no "Inventário de Estilos Parentais IEP".

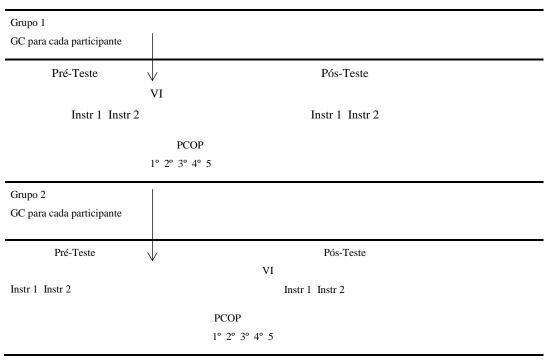


Tabela 14 – Esquema de Delineamento Experimental

2.7. Relatos Verbais

A seguir apresentam-se os relatos verbais dos participantes dos Grupos 1 e 2 e as respectivas respostas. Os dados foram coletados durante as Atividades três, dos quintos Encontros de cada um dos Grupos 1 e 2 (p. 104). Os dados estão apresentados para conhecimento (Tabela 15), e revelam mudanças nos comportamentos dos pais e dos filhos, que poderão ser analisadas mais especificamente em um futuro estudo, juntamente com o Quadro de respostas verbais do Estudo 1 (Anexo 12). Quando então será feita uma análise mais acurada destes dados qualitativos.

Ainda assim, os relatos foram considerados brevemente, na conclusão do Estudo, pelo aspecto de que os participantes consideraram como positiva a experiência de frequentar os cinco encontros do PCOP, o que pode ser considerado um Reforço Positivo para o aprimoramento e a aplicação de programas comportamentais para pais em Unidades de Saúde.

Tabela 15 – Relatos Verbais dos Pais dos Grupos 1 e 2.

Questões Respostas Pais Grupo 1		O seu relacionamento com seu filho (a) melhorou ou piorou após você participar do grupo de pais? Por que?	melhora após sua participação
PIG1	Sim, estou seguindo com mais determinação tudo o que é combinado entre eu e o Pedro.		Como a mudança ainda é recente, percebo maior evolução entre eu e o Pedro. Ainda não consigo ver uma mudança significativa em termos familiares
P2G1	Sim. Porque aprendi novas formas de lidar com a situação.		Porque tudo com clareza fica mais fácil, sinceridade sem raiva. Sem olhar e falar o ponto negativo sempre e sempre reforçar o ponto positivo.
P3G1	Sim. Pensar antes de falar.	O relacionamento com minha filha melhorou, acho que ela consegue perceber que eu a amo muito, e falo para educar.	Ainda não esse é difícil.
P4G1	Sim.	Melhorou muito.	Sim, porque está mais claro.
P5G1	Sim. Aprendi redirecionar, ser mais clara e objetiva. Reforços positivos.	Melhorou. Estou me adaptando me esforçando para fazer novas mudanças.	Sim. Consegui repassar para outras pessoas, pai, mãe e irmã.
P6G1	Sim. Mudei no sentido de procurar entender o porque de alguns comportamentos das minhas filhas antes de tomar qualquer atitude.	Melhorou, mesmo participando apenas 1 vez.	Melhorou também.

Tabela 15 (Cont.) – Relatos Verbais dos Pais dos Grupos 1 e 2.

Questões Respostas Pais Grupo 2	Você percebeu mudanças em seu comportamento após participar do grupo de pais? Quais?	O seu relacionamento com seu filho (a) melhorou ou piorou após você participar do grupo de pais? Por que?	melhora após sua participação
P2G1	Sim. Associo que todo comportamento é consequência de uma ação, que as vezes o meu comportamento é a causa do comportamento deles.	Melhorou.	Sim.
P2G2	Sim. Não comprar coisas antes do tempo. Sair e não comprar besteira.	Melhorou bastante.	Melhorou.
P3G2	Sim. Estou com mais paciência para brincar com ele. Estou interagindo mais com ele. Ele também está mais amoroso.	Melhorou muito.	Sim. Consegui repassar para outras pessoas, pai, mãe e irmã.
P4G2		muito mais. Porque me tornou mais observadora de minhas ações	Sim. Porque o nome já diz "Grupo de Pais" e neste podemos expor nossas emoções, comportamentos não como algo errado, mas sim o que consegui fazer até então e que agora faço o melhor.
P5G2	O comportamento com a minha filha melhorou muito.	Converso mais e faço muita combinação com ela e estou conseguindo aos poucos.	Sempre negociando e conversando sempre mostrando o que ela ganha com as coisas positiva que ela faz dou sempre um beijo e elogio.
P6G2	Sim, porque agora acredito que podemos mudar se é comportamento.	Tenho mais calma para conversar, mantenho a calma, e respiro antes de recriminar.	Combinar antes o que precisa ser feito e ter paciência para fazer o combinado depois.

3. RESULTADOS – ESTUDO 2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

3.1. EQIF

A seguir, apresentam-se os resultados da aplicação do questionário EQIF³³ (Anexo 7) nas etapas Pré e Pós-aplicação do PCOP (os questionários foram aplicados antes do início do primeiro encontro, e após o término do quinto encontro) nos Grupos 1 e 2, os quais ocorreram com dois meses de intervalo entre si. Os itens estão agrupados (Tabela 16) com dados de média e desvio padrão de cada item do EQIF.

Nota-se (Tabela 16) com relação aos Grupos 1 e 2, que os itens do EQIF, como Punição Corporal diminuiu (melhorou) e os itens Relacionamento Afetivo, Regras e Monitoria, Comunicação, Clima Conjugal Positivo, Modelo Parental e Sentimento dos filhos (este item medido pela opinião dos pais) aumentaram, indicando possibilidade de melhora na interação entre pais e filhos, pelo aumento de comportamentos considerados positivos e favoráveis para um ambiente de aprendizagem e qualidade nas interações entre pais e filhos. Curiosamente, o item Clima Conjugal Negativo, também aumentou, com relação a aplicação do instrumento antes da participação no PCOP.

As diferenças nos resultados dos dois grupos não foram significativas e deve-se considerar que as Linhas de Base (Pré-Testes) nos dois Grupos já mostraram comportamentos adequados por parte dos pais, tanto com relação itens de comportamentos inadequados, como os relacionados ao relacionamento do casal ou prática de punição corporal (Clima Conjugal Negativo e Punição Corporal), quanto em relação aos itens indicativos de comportamentos adequados, o que pode ser decorrente dos pais terem ficado sob controle de vergonha ou inibição em admitir, por exemplo, que praticam punição corporal, prática que é condenada inclusive no âmbito legal, ou mesmo admitir que brigam constantemente com o conjuge.

_

³³Instrumento de medida desenvolvido e apresentado pelas autoras, no "Programa de Qualidade de Interação Familiar" (Weber, Salvador e Brandenbrug, 2011).

A partir da participação no PCOP, a aproximação e contato com a terapeuta e demais pais, pode ter tido o efeito de dessensibilizar os pais desse controle nas respostas e este pode ser um dos fatores das respostas dos questionários aplicados no Pós-Teste, similares daquelas do Pré-Teste, no caso do Questionário EQIF.

Tabela 16 – Média e Desvio Padrão dos itens do EQIF Pré e Pós PCOP, nos Grupos 1 e 2

GRUPO 1 EQIF	PRÉ	PÓS	Média Pré	Média Pós
Relacionamento afetivo	256	291	0,28	0,26
Regras e Monitoria	126	155	0,14	0,14
Punição corporal	32	28	0,03	0,02
Comunicação positiva dos filhos	71	88	0,08	0,08
Comunicação negativa dos pais	64	75	0,07	0,07
Clima conjugal positivo	105	133	0,11	0,12
Clima conjugal negativo	41	65	0,04	0,06
Modelo parental	90	100	0,10	0,09
Sentimentos dos filhos	141	190	0,15	0,17

GRUPO 2 EQIF	PRÉ	PÓS	Média Pré	Média Pós
Relacionamento afetivo	203	249	0,25	0,25
Regras e Monitoria	103	137	0,13	0,14
Punição corporal	28	25	0,04	0,03
Comunicação positiva dos filhos	61	73	0,08	0,07
Comunicação negativa dos pais (escore invertido)	67	80	0,08	0,08
Clima conjugal positivo	114	131	0,14	0,13
Clima conjugal negativo	56	66	0,07	0,07
Modelo parental	57	85	0,07	0,09
Sentimentos dos filhos	108	136	0,14	0,14

As Figuras 7 e 8 resumem a apresentação dos resultados da aplicação do EQIF nos Grupos 1 e 2. Observa-se que a melhora foi equivalente nos dois Grupos, com pequenas diferenças entre os resultados dos dois grupos, como por exemplo com relação ao item Clima Conjugal Negativo, que, curiosamente, teve aumento (piora) das Etapas Pré para Pós PCOP, no Grupo 1, enquanto que apresentou redução (melhora) no Grupo 2.

Figura 7- Representativa dos perfis médios dos escores do EQIF - Grupo 1.

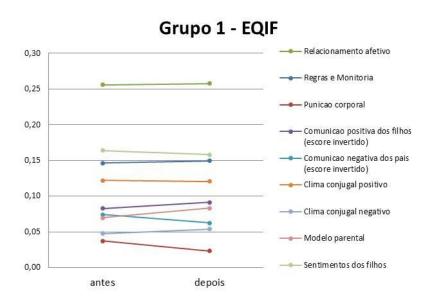
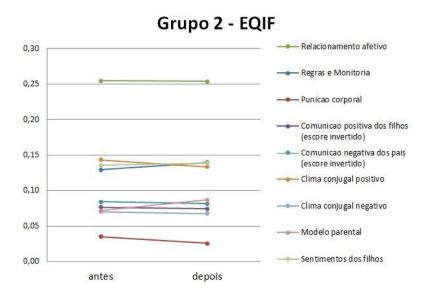


Figura 8 – Representativa dos perfis médios dos escores do EQIF – Grupo 2.



3.2. IEP

Os resultados mostram-se positivos (melhora) quanto aos itens Punição Inconsistente, caiu em 17 pontos, Monitoria Negativa, caiu 21 pontos e Disciplina Relaxada, que caiu em 27 pontos, no Grupo 1. A redução de itens negativos, relacionados a comportamentos dos pais, para o manejo dos comportamentos do filhos, foram trabalhados em todos os encontros, seja como o tema principal ou não dos encontros. No Grupo 2, os referidos itens diminuíram 24 pontos (Punição Inconsistente), 22 pontos (Monitoria Negativa) e 4 pontos (Disciplina Relaxada).

Tabela 17 – Média e Desvio Padrão dos itens do IEP Pré e Pós PCOP, nos Grupos 1 e 2

GRUPO 1 IEP	PRÉ	PÓS	Média Pré	Média Pós
Monitoria Positiva	72	61	0,27	0,39
Comportamento moral	69	61	0,26	0,39
Punição inconsistente	21	4	0,08	0,03
Negligência	27	4	0,10	0,03
Disciplina relaxada	31	4	0,12	0,03
Monitoria negativa	40	19	0,15	0,12
Abuso Físico	4	4	0,02	0,03
GRUPO 2 IEP	PRÉ	PÓS	Média Pré	Média Pós
Monitoria Positiva	41	43	0,18	0,28
Comportamento Moral	54	44	0,24	0,28
Punição Inconsistente	31	7	0,14	0,05
Negligência	28	16	0,12	0,10
Disciplina Relaxada	22	18	0,10	0,12
Monitoria Negativa	45	23	0,20	0,15
Abuso Físico	5	4	0,02	0,03

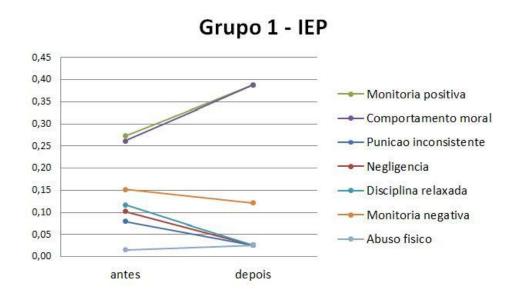
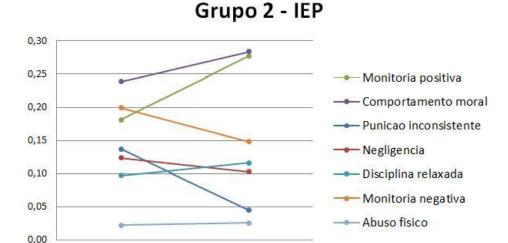


Figura 9 - Representativas dos escores médios das respostas do IEP Pré e Pós PCOP.

Curiosamente, pode-se notar (Figura 8) que o item Disciplina Relaxada, no Grupo 2, aumentou após a aplicação do PCOP, o que pode-se explicar pelas medidas altas de Linha de Base (p. 110), além das hipóteses apresentadas a seguir, na Conclusão (p.120).

Figura 10 - Representativas dos escores médios das respostas do IEP Pré e Pós PCOP (Antes/Depois).



depois

antes

Nota-se (Tabela 17) que os itens do IEP, nos Grupos 1 e 2, tiveram resultados mais expressivos da melhora do que no EQIF, o que pode ser decorrente do tipo de perguntas e respostas de cada questionário, como pode-se analisar, na Tabela 17, em que estão apresentadas as questões sobre *Monitoria* e *Disciplina Relaxada*.

A tabela 18 apresenta uma comparação entre as questões nos questionários EQIF e IEP, que se referem ao tipo de monitoria que os pais exercem com os filhos. Observa-se que, no Questionário IEP, as questões sobre esse tema são em maior número do que no EQIF e, assim podem (no IEP) provocar o efeito de diminuir o controle dos pais sobre as respostas (aumentando-se a possibilidade de surgirem contradições), quanto ao possível interesse por responder de modo adequado, principalmente na Etapa de Pré-Teste, quando os participantes ainda não estavam familiarizados com a terapeuta e/ou entre si (conforme citado acima, p. 110).

Ainda neste sentido, vale apontar que questões como a terceira, a sétima e a oitava do IEP, investigam comportamentos de monitoria inadequada por parte dos pais, os quais costumam (os comportamentos) ser considerados corretos, conforme dados de relatos verbais durante os encontros revelaram. Assim, o questionário se mostra eficiente ao fomentar questões importantes para discussão nos encontros com os pais.

Outro diferencial entre os dois questionáirios, é a forma como as questões são respondidas mediante diferentes critérios (Anexos 7 e 8), o que pode influenciar a fidedignidade das respostas, no IEP, as questões são respondidas como *sempre, nunca ou*

às vezes, mediante uma sugestão do número de vezes, e, desse modo, as respostas dos pais correspondem a margens aproximadas de vezes em que ocorrem, em dez episódios (sempre, ocorre de oito a dez vezes; às vezes, ocorre de três a sete vezes e nunca, ocorre de zero a duas vezes).

Já no Questionário EQIF, não há indicação de números aproximados de vezes para a ocorrência dos comportamentos, pois são respondidas como *nunca; quase nunca; às vezes; quase sempre; sempre*. Considera-se que tal diferença em questionários aplicados em sequência temporal, possa ter controlado as respostas de alguns participantes. No caso do IEP, o maior número de questões sobre o tema Monitoria e a maior especificação do número de vezes em que os comportamentos ocorrem, podem favorecer a fidedignidade nas respostas.

Tabela 18 - Comparação entre questões sobre Monitoria e Disciplina Relaxada no EQIF e no IEP

QUESTÕES	EQIF	IEP
QUESTÕES Monitoria; Disciplina Relaxada;	EQIF 1. Meu filho costuma me contar as coisas ruins que acontecem com ele. 2. Eu procuro saber o que aconteceu com meu filho quando ele está triste. 3. Eu sei onde está meu filho quando ele não está em casa. 4. Eu costumo mostrar que me preocupo com meu filho. 5. Eu peço para o meu filho dizer para onde está indo.	 Quando meu filho(a) sai, ele(a) conta espontaneamente onde vai. Meu trabalho atrapalha na atenção que dou a meu filho(a). Quando estou alegre, não me importo com as coisas erradas que meu filho(a) faça. Pergunto como foi o seu dia na escola e ouço atentamente. Meu filho(a) fica sozinho(a) em casa a maior parte do tempo. Mesmo quando estou ocupado(a) ou mesmo viajando, telefone para saber como meu filho(a) está. Se meu filho(a) vai a uma festa, somente quero saber se bebeu, se fumou e se estava com aquele
	1 3 1	parte do tempo. 6. Mesmo quando estou ocupado(a) ou viajando, telefone para saber como meu está 7. Se meu filho(a) vai a uma festa, soment

A Tabela 19 apresenta os itens que melhoraram após a aplicação do PCOP, nos dois Grupos 1 e 2, e em relação aos dois instrumentos EQIF e IEP, apenas para efeito de visualização, e pode-se notar que exceto com relação aos itens do EQIF, Comunicação

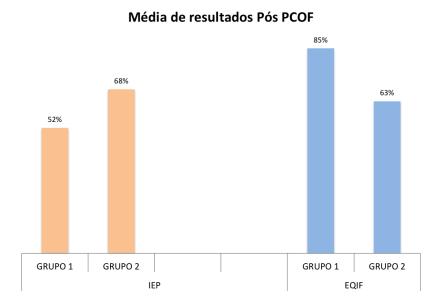
Positiva dos Filhos e Clima Conjugal Positivo, no Grupo 2 e aos itens do IEP, Monitoria Negativa e Abuso Físico, também no Grupo 2, todos os outros itens apresentaram melhora após a plicação do PCOP, e algumas hipóteses para tal ocorrência, serão discutidas em Conclusão (p. 119).

Tabela 19 - Apresentação dos itens do EQIF e do IEP com Melhora Pós PCOP Grupos 1 e 2

EQIF	Grupo 1	Grupo 2
Relacionamento afetivo	aumentou	aumentou
Regras e Monitoria	aumentou	aumentou
Punição Corporal	reduziu	reduziu
Comunicação Positiva dos filhos	aumentou	reduziu
Comunicação Negativa dos pais	reduziu	reduziu
Clima Conjugal Positivo	aumentou	reduziu
Sentimentos filhos	aumentou	aumentou
Modelo Parental	aumentou	aumentou
IEP	Grupo 1	Grupo 2
Monitoria Positiva	aumentou	aumentou
Comportamento Moral	aumentou	aumentou
Punição Inconsistente	reduziu	reduziu
Negligência	reduziu	reduziu
Discisplina Relaxada	reduziu	reduziu
Monitoria Negativa	reduziu	aumentou
Abuso Físico	reduziu	aumentou

A Figura 11 é apresentada também para melhor visualização dos resultados, (assim como a Tabela 19), agora em colunas, com as colunas em azul, de cada um dos Grupos mostrando (em relação às colunas amarelas, Pré Teste) a porcentagem de melhora ou aumento dos comportamentos adequados, e, a diminuição da emissão dos comportamentos inadequados por parte dos participantes dos Grupos 1 e 2, depois da participação no PCOP.

Figura 11 – Indica a Média dos Resultados (melhora) no total de Itens dos Instrumentos EQIF e IEP, dos Grupos 1 e 2, após as participações no PCOP.



4. CONCLUSÃO

De acordo com Skinner (1953/1981), quando a punição é gerada de modo intermitente, o punido sofre um conflito de não saber quando será ou não punido, e vê-se um efeito contrário à aprendizagem de comportamentos adequados. A punição também pode gerar no punido raiva, medo ou frustração, quando surgem respostas incompatíveis, nas classes de respostas que levam à punição e a resposta que a evita. Destaca-se que o tema reforço e punição é abordado no PCOP de forma contínua em todos os encontros.

E, neste sentido, avaliando-se os dados (Figuras 7, 8, 9 e 10), observa-se que a aplicação do PCOP provocou um efeito de redução no Grupo 1 (itens do EQIF e do IEP) das médias dos itens negativos de *Punição Inconsistente*, *Disciplina Relaxada*, *Negligência, Monitoria* Negativa e Punição Corporal. Também pode-se observar que as médias dos domínios positivos de *Comportamento Moral, Monitoria Positiva, Sentimentos dos filhos, Regras e Monitoria*, e finalmente *Clima Conjugal Positivo* aumentaram após a aplicação do PCOP, o que corrobora com os estudos sobre os efeitos negativos da punição, como a supressão doutros comportamentos, adequados, além dos inadequados que se pretendia punir (Sidman, 2011; Skinner, 1953/1981).

Os relatos verbais dos participantes (Tabela 15, p. 109) revelaram que os mesmos ficaram satisfeitos por terem participado dos encontros do PCOP (vale lembrar que não havia qualquer relação entre estas participações nos Grupos e outros futuros tratamentos, seja para eles próprios ou para os respectivos filhos, estando assim, com total liberdade para responderem às questões), e o fato de considerarem como positiva e agradável a experiência, revela o ambiente dos encontros como não punitivo, e acolhedor, e assim, possivelmente reforçador para a aprendizagem de novos comportamentos por parte dos participantes e de seus filhos, tanto por efeito de modelagem e modelação, como por consequência dos novos comportamentos emitidos pelos pais (Sidman, 2011; Bandura, Azzi, Polydoro & Col, 2011; Matos, 2001; Skinner 1969/1984; 1953/1981).

No Grupo 2 (Figuras 9 e 10), observa-se a redução das médias dos domínios negativos de *Punição Inconsistente*, *Negligência*, *Monitoria Negativa*, *Comunicação negativa dos Pais e Punição Corporal*. As médias dos domínios positivos de *Modelo*

Parental, Regras e Monitoria e, Sentimentos dos Filhos aumentaram após a aplicação do PCOP.

Pode-se constatar, também, que no tocante às médias dos domínios positivos, os itens de Monitoria Positiva e Regras e Monitoria, que melhoram em ambos os Grupos, após a aplicação do PCOP, são comportamentos parentais adequados e significativamente funcionais para o estabelecimento de comportamentos adequados nos filhos. A monitoria positiva dos pais é uma ferramenta que estabelece ambiente para os filhos se tornarem seguros em meio a relações afetivas positivas e harmônicas (Gomide, 2009).

Observa-se que alguns domínios positivos, caíram ou mantiveram-se iguais após a aplicação do PCOP, e alguns domínios negativos subiram ou mantiveram-se iguais, em ambos os Grupos, após a aplicação do PCOP, o que pode ser devido ao fato dos dados coletados nos Pré-Testes terem já indicado que essas práticas eram usuais entre os participantes, e surpreendentemente nos Pós- Testes, observou-se pouca ou nenhuma melhora. Ou ainda pode-se inferir que os participantes, ao responderem aos questionários nos Pré-Testes, em um primeiro contato com a pesquisadora, poderiam estar sob controle da crítica desta. Já nos Pós-Testes, mais familiarizados com a pesquisadora, e com os outros participantes, e não tanto sob controle do julgamento destes, talvez possam ter respondido de forma mais objetiva aos questionários (análise apresentada anteriormente, pp. 70-72).

Foi possível verificar resultados positivos da Aplicação do Programa, ainda que não muito expressivos numericamente, relevantes quanto à redução dos itens negativos e aumento dos itens positivos referentes à interação familiar, o relacionamento entre o casal, a comunicação entre pais e filhos e a forma de monitorar os filhos. Dados anedóticos revelaram também a adesão e aproveitamento da participação no programa, conforme os relatos verbais (p. 21) indicam. Este fortalecimento do relacionamento entre pais e filhos, de acordo com Williams & Aiello (2001), torna as famílias mais competentes e independentes na solução de problemas diários que surgem durante o desenvolvimento de seus filhos.

A redução conjunta dos domínios negativos é importante para destacar a melhora da qualidade na interação familiar e mostra que comportamentos verbais, por de instrução e autoinstrução, podem ser mantidos e instalados, por reforçamento educacional como ocorria nos encontros dos Grupos por meio de elogios e, dos próprios reforçadores naturais

da melhora do relacionamento com os filhos, e as consequentes melhoras de comportamentos dos filhos no âmbito escolar e social mais amplo.

Os resultados do Estudo 2 corroboram com a literatura sobre correspondência entre o comportamento não verbal modificando o comportamento verbal. As instruções e orientações para os pais modificarem comportamentos inadequados no manejo do comportamento dos filhos podem explicar a redução de comportamentos como bater nos filhos, monitorar de forma negativa, punir de acordo com o humor dos pais (punição inconsistente), comunicar-se de forma agressiva com os filhos ou cônjuges, pelas explicações sobre os efeitos de tais comportamentos, em termos imediatos, no início das instalações desses comportamentos.

Todavia, estudos (De Rose, 1997; Catania, 1999; Matos, 2001; Hübner, 2013) apontam que só o controle antecedente instrucional não será suficiente para a manutenção dos comportamentos adequados adquiridos e acredita-se que as consequências imediatas reforçadoras positivas, além das orientações para os comportamentos adequados dos pais, como elogios (dos participantes dos grupos de pais e/ou dos próprios filhos), o estabelecimento de um ambiente familiar agradável e, propriamente a melhora dos comportamentos dos filhos, potencializam os efeitos da instrução.

Dessa forma, este trabalho é finalizado enfatizando que é de grande importância a preocupação de analistas do comportamento com o aprimoramento de propostas de orientação de pais em Hospitais Escola, Postos de Saúde, Serviços de Psiquiatria em Serviço Público, (Hospitais Dia ou Enfermarias) e demais unidades em que haja demanda de atendimentos a crianças e adolescentes, promovendo a revisão do papel do psicólogo clínico no atendimento individual e focado nos comportamentos inadequados das crianças e adolescentes, para voltar-se às famílias (Leavell e Clark, 1965, in Czeresnia, e Freitas, 2009) e à comunidade como foco de transformação, segundos os conceitos de contingências comportamentais entrelaçadas e metacontingências (Skinner, 1953/1981; Glenn, 1988; Neves & Vasconcelos, 2008; Todorov, 2012).

Finalmente, espera-se que este estudo promova o entendimento de que as mudanças nos comportamentos dos filhos pressupõem as mudanças nos comportamentos dos pais.

Tornamo-nos pais sem que ninguém nos tenha ensinado como dar conta desta responsabilidade. Aprendemos rapidamente que as crianças fazem exigências especiais...Os pais que reagem não com a punição, mas oferecem às suas crianças oportunidades para o recebimento de reforçadores positivos, deparam-se com crianças felizes, autoconfiantes e competentes." (Sidman, 2011, pp. 250-251).

ANEXO 2

FICHA DE INSCRIÇÃO

FICHA DE INSCRIÇÃO

Data:
Nome:
Idade:
Estado civil:
Escolaridade:
Profissão:
Filhos (nomes e idades)
Endereço residencial:
Telefone residencial: comercial: Celular:
1. O que você espera deste curso?
2. Qual é a maior dificuldade que você encontra para educar seu(s) filho(s)?
3. Quais são os comportamentos que você gostaria de mudar em seu(s) filho(s)?

ANEXO 3

TCLE - ESTUDO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - ESTUDO I

Eu	,RG	, CPF	
fui convidado	o(a) a participar de uma pesquisa exp	perimental sobre orient	ação de pais, que constará
de oito encor	ntros semanais, com duas horas de du	uração cada, e serão re	alizados nas dependências
do Hospital	Universitário da USP - HU, localiz	zado à Av. Prof. Line	u Prestes, 2.565 - Cidade
Universitária	- telefone (11) 3091-9200. Os partid	cipantes que aceitarem	participar desta pesquisa,
conforme os	dados aqui apresentados assinarão es	ste termo e levarão cons	sigo uma cópia do mesmo,
assinada pela	pesquisadora responsável Andréa Ca	allonere e por sua orien	tadora, Dra. Maria Martha
Costa Hübner	r.		
Vou assinar a	ao final e rubricar cada folha deste do	ocumento para comprov	var que estou ciente de que
participarei d	desta pesquisa com garantia de total	sigilo, sem qualquer	gasto financeiro de minha
parte, por vo	ntade própria e poderei abandonar o	estudo a qualquer mo	mento em que quiser sem
nenhum preju	uízo para mim ou qualquer um de me	us familiares, sem sofre	er interferência nos demais
tratamentos o	de minha saúde ou de meus familia	res no Hospital Unive	rsitário, atualmente ou no
futuro. Fui	informado de que este programa	comportamental não	oferece riscos para os
participantes,	, mas se eu tiver problemas que po	ossam ser decorrentes	de minha participação no
grupo, receb	erei suporte da psicológico de terap	peutas do curso de Te	rapia Comportamental no
Hospital Univ	versitário entrando contato com Mich	nele, no telefone 3091-1	905, para agendamento.
A pesquisa d	le nome "Aplicação de programa co	mportamental de quali	dade de vida na interação
familiar em F	Hospital Universitário" é sobre a orier	ntação comporamental	de pais.

Pesquisador Participante

o objetivo de melhorar os relacionamentos na família, principalmente com relação aos filhos que apresentam problemas de comportamento com prejuízos em desempenhos escolares, saúde e relações familiares. Esta orientação de pais ocorrerá durante os oito encontros planejados e com

duração de duas horas cada um, onde acontecerão diferentes atividades educativas, troca de experiências, realização de jogos e tarefas sempre com a presença da psicóloga Andréa. Ao final de cada encontro serão solicitadas tarefas de casa para serem realizadas durante a semana e trazidas no próximo encontro.

Durante todos os encontros, as gravações de imagem e de som, que só acontecerão com minha autorização, apresentada no final deste termo, e se eu autorizar serão utilizados única e exclusivamente para fins de pesquisa, com total garantia de sigilo de todos os participantes do grupo.

Este estudo foi submetido em maio de 2013 à apreciação do comitê de ética em pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - CEPH-IPUSP, localizado à Av. Prof. Mello Moraes, 1721, CEP 05508-030, Cidade Universitária, São Paulo, e ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário da USP, localizado à Av. Prof. Lineu Prestes, 2565, CEP: 05508-000, Cidade Universitária, São Paulo, SP, telefone (11) 3091-9457, E-mail cep@hu.usp.br e está credenciado pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.

Você poderá entrar em contato com a psicóloga Andréa e obter maiores esclarecimentos sobre esta pesquisa e sua participação a qualquer momento em que desejar pelo celular: (11)98228-1552.

ANEXO 4

TCLE - ESTUDO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ESTUDO 2

	Eu,RG
, CPFfui o	convidado(a) a participar de uma pesquisa experimen
sobre orientação de pais, que constará de	cinco encontros semanais, com duas horas de duraç do Hospital Dia do Instituto de Psiquiatria do Hospi
das Chinicas de Sao I adio.	Vou assinar ao final e rubricar ca
pesquisadora Andréa Callonere, para comp com garantia de total sigilo, sem qualquer poderei abandonar o estudo a qualquer mon qualquer um de meus familiares, sem sofr ou de meus familiares no Hospital Dia do	a cópia do mesmo, também assinado e rubricado porovar que estou ciente de que participarei deste servigasto financeiro de minha parte, por vontade próprimento em que quiser sem nenhum prejuízo para mimer interferência nos demais tratamentos de minha saú Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de Sando de que este Programa Comportamental não oferente.
relacionamentos na família, principalment comportamento com prejuízos em deser	A pesquisa de nome " <u>Progra</u> sobre a orientação de pais com o objetivo de melhorar e com relação aos filhos que apresentam problemas mpenhos escolares, saúde e relações familiares. Enco encontros planejados e com duração de duas ho
serão utilizados única e exclusivamente publicação de imagens e gravações, as qu	Estou ciente de que todos os dad pais, da qual participarei nas próximas cinco seman para fins de estudo, com total garantia de sigilo, se ais ficarão reservadas apenas para análise de dados. garantia de sigilo, e de que não farão referências rticipantes deste Serviço.
Pesquisador Andrea Callonere Pesquisadora responsável Psicóloga CRP- 06/28633-	Participante
São Paulo, de de	
	- <u></u> -
	Andrea Callonere Pesquisadora responsável Psicóloga CRP- 06/28633-1
	Dra. Maria Martha Costa Hübner Orientadora

ANEXO 5

AUTORIZAÇÃO PARA FILMAGEM – ESTUDO 1

Autorização para gravação e filmagem dos encontros

Eu,R0	G:	autorizo que os e	encontros
de orientação de pais dos quais parti	ciparei nas próximas oi	to semanas sejam filma	idos e/ou
gravados pois estou ciente de que t	todos os dados obtidos	nesta pesquisa serão u	ıtilizados
única e exclusivamente para fins de	estudo, com total garan	tia de sigilo, sem publi	cação de
imagens, as quais ficarão reservadas	apenas para análise de	dados.	
	São Paulo, d	e	_de
	Andrea Callonere Ps	icóloga CRP-28/6331	
	Amarca Canonere 13	icologu Cici 20,0331	
	Assinatura do Partici	nante	

ANEXO 6

TAREFAS DE CASA E AUTORREGISTROS

Nome:
Tarefa de casa (1 Encontro) Aponte três regras que seu filho sempre desobedece.

Tarefa de casa (2 Encontro)

Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera adequados:

Filho 1	Filho 2	Filho 3

Autorregistro (2 Encontro)

Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera adequados:

Filho 1	Filho 2	Filho 3

Tarefa de casa (3 Encontro)

Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera inadequados:

Filho 1	Filho 2	Filho 3

Autorregistro (3 Encontro)

Anote por dois dias quantas vezes você reforçou comportamentos adequados de seus filhos e como fez isso. Como foi a reação deles?:

Filho 1	Filho 2	Filho 3

Nome:
Tarefa de casa (4 Encontro) Observe e anote de que forma você tem demonstrado afeto pelos seus filhos.

Nome:
Autorregistro (4 Encontro) Anote como você deu consequências para seus filhos depois de ele ter se comportado mal, e como eles reagiram diante de sua atitude.

Nome:
Autorregistro (5 Encontro) Anote pelo menos três ocasiões em que conseguiu transformar o seu amor em ação, em pratica. Reflita se foi fácil ou difícil e como seu filho reagiu.

Nome:	
Tarefa de casa (6 Encontro) Anote três características dos seus filhos que você percebe em si mesmo.	

ANEXO 7 QUESTIONÁRIO EQIF

Nome:
Autorregistro (7 Encontro) Anote um dos comportamentos que gostaria de mudar. Anote durante a semana, quantas vezes você emitiu este comportamento. Apresente alternativas, ou seja, como poderia ter agido em cada situação.

QUESTIONÁRIO EQIF ESCALAS DE QUALIDADE DE INTERAÇÃO FAMILIAR

Nome:

Responda de acordo com a frequência de seu comportamento ou de seu filho.
Cada questão tem apenas uma resposta de acordo com os números: (1) nunca
(2) quase nunca
(3) às vezes
(4) quase sempre
(5) sempre
(5) sempre
1. Eu costumo dizer o quanto meu filho é importante para mim. ()
2. Eu brigo com meu filho por qualquer coisa. ()
3. Eu costumo xingar meu esposo(a).
4. Meu filho costuma me contar as coisas boas que acontecem com ele. ()
5. Eu costumo falar alto ou gritar com meu filho. ()
6. Eu faço carinho em meu esposo(a). ()
7. O que eu ensino de bom para meu filho, eu também faço. ()
8. Meu filho que sou a melhor mãe ou o melhor pai que ele conhece. ()
9. Eu fico feliz quando estou com meu filho. ()
10. Eu costumo descontar no meu filho quando estou com problemas. ()
11. Eu falo mal de meu esposo(a). ()
12. Meu filho costuma me contar as coisas ruins que acontecem com ele. ()
13. Eu costumo xingar ou falar palavrões para meu filho. ()
14. Eu faço elogios para meu esposo(a). ()
15. Eu também cumpro com as obrigações que ensino para meu filho. ()
16. Meu filho se sente amado por mim. ()
17. Eu procuro saber o que aconteceu com meu filho quando ele está triste. ()
18. Eu sei onde está meu filho quando ele não está em casa. ()
19. Quando meu filho me ajuda, eu agradeço para ele. ()
20. Quando meu filho faz alguma coisa errada, eu costumo bater nele. ()
21. Eu costumo estar bravo com meu esposo(a). ()
22. Meu filho costuma me falar sobre seus sentimentos. ()
23. Eu costumo abraçar meu esposo (a). ()
24. Eu faço coisas que meu filho acha legais. ()
25. Penso que sou um bom exemplo para meu filho. ()
26. Eu costumo mostrar que me preocupo com meu filho. ()
27. Eu demonstro orgulho de meu filho. ()
28. Eu sei o que meu filho faz com o seu tempo livre.

- 29. Meu filho costuma ouvir as brigas entre mim e meu esposo(a). ()
- 30. Eu costumo fazer carinhos no meu filho quando ele se comporta bem. ()
- 31. Eu costumo bater no meu filho sem ele ter feito nada de errado. ()
- 32. Eu costumo criticar meu filho de forma negativa. ()
- 33. Eu falo bem do meu esposo(a). ()
- 34. O meu filho sente orgulho de mim. ()
- 35. Eu costumo dar beijos, abraços ou outros carinhos no meu filho. ()
- 36. Eu costumo dar conselhos para meu filho. ()
- 37. Eu costumo bater no meu filho por coisas sem importância. ()
- 38. Eu tenho um bom relacionamento com meu esposo(a). ()
- 39. Eu peço para o meu filho dizer para onde está indo. ()
- 40. Qual a nota que você dá para você mesmo como mãe ou pai. ()

ANEXO 8

INVENTÁRIO DE ESTILOS PARENTAIS - IEP

QUESTIONÁRIO INVENTÁRIO DE ESTILOS PARENTAIS - IEP

T 1		~
Ide	ntific	ൗഗാവ
Iuc	mum	açao

Nome: Idade:

Escolaridade: Sexo: ()M ()F

Nome do filho(a):

Responda a tabela a seguir fazendo um X no quadrinho que melhor indicar a freqüência com que você age nas situações relacionadas; mesmo que a situação descrita nunca tenha ocorrido, responda considerando o seu possível comportamento naquelas circunstâncias. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranqüilidade.

Utilize a legenda de acordo com o seguinte critério:

Nunca: em 10 episódios, você agiu daquela forma entre 0 a 2 vezes. **Às vezes**: em 10 episódios, você agiu daquela forma entre 3 a 7 vezes. **Sempre**: em 10 episódios, você agiu daquela forma entre 8 a 10 vezes.

	8 a 10	3 a 7	0 a 2
	Sempre	Às vezes	Nunca
1. Quando meu filho(a) sai, ele(a) conta			
espontaneamente onde vai.			
2. Ensino meu filho(a) a devolver os objetos ou			
dinheiro que não pertencem a ele(a).			
3. Quando meu filho(a) faz algo errado, a punição que			
eu aplico é mais severa dependendo do meu humor.			
4. Meu trabalho atrapalha na atenção que dou a meu			
filho(a).			
5. Ameaço que vou bater ou castigar e depois não faço			
nada.			
6. Critico qualquer coisa que me filho(a) faça, como o			
quarto estar desarrumado ou estar com os cabelos			
despenteados.			
7. Bato com cinta ou outros objetos nele(a).			
8. Pergunto como foi o seu dia na escola e ouço			
atentamente.			
9. Se meu filho(a) colar na prova, explico que é melhor			
tirar nota baixa do que enganar a professora ou a			
si mesmo(a).			

10. Quando estou alegre, não me importo com as	
coisas erradas que meu filho(a) faça.	
11. Meu filho(a) sente dificuldade em contar seus	
problemas para mim, pois vivo ocupado(a).	
12. Quando castigo meu filho(a) e ele pede para sair do	
castigo, após um pouco de insistência, permito	
que saia do castigo.	
13. Quando meu filho(a) sai, telefono procurando por	
ele(a) muitas vezes.	
14. Meu filho(a) tem muito medo de apanhar de mim.	
1	
15. Quando meu filho(a) está triste ou aborrecido(a),	
interesso-me em ajudá-lo a resolver o problema.	
16. Se meu filho(a) estragar alguma coisa de alguém,	
ensino a contar o que fez e pedir desculpas.	
17. Castigo-o(a) quando estou nervoso(a); assim que	
passa a raiva, peço desculpas.	
18. Meu filho(a) fica sozinho(a) em casa a maior parte	
do tempo.	
19. Durante uma briga, meu filho(a) xinga ou grita	
comigo e, então, eu o(a) deixo em paz.	
20. Controlo com quem meu filho(a) fala ou sai.	
21. Meu filho(a) fica machucado(a) fisicamente	
quando bato nele(a).	
22. Mesmo quando estou ocupado(a) ou mesmo	
viajando, telefone para saber como meu filho(a)	
está.	
23. Aconselho meu filho(a) a ler livros, revistas ou ver	
programas de TV que mostrem os efeitos	
negativos do uso de drogas.	
24. Quando estou nervoso(a), acabo descontando em	
meu filho(a).	
25. Percebo que meu filho(a) sente que não dou	
atenção a ele(a).	
26. Quando mando meu filho(a) estudar, arrumar o	
quarto ou voltar para casa, e ele(a) não obedece,	
eu "deixo pra lá".	
28. Meu filho(a) sente ódio de mim quando bato	
nele(a).	

29. Após uma festa, quero saber se meu filho(a) se	
divertiu.	
30. Converso com meu filho(a) sobre o que é certo e	
errado no comportamento dos personagens dos	
filmes e dos programas de TV.	
31. Sou mal-humorado(a) com meu filho(a).	
32. Não sei dizer do que meu filho(a) gosta.	
33. Aviso que não vou dar um presente para meu	
filho(a) caso não estude, mas na hora "H", fico	
com pena e dou o presente.	
34. Se meu filho(a) vai a uma festa, somente quero	
saber se bebeu, se fumou e se estava com aquele	
grupo de maus elementos.	
35. Sou agressivo(a) com meu filho(a).	
36. Estabeleço regras (o que pode e o que não pode ser	
feito) e explico as razões sem brigar.	
37. Converso sobre o futuro trabalho ou profissão de	
meu filho(a), mostrando os pontos positivos e	
negativos de sua escolha.	
38. Quando estou mal-humorado(a), não deixo meu	
filho(a) sair com os amigos.	
39. Ignoro os problemas de meu filho(a).	
40. Quando meu filho(a) fica muito nervoso(a) numa	
discussão ou briga, ele(a) percebe que isto me	
amedronta.	
41. Se meu filho(a) estiver aborrecido(a), fico	
insistindo para ele me contar o que aconteceu,	
mesmo que ele(a) não queira contar.	
42. Sou violento(a) com meu filho(a).	

ANEXO 9

QUESTIONÁRIO WHOQOL-BREVE

QUESTIONÁRIO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DE QUALIDADE DE VIDA – WOQOL-breve

Este questionário é sobre como você se sente a respeito de sua qualidade de vida, saúde e outras áreas de suas. Por favor responda a todas as questões. Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parece mais apropriada. Esta, muitas vezes, poderá ser sua primeira escolha.

Por favor, tenha em mente seus valores, aspirações, prazeres e preocupações. Nós estamos perguntando o que você acha de sua vida, tomando como referencia as **duas últimas semanas**.

Nome:

Por favor, leia cada questão, veja o que você acha e circule no número e lhe parece a melhor resposta.

	Muito ruim	Ruim	Nem ruim, nem boa	Boa	Muito boa
1.Como você avaliaria sua qualidade de vida?	1	2	3	4	5
	Muito insatisfei to	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
2.Quão satisfeito você está com a sua saúde?	1	2	3	4	5

As questões seguintes são sobre **o quanto** você tem sentido algumas coisas nas últimas duas semanas.

	Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
3. Em que medida você acha que sua dor física o impede de fazer o que precisa	1	2	3	4	5
4. O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?	1	2	3	4	5
5. O quanto você aproveita a vida?	1	2	3	4	5
6.Em que medida você acha que a sua vida tem sentido?	1	2	3	4	5
7. O quanto você consegue se concentrar?	1	2	3	4	5
8. Quão seguro(a) você se sente em sua vida diária?	1	2	3	4	5
9. Quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos)?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre **quão completamente** você tem sentido ou é capaz de fazer certas coisas nestas últimas duas semanas.

	Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
10. Você tem energia suficiente para	1	2	3		5
seu dia-a- dia?					
11. Você é capaz de aceitar sua	1	2	3	4	5
aparência física?					
12. Você tem dinheiro suficiente	1	2	3	4	5
para satisfazer suas necessidades?					
13. Quão disponíveis para você estão as	1	2	3	4	5
informações que precisa no seu dia-a-dia?					
14. Em que medida você tem	1	2	3	4	5
oportunidades de atividade de					
lazer?					

As questões seguintes perguntam sobre **quão bem ou satisfeito** você se sentiu a respeito de vários aspectos de sua vida nas últimas duas semanas.

	Muito ruim	Ruim	Nem ruim, nem boa	Bom	Muito bom
15. Quão bem você é capaz de se locomover?	1	2	3	4	5
	Muito insatisfei to	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
16.Quão satisfeito você está com o seu sono?	1	2	3	4	5
17. Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de desempenhar as atividades do seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
18.Quão satisfeito você está com sua capacidade para o trabalho?	1	2	3	4	5
19.Quão satisfeito você está consigo mesmo?	1	2	3	4	5
20. Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?	1	2	3	4	5
21. Quão satisfeito(a) você está com sua vida sexual?	1	2	3	4	5
22. Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de seus amigos?	1	2	3	4	5
23. Quão satisfeito(a) você está com as condições do local onde mora?	1	2	3	4	5

24. Quão satisfeito(a) você está com	1	2	3	4	5
o seu acesso aos serviços de saúde?					
25.Quão satisfeito você está com seu	1	2	3	4	5
meio de transporte?					

As questões seguintes referem-se a **com que freqüência** você sentiu ou experimentou certas coisas nas últimas duas semanas.

	Nunca	Algumas vezes	Frequentemente	Muito frequentemente	Sempre
		VCZCS		rrequentemente	
26. Com que frequência você tem	1	2	3	4	5
sentimentos negativos tais como					
mau humor, desespero,					
ansiedade, depressão?					

Alguém lhe ajudou a preencher este questionário?

Quanto tempo você levou para preencher este questionário?

ANEXO 10 DOCUMENTO COMITÊ DE ÉTICA

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - HU/USP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Aplicação de programa comportamental de qualidade na interação familiar em Hospital

Universitário

Pesquisador: Andréa Callonere de Freitas

Área Temática: Versão: 5

CAAE: 16727613.2.0000.5561

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: CONS NAC DE DESENVOLVIMENTO CIENTIFICO E TECNOLOGICO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 547.241 Data da Relatoria: 28/02/2014

Apresentação do Projeto:

Mantido o parecer exarado em 31 de janeiro de 2014 pelo nosso CEP

Objetivo da Pesquisa:

Mantido o parecer exarado em 31 de janeiro de 2014 pelo nosso CEP

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Mantido o parecer exarado em 31 de janeiro de 2014 pelo nosso CEP

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Mantido o parecer exarado em 31 de janeiro de 2014 pelo nosso CEP

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Mantido o parecer exarado em 31 de janeiro de 2014 pelo nosso CEP

Recomendações:

Não existem

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não existem

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Av. Profº Lineu Prestes, 2565

Bairro: Cidade Universitária

F: SP Município: SAO PAULO

Telefone: (11-)3091-9457

Fax: (11-)3091-9452

CEP: 05.508-000

E-mail: cep@hu.usp.br

ANEXO 11

CONTOS E TEXTOS

A CASA DOS MIL ESPELHOS

"Tempos atrás em um distante e pequeno vilarejo, havia um lugar conhecido como a casa dos 1000 espelhos. Um pequeno e feliz cãozinho soube deste lugar e decidiu visitar. Lá chegando, saltitou feliz escada acima até a entrada da casa.

Olhou através da porta de entrada com suas orelhinhas bem levantadas e a cauda balançando tão rapidamente quanto podia. Para sua grande surpresa, deparou-se com outros 1000 pequenos e felizes cãezinhos, todos com suas caudas balançando tão rapidamente quanto à dele. Abriu um enorme sorriso, e foi correspondido com 1000 enormes sorrisos. Quando saiu da casa, pensou:

'Que lugar maravilhoso! Voltarei sempre, um montão de vezes'.

Neste mesmo vilarejo, um outro pequeno cãozinho, que não era tão feliz quanto o primeiro, decidiu visitar a casa. Escalou lentamente as escadas e olhou através da porta. Quando viu 1000 olhares hostis de cães que lhe olhavam fixamente, rosnou e mostrou os dentes e ficou horrorizado ao ver 1000 cães rosnando e mostrando os dentes para ele. Quando saiu, ele pensou:

'Que lugar horrível, nunca mais volto aqui'".

(autor desconhecido)

O CACHORRO E O AÇOUGUEIRO

"Um açougueiro estava em sua loja e ficou surpreso quando um cachorro entrou. Ele espantou o cachorro, mas logo o cãozinho voltou. Novamente ele tentou espantá-lo, foi quando viu que o animal trazia um bilhete na boca. Ele pegou o bilhete e leu:

'Pode me mandar 12 salsichas e uma perna de carneiro, por favor'

Ele olhou e viu que dentro da boca do cachorro havia uma nota de 50 Reais. Então ele pegou o dinheiro, separou as salsichas e a perna de carneiro, colocou numa embalagem plástica, junto com o troco, e pôs na boca do cachorro.

O açougueiro ficou impressionado e como já era mesmo hora de fechar o açougue, ele decidiu seguir o animal.

O cachorro desceu a rua, quando chegou ao cruzamento deixou a bolsa no chão, pulou e apertou o botão para fechar o sinal. Esperou pacientemente com o saco na boca até que o sinal fechasse e ele pudesse atravessar a rua.

O açougueiro e o cão foram caminhando pela rua, até que o cão parou em uma casa e pôs as compras na calçada. Então, voltou um pouco, correu e se atirou contra a porta. Tornou a fazer isso. Ninguém respondeu na casa. Então, o cachorro circundou a casa, pulou um muro baixo, foi até a janela e começou a bater com a cabeça no vidro várias vezes.

Depois disso, caminhou de volta para a porta, e foi quando alguém abriu a porta e começou a bater no cachorro.

O açougueiro correu até esta pessoa e o impediu, dizendo:

'Por Deus do céu, o que você está fazendo? O seu cão é um gênio! '

A pessoa respondeu:

'Um gênio? Esta já é a segunda vez esta semana que este estúpido esquece a chave!". (autor desconhecido)

PERDÃO

"Conta um a estória que dois amigos estavam andando pelo deserto.

Em um determinado momento da jornada eles tiveram uma discussão, e um amigo bateu na face do outro.

Aquele que foi agredido ficou machucado, mas sem dizer nada, escreveu na areia:

'Hoje o meu melhor amigo me bateu no rosto.'

Eles continuaram andando até que encontraram um oásis, onde ele decidiram tomar um banho. Aquele que foi agredido ficou preso na lama e começou a se afogar, mas o outro amigo o salvou.

Depois de se recuperar do quase afogamento, ele escreveu em uma pedra:

'Hoje meu melhor amigo salvou a minha vida.'

O amigo que agrediu e que depois salvou a vida do seu melhor amigo perguntou:

'depois que eu lhe agredi, você escreveu na areia e agora, você escreveu em uma pedra, por quê?'

O outro amigo respondeu:

'Quando alguém nos magoa, nós devemos escrever na areia, onde os ventos do perdão podem apagar isto, mas, quando alguém nos faz algo de bom, devemos gravar isto na pedra, onde nenhum vento jamais poderá apagá-lo.'

Aprenda a escrever suas mágoas na areia e a gravar os benefícios que lhe fazem na pedra." (autor desconhecido)

BORBOLETAS

Quando depositamos muita confiança ou expectativas em uma pessoa, o risco de se decepcionar é grande.

As pessoas não estão neste mundo para satisfazer as nossas expectativas, assim como não estamos aqui, para satisfazer as dela.

Temos que nos bastar... nos bastar sempre e quando procuramos estar com alguém, temos que nos conscientizar de que estamos juntos porque gostamos, porque queremos e nos sentimos bem, nunca por precisar de alguém.

As pessoas não se precisam, elas se completam... não por serem metades, mas por serem inteiras, dispostas a dividir objetivos comuns, alegrias e vida.

Com o tempo, você vai percebendo que para ser feliz com a outra pessoa, você precisa em primeiro lugar, não precisar dela. Percebe também que aquela pessoa que você ama (ou acha que ama) e que não quer nada com você, definitivamente, não é o homem ou a mulher de sua vida.

Você aprende a gostar de você, a cuidar de você, e principalmente a gostar de quem gosta de você.

O segredo é não cuidar das borboletas e sim cuidar do jardim para que elas venham até você.

No final das contas, você vai achar não quem você estava procurando, mas quem estava procurando por você.

Mario Quintana

MUDAM-SE OS TEMPOS, MUDAM-SE AS VONTADES

Muda-se o ser, muda-se a confiança;

Todo o Mundo é composto de mudança,

Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,

Diferentes em tudo da esperança;

Do mal ficam as mágoas na lembrança,

E do bem, se algum houve, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,

Que já coberto foi de neve fria,

E em mim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,

Outra mudança faz de mor espanto:

Que não se muda já como soía.

Luís de Camões

FILHOS BRILHANTES, ALUOS FASCINANTES

Bons filhos conhecem o prefácio da história dos seus pais. Filhos brilhantes vão muito mais longe, conhecem os capítulos mais importantes das suas vidas.

Bons jovens se preparam para o sucesso. Jovens brilhantes se preparam para as derrotas. Eles sabem que a vida é um contrato de risco e que não há caminhos sem acidentes.

Bons jovens têm sonhos ou disciplina. Jovens brilhantes têm sonhos e disciplina. Pois sonhos sem disciplina produzem pessoas frustradas, que nunca transformam seus sonhos em realidade, e disciplina sem sonhos produz servos, pessoas que executam ordens, que fazem tudo automaticamente e sem pensar.

Bons alunos escondem certas intenções, mas alunos fascinantes são transparentes. Eles sabem que quem não é fiel à sua consciência tem uma dívida impagável consigo mesmo. Não querem, como alguns políticos, o sucesso a qualquer preço. Só querem o sucesso conquistado com suor, inteligência e transparência. Pois sabem que é melhor a verdade que dói do que a mentira que produz falso alívio..

A grandeza de um ser humano não está no quanto ele sabe, mas no quanto ele tem consciência que não sabe. O destino não é freqüentemente inevitável, mas uma questão de escolha. Quem faz escolha, escreve sua própria história, constrói seus próprios caminhos.

Os sonhos não determinam o lugar onde vocês vão chegar, mas produzem a força necessária para tirá-los do lugar em que vocês estão. Sonhem com as estrelas para que vocês possam pisar pelo menos na Lua. Sonhem com a Lua para que vocês possam pisar pelo menos nos altos montes. Sonhem com os altos montes para que vocês possam ter dignidade quando atravessarem os vales das perdas e das frustrações.

Bons alunos aprendem a matemática numérica, alunos fascinantes vão além, aprendem a matemática da emoção, que não tem conta exata e que rompe a regra da lógica. Nessa matemática, você só aprende a multiplicar quando aprende a dividir, só consegue ganhar quando aprende a perder, só consegue receber, quando aprende a se doar.

Uma pessoa inteligente aprende com os seus erros, uma pessoa sábia vai além, aprende com os erros dos outros, pois é uma grande observadora.

Procurem um grande amor na vida e cultivem-no. Pois, sem amor, a vida se torna um rio sem nascente, um mar sem ondas, uma história sem aventura! Mas, nunca esqueçam, em primeiro lugar tenham um caso de amor consigo mesmos AUGUSTO CURY (2014)

AMALA E KAMALA: AS MENINAS LOBO

Na Índia, onde os casos de meninos-lobo foram relativamente numerosos, descobriram-se em 1920, duas crianças, Amala e Kamala, vivendo no meio de uma família(?) de lobos. A primeira tinha um ano e meio e veio a morrer um ano mais tarde. Kamala, de oito anos de idade, viveu até 1929. Não tinham nada de humano e seu comportamento era exatamente semelhante àquele de seus irmãos lobos.

Elas caminhavam de quatro, apoiando-se sobre os joelhos e cotovelos para os pequenos trajetos e sobre as mãos e os pés para os trajetos longos e rápidos.

Eram incapazes de permanecer em pé. Só se alimentavam de carne crua ou podre. Comiam e bebiam como os animais, lançando a cabeça para a frente e lambendo os líquidos. Na instituição onde foram recolhidas, passavam o dia acabrunhadas e prostradas numa sombra. Eram ativa e ruidosas durante a noite, procurando fugir e uivando como lobos. Nunca choravam ou riam.

Kamala viveu oito anos na instituição que a acolheu, humanizando-se (?) lentamente. Necessitou de seis anos para aprender a andar e, pouco antes de morrer, tinha um vocabulário de apenas cinqüenta palavras. Atitudes afetivas foram aparecendo aos poucos. Chorou pela primeira vez por ocasião da morte de Amala e se apegou lentamente às pessoas que cuidaram dela bem como às outra com as quais conviveu. Sua inteligência permitiu-lhe comunicar-se por gestos, inicialmente, e depois por palavras de um vocabulário rudimentar, aprendendo a executar ordens simples".

Leymond (1965)

"O relato acima descreve um fato verídico e permite entender em que medida as características humanas dependem do convívio social". Cláudia Davis e Zilma de Oliveira (1990).

BEM - VINDO À HOLANDA

Freqüentemente sou solicitada a descrever a experiência de criar um filho portador de deficiência, para tentar ajudar as pessoas que nunca compartilharam dessa experiência única a entender, a imaginar como deve ser. É mais ou menos assim...

Quando você vai ter um bebê, é como planejar uma fabulosa viagem de férias - para a Itália. Você compra uma penca de guias de viagem e faz planos maravilhosos. O Coliseu. Davi, de Michelangelo. As gôndolas de Veneza. Você pode aprender algumas frases convenientes em italiano. É tudo muito empolgante.

Após meses de ansiosa expectativa, finalmente chega o dia. Você arruma suas malas e vai embora. Várias horas depois, o avião aterrissa. A comissária de bordo chega e diz: "Bem-vindos à Holanda".

"Holanda?!? Você diz, "Como assim, Holanda? Eu escolhi a Itália. Toda a minha vida eu tenho sonhado em ir para a Itália."

Mas houve uma mudança no plano de vôo. Eles aterrissaram na Holanda e é lá que você deve ficar. O mais importante é que eles não te levaram para um lugar horrível, repulsivo, imundo, cheio de pestilências, inanição e doenças. É apenas um lugar diferente.

Então você deve sair e comprar novos guias de viagem. E você deve aprender todo um novo idioma. E você vai conhecer todo um novo grupo de pessoas que você nunca teria conhecido. Tem um ritmo mais lento do que a Itália, é menos vistoso que a itália. Mas depois de você estar lá por um tempo e respirar fundo, você olha ao redor e começa a perceber que a Holanda tem moinhos de vento, a Holanda tem tulipas, a Holanda tem até Rembrandts.

Mas todo mundo que você conhece está ocupado indo e voltando da Itália, e todos se gabam de quão maravilhosos foram os momentos que eles tiveram lá. E toda sua vida você vai dizer "Sim, era para onde eu deveria ter ido. É o que eu tinha planejado."

E a dor que isso causa não irá embora nunca, jamais, porque a perda desse sonho é uma perda extremamente significativa. No entanto, se você passar sua vida de luto pelo fato de não ter chegado à Itália, você nunca estará livre para aproveitar as coisas muito especiais e absolutamente fascinantes da Holanda.

Emily Perl Kingsley

ANEXO 12 QUADROS DE RELATOS VERBAIS

GE I	SEMANA 1	SEN	MANA 2	SEMA	ANA 3	SE	MANA 4	SEMANA 5	SEMANA 6	SEMANA 7
QUESTÕES	Aponte três regras que seu filho sempre desobedece	Observe e anote seis comportament os de seu filho que você considera adequados	Anote algumas ocasiões em que você conseguiu determinar e falar regras importantes de forma clara e coerente, cumprindo com a consequência determinada. reflita se foi fácil ou difícil e como foi a reação do seu filho	Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera inadequados	Anote por dois dias quantas vezes você reforçou comportamentos adequados de seus filhos e como fez isso. como foi a reação deles?	Observe e anote de que forma você tem demonstrado afeto pelos seus filhos	Anote como você deu consequëncias para seus filhos depois de ele ter se comportado mal, e como eles reagiram diante de sua atitude.	Anote pelo menos três ocasiões em que conseguiu transformar o seu amor em ação, em prática. reflita se foi fácil ou difícil e como o seu filho reagiu.	Ano tem três características dos seus filhos que vocês percebem em si mesmo	Anote um dos comportamen tos que gostaria de mudar. anote durante a semana, quantas vezes você emitiu este comportamen to. apresente alternativas, ou seja, como poderia ter agido em cada situação.
PE1	"Não faz as obrigações, é malcriado, respondão."	"É esperto, para para responder mal, se sai bem no que quer. É mal humorado, mas também é alegre e inteligente."	"Ele não obedece nada que a gente manda até irritar, mas eu falei que fizer as coisas como está escrito no quadro ele vai ganhar pontos e ter o que quer. Foi fácil por o premio porque ele gosta de joguinhos de vídeo game, então prometi que se cumprir as tarefas do quadro na semana, no sábado vai ganhar o jogoele ficou desconfiado"	"Mal criado. Respondão. Nervoso. Sem controle emocional. Mal humorado. Estressado."	"Comportamento na escola falo para não entrar na pilha das ofensas e intrigas dos colegas. Falo para ele ignorar e relaxar, pensar com calma para não ter atitudes contrárias. Falo para ele ser assim em todos os lugares, casa, escola. E está no quadro, e se ele não estragar hoje está indo bem, até ajudou a mãe a empacotar umas mercadorias e ela combinou de pagar o trabalho."	"Sou carinhoso, amigo, companheiro, parceiro, paciente, tolerante, calmo. Mas só consigo quando ele está tranquilo, sem estresse."	"Eu tinha prometido comprar o joguinho que ele queria se fizesse as lições direito, na mesa e na hora a semana toda, mas na quarta ainda faltavam quinta e sexta e ele começou a aprontar e eu já falei para ele que não estava cumprindo e ele não ligou, mas não vai ganhar e vou falar que agora vai começar de novo, mas duas semanas até o fim do mês para ganhar se fizer a parte dele."	"Fomos para o playland, tava combinado e brincamos muito, ele adorou e agradeceu, porque eu falei que ele tinha merecido e eu fiquei feliz de vê-lo feliz e satisfeito. Na terça-feira pedi para ele ir fazer a lição e ele foi para a mesa sem reclamar. Eu adorei e falei que ele tinha mudado de comportamento e era bom para todo mundo, até a mãe dele contou para outras pessoas."	"Parece comigo às vezes quando está calmo, brincalhão, inteligente até um pouco preguiçoso, e eu também adoro produtos eletrônicos."	"Queria ter mais calma e paciência com ele, mas é difícil, ele tem que ter mais controle. Eu tento me controlar e fica melhor mesmo, outro dia a mãe dele perdeu a paciência por causa da lição e eu vi que não adianta gritaria, tem que ter calma porque aí ele também acalma."

GE I	SEMANA 1	SEI	MANA 2	SEMA	ANA 3	SE	MANA 4	SEMANA 5	SEMANA 6	SEMANA 7
QUESTÕES	Aponte três regras que seu filho sempre desobedece	Observe e anote seis comportament os de seu filho que você considera adequados	Anote algumas ocasiões em que você conseguiu determinar e falar regras importantes de forma clara e coerente, cumprindo com a consequência determinada. reflita se foi fácil ou difícil e como foi a reação do seu filho	Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera inadequados	Anote por dois dias quantas vezes você reforçou comportamentos adequados de seus filhos e como fez isso. como foi a reação deles?	Observe e anote de que forma você tem demonstrado afeto pelos seus filhos	Anote como você deu consequencias para seus filhos depois de ele ter se comportado mal, e como eles reagiram diante de sua atitude.	Anote pelo menos três ocasiões em que conseguiu transformar o seu amor em ação, em prática. reflita se foi fácil ou difícil e como o seu filho reagiu.	Ano tem três características dos seus filhos que vocês percebem em si mesmo	Anote um dos comportamen tos que gostaria de mudar. anote durante a semana, quantas vezes você emitiu este comportamen to. apresente alternativas, ou seja, como poderia ter agido em cada situação.
PE2	"Fazer lição de casa, tomar banho na hora certa, jantar no horário da família, não teimar para fazer do jeito que quer"	"Educado, responsável, tem boa convivência social, animado, alegre."	"Acho que foi fácil porque eu falei do quadro de atividades e coloquei o premio, falei que não vou fazer se ele não cumprir, e vou ficar firme."	"Falta de respeitar os limites e as regras que eu falo, ser muito explosivo e ansioso e ser também mal humorado."	"Quando ele está calmo e obediente eu faço carinho e tento agradar ele com algum mimo, mas não era combinado, agora eu falo antes e porque eu estou contente com o que ele fez."	"Sempre falo que o amo, dou beijo e abraço na volta da escola, ajudo a colocar roupa e sapato, ajudo com a comida, deixo dormir comigo, mas só se ele fizer o que é combinado"."	"Na saída do shopping, ele pediu sorvete e eu levei até um quiosque onde tinha acabado o sorvete que ele queria , então eu falei para ele deixar para outro dia, estava tarde e em casa tinha sorvete, eu colocava a calda, mas ele fechou a cara e ficou fazendo malcriação, reclamou muita coisa para mim e eu me irritei e peguei o dinheiro que tinha dado e não teve sorvete nem em casa também. Falei que se ele pensasse no que fez se ficasse comportado sem me ofender eu ia decidir quando ia ter sorvete no shopping de novo, mas essa semana perdeu a chance, ele não falou nada, mas ficou pensando."	"Ontem ele chegou muito bravo porque um colega chutou o tênis dele e deu um tapa, mas estava tão nervoso que foi malcriado comigo, falei que eu não tinha culpa do ocorrido e que quando ele quisesse falar sobre o assunto me procurasse e foi difícil porque minha vontade era de pegar ele pelo braço, mas fui para o quarto e meia hora depois ele veio me beijar e pedir desculpas.Fiquei muito feliz."	"Nervoso e agitado, briga muito na escola, faz amizade com facilidade e gosta de festa e dançar, e eu era briguenta e agitada também."	"Sou muito impulsiva, quando vejo já fiz algo sem ter pensado, principalment e com ele. Esta semana pensei e consegui me controlar e não tive nenhum ato de impulsividade e me controlei, e eu falo para ele que não é fácil a gente se controlar, mas é muito melhor."

GE I	SEMANA 1	SEN	MANA 2	SEMA	ana 3	SE	MANA 4	SEMANA 5	SEMANA 6	SEMANA 7
QUESTÕES	Aponte três regras que seu filho sempre desobedece	Observe e anote seis comportament os de seu filho que você considera adequados	Anote algumas ocasiões em que você conseguiu determinar e falar regras importantes de forma clara e coerente, cumprindo com a consequência determinada. reflita se foi fácil ou difícil e como foi a reação do seu filho	Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera inadequados	Anote por dois dias quantas vezes você reforçou comportamentos adequados de seus filhos e como fez isso. como foi a reação deles?	Observe e anote de que forma você tem demonstrado afeto pelos seus filhos	Anote como você deu consequencias para seus filhos depois de ele ter se comportado mal, e como eles reagiram diante de sua atitude.	Anote pelo menos três ocasiões em que conseguiu transformar o seu amor em ação, em prática. reflita se foi fácil ou difícil e como o seu filho reagiu.	Ano tem três características dos seus filhos que vocês percebem em si mesmo	Anote um dos comportamen tos que gostaria de mudar. anote durante a semana, quantas vezes você emitiu este comportamen to. apresente alternativas, ou seja, como poderia ter agido em cada situação.
PE3	"Bagunceiro, teimoso e retruca tudo que falamos para ele."	"Carinhoso com crianças, com os pais, reconhece os erros e pede desculpas, gosta de ajudar, quer entender as coisas e pergunta"	"É dificil não ficar nervoso quando ele desobedece, nunca arruma o quarto e não liga e a gente não para de falar e ele nem liga, mas está querendo ganhar as bolinhas do quadro, fica feliz quando pode colocar a bolinha"	"Faz bagunça, insiste muito quando já falamos que não pode fazer, é muito teimoso, chora pedindo sem parar mesmo depois que já falei não"	"Ele ficou muito feliz de ganhar os pontos para irmos na pizzaria e eu falei que tem que merecer para ganhar as coisas, ele entende que as atitudes tem consequência."	"Levar à locadora para alugar filmes e desenhos para assistir juntos, ir ao cinema, sair para comer pizza no sábado."	"Tento conversar e explicar para ele as coisas certas e erradas e perigosas e mostrar que os pais querem o bem dele e ele precisa respeitar para aprender e ser feliz, agora eu explico mais não grito, ele precisa entender o que a gente quer."	"Fomos ao Parque Vila Lobos e ele gostou e agradeceu, alugamos filmes e desenhos para assistir juntos, ir ao cinema, ele adora."	"Teimosia"	"Ter mais paciência com ele e tentar explicar o que é certo e errado com calma, ficar gritando não resolve, agora eu explico e assim ele pode entender e mudar."

GE I	SEMANA 1	SEI	MANA 2	SEMA	ANA 3	SE	MANA 4	SEMANA 5	SEMANA 6	SEMANA 7
QUESTÕES	Aponte três regras que seu filho sempre desobedece	Observe e anote seis comportament os de seu filho que você considera adequados	Anote algumas ocasiões em que você conseguiu determinar e falar regras importantes de forma clara e coerente, cumprindo com a consequência determinada. reflita se foi fácil ou difícil e como foi a reação do seu filho	Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera inadequados	Anote por dois dias quantas vezes você reforçou comportamentos adequados de seus filhos e como fez isso. como foi a reação deles?	Observe e anote de que forma você tem demonstrado afeto pelos seus filhos	Anote como você deu consequencias para seus filhos depois de ele ter se comportado mal, e como eles reagiram diante de sua atitude.	Anote pelo menos três ocasiões em que conseguiu transformar o seu amor em ação, em prática. reflita se foi fácil ou difícil e como o seu filho reagiu.	Ano tem três características dos seus filhos que vocês percebem em si mesmo	Anote um dos comportamen tos que gostaria de mudar. anote durante a semana, quantas vezes você emitiu este comportamen to. apresente alternativas, ou seja, como poderia ter agido em cada situação.
PE4	"Não comer no quarto, aceitar quando eu falo sem questionar, recolher os brinquedos, dividir a TV com os pais."	"Carinhoso, gosta de ficar com os pais, gosta de brincar com amigos novos e se diverte, é feliz."	"Eu peço para ele arrumar o quarto, ele não obedece e eu fico nervosa. Eu explico que não pode comer besteiras o tempo todo, mas ele chora e diz que está com muita fome, fica insistindo e eu tenho culpa. Mas fica mais fácil falando do quadro e de colocar as bolinhas, porque ele entende e quer conseguir, ele fica feliz parece orgulhoso. Eu não gosto de negar comida, mas agora o quadro também serve para mim porque não posso fazer diferente do combinado."	"Come o tempo todo porque tem compulsão por causa de um remédio que toma, solta gases e arrota e fica salientando que fez, chora porque não quer ir à escola, fica descalço o tempo todo, me faz passar vergonha em público desobedecendo."	"Fomos ontem ao mercado e eu falei duas regras, ser obediente e educado em público, ele estava obedecendo, mas se afastou e eu reforcei e ele obedeceu e quando chegou em casa ganhou ponto no quadro e ficou feliz. Sempre era uma briga porque ele queria ver TV na sala o tempo todo e não deixava a gente ver e depois das regras do quadro mudou e ele fica feliz quando pode colocar a bolinha no quadro."	"Converso com ele, abraço e faço carinho, e falo que não dá para fazer tudo que ele quer, porque as vezes é errado, com a comida é difícil dizer não, mas combinado é combinado, a gente agora faz as coisas com plano, não é de qualquer jeito, tem que combinar primeiro."	"Eu falei que agora ele tinha que comer legumes e coisas que ele não gosta, por causa do regime e que eu ia preparar coisas diferentes e ele tinha que tentar provar porque não ia ficar trocando e comendo salgadinho e danone,e eu fiz como a gente falou, o prato ficou bonito e mesmo assim ele cuspiu e começou a chorar, o pai também não comeuaí eu falei que enão ele ia ficar até a hora do lanche sem comer e fiz mesmo, deixei ele com fome e fiquei com pena, chorei, mas é para o bem dele"	"Pedi para ele arrumar o quarto antes da gente sair para o Shopping e ele queria ir ao cinema, mas ele não obedeceu, ficou brincando e não ligou quando eu repeti, então eu fui lá e arrumei e falei agora não mais porque ele não obedeceu. Ele chorou, reclamou mas não insistiu e eu vou fazer igual amanhã de novo e vou ver. Ele recomeçou a ficar na frente da TV e não deixar a gente assistir, então avisei a regra de que se ele continuasse assim não irámos alugar filmes para vermos juntos e ele pediu desculpas e parou."	"Como o pai ele gosta de contestar e buscar explicações, é simpático e cativante como o pai e também não gosta de comer verduras e legumes como o pai e é carinhoso e amável como eu."	"Quero ser uma mãe melhor, eu mudei, entendi que ele tem que compreender e eu tenho que saber ensinar e explicar e seguir as regras porque agora até a alimentação mudou. A gente tem que pensar que precisa fazer o que fala para ele, para ser feliz e ter uma vida melhor."

GC	SEMANA 1	SEI	MANA 2	SEMA	.NA 3	SE	MANA 4	SEMANA 5	SEMANA 6	SEMANA 7
QUESTÕES	Aponte três regras que seu filho sempre desobedece	Observe e anote seis comportament os de seu filho que você considera adequados	Anote algumas ocasiões em que você conseguiu determinar e falar regras importantes de forma clara e coerente, cumprindo com a consequência determinada. reflita se foi fácil ou difícil e como foi a reação do seu filho	Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera inadequados	Anote por dois dias quantas vezes você reforçou comportamentos adequados de seus filhos e como fez isso. como foi a reação deles?	Observe e anote de que forma você tem demonstrado afeto pelos seus filhos	Anote como você deu consequencias para seus filhos depois de ele ter se comportado mal, e como eles reagiram diante de sua atitude.	Anote pelo menos três ocasiões em que conseguiu transformar o seu amor em ação, em prática. reflita se foi fácil ou difícil e como o seu filho reagiu.	Ano tem três características dos seus filhos que vocês percebem em si mesmo	Anote um dos comportamentos que gostaria de mudar. anote durante a semana, quantas vezes você emitiu este comportamento. apresente alternativas, ou seja, como poderia ter agido em cada situação.
PC1	"Não comer nos horários certos, não guardar os brinquedos, não obedece nunca, só faz o que quer, Chora e grita até irritar. faz birra, tem ciúmes da mãe falar com outras pessoas, fica atrapalhando."	"Não reclama para ir à escola, gosta de tomar banho, aceita quando não compro algo que ele pede."	"Estou muito nervosa e está difícil, mas quando mando ele fazer algo e obedece eu falo que gostei"	"Briga com o irmão até eu berrar muito ou dar palmada, não obedece, não respeita o não, só faz o que quer. É medroso e mandão."	"Elogio quando faz as lições de casa e come bem nas refeições Dou parabéns quando se desculpam após brigarem."	"Ficando junto para dormir, ajudando na lição de casa, brincando no parque."	"Ele tem gritado muito e falado com muita brutalidade então eu digo que não pode, precisa ser educado e ele pede desculpas Explico o que vamos fazer e se ele não espeita eu ignoro e depois converso com ele sobre o que fez de erro."	"Quando estou muito nervosa por outros problemas tento ignorar as coisas para não ser injusta com eles Procuro não brigar por qualquer coisa e deixo passar coisas pequenas que ele faz."	"Preocupa ção demais, muito ciumento como o pai, explosivo, nervoso."	"Ficar mais calma e saber educar. Hoje eu estava muito nervosa e eles estavam brigando e eu me controlei e não gritei, tentei falar baixo e eles pararam."

GC	SEMANA 1	SEI	MANA 2	SEMA	ANA 3	SE	MANA 4	SEMANA 5	SEMANA 6	SEMANA 7
QUESTÕES	Aponte três regras que seu filho sempre desobedece	Observe e anote seis comportament os de seu filho que você considera adequados	Anote algumas ocasiões em que você conseguiu determinar e falar regras importantes de forma clara e coerente, cumprindo com a consequência determinada. reflita se foi fácil ou difícil e como foi a reação do seu filho	Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera inadequados	Anote por dois dias quantas vezes você reforçou comportamentos adequados de seus filhos e como fez isso. como foi a reação deles?	Observe e anote de que forma você tem demonstrado afeto pelos seus filhos	Anote como você deu consequencias para seus filhos depois de ele ter se comportado mal, e como eles reagiram diante de sua atitude.	Anote pelo menos três ocasiões em que conseguiu transformar o seu amor em ação, em prática. reflita se foi fácil ou difícil e como o seu filho reagiu.	Ano tem três características dos seus filhos que vocês percebem em si mesmo	Anote um dos comportamentos que gostaria de mudar. anote durante a semana, quantas vezes você emitiu este comportamento. apresente alternativas, ou seja, como poderia ter agido em cada situação.
PC2	"Ir ao banheiro e não ficar segurando. Se concentrar no que está fazendo, cumprir obrigações higiene do dia a dia."	"Carinhoso, não chora à toa, se desculpa, criativo, ajuda na cozinha, curioso."	"Eu consigo, mas com ele é difícil parece que ele não quer ouvir, dá nervoso, mas eles sabem regras que a gente tem de pedir desculpas, ouvir, consertar o que estraga, seguir os horários de dormir, escovar os dentes."	"Fazer xixi na roupa, bater ou cuspir nos amigos/irmãos, jogar o prato de comida, ficar enrolando para tomar banho/escovar os dentes e não guardar os brinquedos."	"Falo as regras e eles tem seguir e também ver os irmãos, tentamos na no família dar o sentido de que todos tem que contribuir, se a gente ia sair para tomar sorvete e alguém não se comportar e a gente não for, todos vão perder, mas se tem uma festa é justo todo mundo perder a festa? Fica difícil decidir."	"Ele gosta de montar coisas, construir brinquedos novos com materiais como isopor, papelão (de toalhas de cozinha). Ele gosta quando a gente senta para construir alguma coisa junto e no final de semana nós construímos um avião de madeira e ele adorou."	"Quando eles se comportam mal eu eu falo para se acalmarem e se não me escutam dou uns tapas. Ficam chateados mas depois que todos estamos mais calmos a gente conversar"	"1. Ele ganhou um Lego do tio já que ele adora montar coisas e gostou muito mas não conseguia montar a figura das instruções. Eu parei de fazer um trabalho que tinha que fazer no computador, para ir a montar com ele o brinquedo. Ele adorou, pois eu não interferi na montagem. Depois disso ele ficou bem contente. 2. Antes de dormir eu vou fazer carinho nele como ele gosta e depois eu falo que eu o amo muito"	"Criativo, Carinhoso, impaciente"	''Não me irritar em situações sem importância Prestar mais atenção nas crianças No final de semana ele deixou escapar cocô quando na praia. Fiquei muito brava com ele por não ter avisado, pois tinha um banheiro perto. Ele nem tinha entrado na agua mas já estava com a cueca de natação. Então levei ele para o banheiro e joguei a cueca no lixo. Ele ficou muito triste e magoado comigo por ter jogado a cueca. Eu acho que poderia ter tomado uma outra atitude com ele, conversando com ele e perguntando porquê não pediu.''

GC	SEMANA 1	SEN	MANA 2	SEMA	ana 3	SE	MANA 4	SEMANA 5	SEMANA 6	SEMANA 7
QUESTÕES	Aponte três regras que seu filho sempre desobedece	Observe e anote seis comportament os de seu filho que você considera adequados	Anote algumas ocasiões em que você conseguiu determinar e falar regras importantes de forma clara e coerente, cumprindo com a consequência determinada. reflita se foi fácil ou difícil e como foi a reação do seu filho	Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera inadequados	Anote por dois dias quantas vezes você reforçou comportamentos adequados de seus filhos e como fez isso. como foi a reação deles?	Observe e anote de que forma você tem demonstrado afeto pelos seus filhos	Anote como você deu consequencias para seus filhos depois de ele ter se comportado mal, e como eles reagiram diante de sua atitude.	Anote pelo menos três ocasiões em que conseguiu transformar o seu amor em ação, em prática. reflita se foi fácil ou difícil e como o seu filho reagiu.	Ano tem três características dos seus filhos que vocês percebem em si mesmo	Anote um dos comportamentos que gostaria de mudar. anote durante a semana, quantas vezes você emitiu este comportamento. apresente alternativas, ou seja, como poderia ter agido em cada situação.
PC3	Não gosta de tomar banho e escovar os dentes e fica inventando desculpas para não ir . Não costuma escutar quando é para parar de fazer algo que estamos pedindo e depois de repetir precisamos pegar pelo braço. Fala que não quer ir para a escola.	Brinca com os irmãos, constrói coisas, ajuda com limpeza, gosta de ajudar a preparar refeições	As regras são formuladas quando alguma coisa acontece e a primeira vez que se implantam as regras é o mais difícil porque é necessário medir o impacto desta na criança. A gente altera as consequências combinadas por diferentes razões, por exemplo fora de casa é mais complicado mas modificar complica. Também a gente esquece quando passa muito tempo do combinado e a consequência.	Não atender ao que pedimos, não querer escovar dentes, deitar, sentar na mesa, não parar de brincar para ir ao banheiro.	Explicando com calma que ele precisa ouvir antes de dizer não e ouvir o que temos a propor, sem ficar com raiva se não é como ele quer.	Levando para passear, contando histórias e ensinando atividades	Tirar os brinquedos quando eles não conseguem dividir e eles não gostam de ficar sem os brinquedos porquê não devolvo no mesmo dia	Fazer alguma coisa com eles com mais tempo e paciência. Levar para passear	Falar alto, ficar o tempo todo perguntando porquê?, quando eu era criança fazia isso	Ter paciência com as teimosias dele. Estou tentando entender porque ele se comporta assim

GC	SEMANA 1	SEI	MANA 2	SEMA	NA 3	SE	MANA 4	SEMANA 5	SEMANA 6	SEMANA 7
QUESTÕES	Aponte três regras que seu filho sempre desobece	Observe e anote seis comportament os de seu filho que você considera adquados	Anote algumas ocasiões em que você conseguiu determinar e falar regras importantes de forma clara e coerente, cumprindo com a consequência determinada. reflita se foi fácil ou difícil e como foi a reação do seu filho	Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera inadequados	Anote por dois dias quantas vezes você reforçou comportamentos adequados de seus filhos e como fez isso. como foi a reação deles?	Observe e anote de que forma você tem demonstrado afeto pelos seus filhos	Anote como você deu consequencias para seus filhos depois de ele ter se comportado mal, e como eles reagiram diante de sua atitude.	Anote pelo menos três ocasiões em que conseguiu transformar o seu amor em ação, em prática. reflita se foi fácil ou difícil e como o seu filho reagiu.	Ano tem três características dos seus filhos que vocês percebem em si mesmo	Anote um dos comportamentos que gostaria de mudar. anote durante a semana, quantas vezes você emitiu este comportamento. apresente alternativas, ou seja, como poderia ter agido em cada situação.
PC4	''Respeitar limites Ter hierarquia de obediência Saber ouvir''	"Amigo, conta coisas, dedicado à escola e às oas, ama o irmão, abraça e beija."	''Não brigar na escola, manter o regime nada fácil, porque ele reage chorando''	''Falar alto, chorar por tudo, Retrucar o que se fala, Comer coisas que ele não pode, repetir por diversas vezes a mesma coisa, esquecer o, por favor, obrigada e dar licença''	''Devido a ele ir a uma festa de aniversário de um coleguinha de classe e depois dormir na casa de outro colega e no dia seguinte ir com essa mãe para a escola eu disse muitas coisas para ele se comportar na festa, não bagunçar, agradecer, não comer demais, cumprimentar todas as pessoas e ele ouviu atentamente e concordou.''	"Acompan hando em suas atividades, conversand o e explicando as coisas do dia a dia e lhe dando autonomia para resolver,bri ncar um pouco, Beijar/abraç ar, deixar ir aos aniversários , dormir em casa de amigos e primos, levar pra participar comigo no vôlei."	"O Ygor, esta semana está quebrando o regime, eu estou tentando com muita conversa concientizá-lo, mas ele continua agindo errado, então quando ele ficou com dor de cabeça eu falei que era porque ele não respeitava o regime"	''Assistir TV com ele, leva- lo junto quando vou jogar ou outras atividades em que ele possa ir e ele gosta muito''	''Meigo, amoroso, prestativo, bondoso e caridoso''	''Promover participação conjunta para o bom andamento da família, a forma de falar, ser dócil, ponderado, tentar relevar as coisas, não ser oito ou oitenta.''

GE II	SEMANA 1	SEI	MANA 2	SEM	IANA 3	SEA	1ANA 4	SEMANA 5	SEMANA 6	SEMANA 7
QUESTÕES	Aponte três regras que seu filho sempre desobedece	Observe e anote seis comportamentos de seu filho que você considera adequados	Observe e anote algumas ocasiões em que você conseguiu determinar e falar regras importantes de forma clara e coerente, cumprindo com a consequência determinada. reflita se foi fácil ou difícil e como foi a reação do seu filho	Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera inadequados	Anote por dois dias quantas vezes você reforçou comportamentos adequados de seus filhos e como fez isso. como foi a reação deles?	Observe e anote de que forma você tem demonstrado afeto pelos seus filhos	Anote como você deu consequencias para seus filhos depois de ele ter se comportado mal, e como eles reagiram diante de sua atitude.	Anote pelo menos três ocasiões em que conseguiu transformar o seu amor em ação, em prática. reflita se foi fácil ou difícil e como o seu filho reagiu.	Ano tem três características dos seus filhos que vocês percebem em si mesmo	Anote um dos comportamentos que gostaria de mudar. anote durante a semana, quantas vezes você emitiu este comportamento. apresente alternativas, ou seja, como poderia ter agido em cada situação.
PC1	"Não faz favores como pegar algo que se pede, não cumprimenta as pessoas como visitas, professoras e chora ou reclama quando insisto."	"Tem feito suas obrigações como lição e alguns favores em casa, preocupado com os familiares."	"Estava brigando de luta com o irmão e eu não gosto, então quando iam começar chamei e expliquei, aceitaram, mas depois começaram de novo e aí coloquei os dois de castigo e desde então elogio quando brincam de outras coisas."	"Sair correndo em lugares impróprios, pedir coisas gritando e resmungando, ansioso, chora sem motivo, agressivo com o irmão, não quer que eu faça nada e só fique com ele."	"Estou elogiando na frente de visitas e parentes, ele tem feito a lição sozinho sem ninguém mandar, ele não briga o tempo todo com o irmão , ele fica feliz quando elogio."	"Carinho, paciência, amor, dedicação, aprendendo a ajudar o meu filho, o pior é descontar os problemas neles e às vezes deixar para lá, às vezes brigar, agora eu controlo, se não pode é regra, o quadro ajuda porque eles gostam de cumprir."	"Explico o que vamos fazer ou o que ele tem que fazer e se ele não obedece já sabe que fica de castigo."	"Fomos passar o feriado na praia com o meu irmão e ele ficou feliz, fiquei mais tempo com ele e longe dos problemas, brinquei com eles e meu irmão é muito ligado no mais velho, foi a melhor coisa que fiz para nós."	"Falar muito alto como eu grito, eles também gritam, agressividade, ter medo das reações do pai dele, brigar muito com o irmão (quando tinha a idade dele)."	"Ter mais calma para resolver os problemas do dia a dia. Por 3 ou 4 vezes por dia eu falo alto e fico irritada muito rápido, depois eu me arrependo e vejo que podia ter agido diferente, então tenho tentado parar e respirar fundo. Agora eu vou abaixando a voz quando eles gritam e ficando calma e ele fica mais calmo, é aquilo das palavras mágicas treino, paciência e persistência."

GE II	SEMANA 1	SEI	MANA 2	SEM	ANA 3	SEM	IANA 4	SEMANA 5	SEMANA 6	SEMANA 7
QUESTÕES	Aponte três regras que seu filho sempre desobedece	Observe e anote seis comportamentos de seu filho que você considera adequados	Observe e anote algumas ocasiões em que você conseguiu determinar e falar regras importantes de forma clara e coerente, cumprindo com a consequência determinada. reflita se foi fácil ou difícil e como foi a reação do seu filho	Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera inadequados	Anote por dois dias quantas vezes você reforçou comportamentos adequados de seus filhos e como fez isso. como foi a reação deles?	Observe e anote de que forma você tem demonstrado afeto pelos seus filhos	Anote como você deu consequencias para seus filhos depois de ele ter se comportado mal, e como eles reagiram diante de sua atitude.	Anote pelo menos três ocasiões em que conseguiu transformar o seu amor em ação, em prática. reflita se foi fácil ou difícil e como o seu filho reagiu.	Ano tem três características dos seus filhos que vocês percebem em si mesmo	Anote um dos comportamentos que gostaria de mudar. anote durante a semana, quantas vezes você emitiu este comportamento. apresente alternativas, ou seja, como poderia ter agido em cada situação.
PC2	"Não gosta de tomar banho e escovar os dentes, enrola demais para cumprir pequenas tarefas do dia a dia."	"Criativo, carinhoso, ajuda em casa, curioso, alegre."	"Na nossa família agora foi estabelecida uma conta de 1 a 3, onde o primeiro número é aviso, o segundo é advertência e o terceiro é sair da atividade que estiver sendo desenvolvida até se acalmar. Se desculpar e ajudar a reparar o dano quando possível. Fiz o quadro de atividades e foi a coisa certa porque explico o porquê das regras e fica fácil mostrar se cumprem ou não."	"Não escutar quando faz coisas erradas, dizer que não quer ir para a escola, não aceitar hábitos de higiene e bater nos irmãos, bater nos amigos, não pedir desculpas."	"Ele ficou aborrecido por um brinquedo que não era para levar na creche e dessa vez eu não fiquei nervosa e expliquei de forma calma porquê não podia e ele entendeu e me abraçou. Eu separo as roupas que as 3 crianças vão vestir e o mais velho que as roupas dele e do irmão sejam parecidas. Coloquei roupas diferentes e ele começou a reclamar e seria uma briga, mas eu propus que a partir de então ele mesmo deve procurar a camiseta que quiser. Ele se acalmou na hora."	"Passando mais tempo com ele, dando mais atenção e nos conflitos tentar explicar sem perder a calma. Porque agora a gente sabe que de algum modo incentiva o comportament o dele e então todos tem que mudar"	"Quando se comporta mal fica de castigo, ou perde uma brincadeira, é só seguir o quadro porque tem consequência clara e explicada, e eu falo sempre, das causas e consequências dos maus comportamentos, agora todo mundo entende o porque das regras"	"Fizemos um passeio com todos no parque e como começou a chover, saímos de lá mas não fomos para casa, porque ia parecer castigo e fomos tomar sorvete e passear em outro lugar e eles adoraram. Depois ele tinha um passeio com a escola e poderia ficar dois dias no acampamento e fizemos muitos preparativos com ele porque ele estava muito empolgado, foi bom e ele se comportou muito bem antes e depois."	"Falar baixo e ignorar as pessoas quando está bravo, é errado mas eu sei que faço isso e ele aprendeu também, eu sempre fui assim com os meus irmãos, fiquei pensando como isso começou"	"Fico muito brava quando sou interrompida no meio de um trabalho, então agora eu explico com calma para eles não me interromperem e antes de começar pergunto se está tudo bem e se querem algo e que então vou começar"

GE II	SEMANA 1	SEI	MANA 2	SEM	ANA 3	SEN	AANA 4	SEMANA 5	SEMANA 6	SEMANA 7
QUESTÕES	Aponte três regras que seu filho sempre desobedece	Observe e anote seis comportamentos de seu filho que você considera adequados	Observe e anote algumas ocasiões em que você conseguiu determinar e falar regras importantes de forma clara e coerente, cumprindo com a consequência determinada. reflita se foi fácil ou difícil e como foi a reação do seu filho	Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera inadequados	Anote por dois dias quantas vezes você reforçou comportamentos adequados de seus filhos e como fez isso. como foi a reação deles?	Observe e anote de que forma você tem demonstrado afeto pelos seus filhos	Anote como você deu consequencias para seus filhos depois de ele ter se comportado mal, e como eles reagiram diante de sua atitude.	Anote pelo menos três ocasiões em que conseguiu transformar o seu amor em ação, em prática. reflita se foi fácil ou difícil e como o seu filho reagiu.	Ano tem três características dos seus filhos que vocês percebem em si mesmo	Anote um dos comportamentos que gostaria de mudar. anote durante a semana, quantas vezes você emitiu este comportamento. apresente alternativas, ou seja, como poderia ter agido em cada situação.
PC3	"Escovar os dentes após cada refeição, recolher os brinquedos, se desculpar com os amigos quando bate neles."	"Ajuda muito a fazer panquecas, levar roupas sujas para a máquina, protege a irmã mais nova na escola, presta atenção quando contamos histórias, antes era disperso."	"Quando faz algo errado vai para a cadeira de castido mas não gosta de pedir desculpas e estou ensinando. Outro dia enrolou para escovar os dentes e deitar, então como demorou eu não fiquei lendo com ele no quarto como tinha prometido, ele ficou chateado, e eu falei para ser diferente no dia seguinte."	"Não pára o que está fazendo para ir ao banheiro ou ouvir o que estamos falando. Não pára de fazer algo que a gente está pedindo para parar, aperta a irmã muito forte chegando a machucá-la, quando fica nervoso e irritado não ouve ninguém."	"Estava tentando fazer ele conversar sobre algo errado que tinha feito e ele não me ouvia e dizia para, pára, para, insisti, ele foi se acalmando e eu falei como era melhor conversar pode explicar o que tinha acontecido, o ponto de vista dele e ele gostou."	"Leio, converso e fico um pouco com ele a noite antes de dormir, faço alguma atividade que ele gosta, lego ou algo assim, abraço, faço carinho e digo que o amo."	"Fomos à pinacoteca e eu tinha prometido que se comportassem bem íamos dar um passeio de trem, mas ele não obedeceu, correndo e gritando e então expliquei e fomos direto para casa e ele não gostou, mas depois expliquei de novo que nossas atitudes tem consequência e que a gente tem que assumir isso."	"Programamos um passeio diferente com todos no parque e também fomos tomar sorvetes como eles gostam. Demos atenção para todos fora da rotina, sem pensar em trabalho."	"Aumentar a voz quando a outra pessoa não atende, gostar de música e de dançar, carinhoso."	"Estou mais paciente com ele quando ele não quer obedecer ou fica enrolando e assim dá para tentar entender porque ele fica enrolando tanto para fazer as coisas que eu mando e falar para ele os benefícios das atividades que ele não quer fazer, está mais claro, temos mais controle."
GE II	SEMANA 1	SEI	MANA 2	SEM	ANA 3	SEN	AANA 4	SEMANA 5	SEMANA 6	SEMANA 7
QUESTÕES	Aponte três regras que seu filho sempre desobedece	Observe e anote seis comportamentos de seu filho que você considera adequados	Observe e anote algumas ocasiões em que você conseguiu determinar e falar regras importantes de forma clara e coerente, cumprindo com a consequência determinada. reflita se foi fácil ou difícil e como foi a reação do seu filho	Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera inadequados	Anote por dois dias quantas vezes você reforçou comportamentos adequados de seus filhos e como fez isso. como foi a reação deles?	Observe e anote de que forma você tem demonstrado afeto pelos seus filhos	Anote como você deu consequencias para seus filhos depois de ele ter se comportado mal, e como eles reagiram diante de sua atitude.	Anote pelo menos três ocasiões em que conseguiu transformar o seu amor em ação, em prática. reflita se foi fácil ou difícil e como o seu filho reagiu.	Ano tem três características dos seus filhos que vocês percebem em si mesmo	Anote um dos comportamentos que gostaria de mudar. anote durante a semana, quantas vezes você emitiu este comportamento. apresente alternativas, ou seja, como poderia ter agido em cada situação.

	"Ligar toda	"Estudioso,	"Por causa de um	"Sai da escola	"Ele tomou um suco	"Assistindo	"Passei a ignorar	"Assisti TV	"Atencioso,	"Chorar e ser muito
	hora para mim	respeita regras da	tratamento de saúde	reclamando de fome.	de que não gosta, sem	TV com ele,	ou não atender as	deitada com ele, e	amoroso, atento a	sensível, agora eu
	Entrar em	escola, atento,	não pode fazer	Não respeita o Não,	saber e gostou e então	acompanhando	reclamações e ele	ele adorou porque	tudo e gosta de	fico mais calma e
	confusão com	colaborador,	esporte por um	Duvida de tudo que	eu expliquei precisa	e participando	me disse é assim	ficamos	esportes como eu."	digo que só iria
	os colegas	interage bem	tempo, mas fica triste	falamos e	experimentar e dar	em suas	que você ensina a	abraçados,		atendê-lo quando se
	Faltar com	com as pessoas	e insiste e eu	explicamos	oportunidade para ele	atividades,	ignorar o que os	participei com ele		acalmasse e
	respeito com	em todos os	expliquei que é só	Chora e grita quando	mesmo conhecer	abraçando,	outros falam? Eu	das atividades da		conversasse direito
	os pais e	lugares."	por um tempo.	contrariado, não	coisas novas e dei	beijando e	expliquei que este	escola e ele ficou		respeitando os
	irmão, não		Sempre explico o que	come de tudo, não	parabéns e ele ficou	falando que o	tipo de	orgulhoso e saí da		limites, regras, ele
4	aceitar fazer		ele pode e não pode	fala por favor e	feliz."	amo,	reclamação e	rotina do dia a dia		ficava insistindo
Q	dieta."		comer por que	obrigado."		almoçando	choramingo eu	e ele me		porque no fundo eu
Ь			precisa perder peso			fora."	vou ignorar e se	agradeceu."		acabava fazendo"
			por indicação médica,				ele quiser			1
			mas ele insiste e				conversar direito			1
			chora ou grita para				eu vou fazer o			1
			comer o que quer, eu				mesmo e			1
			então tento explicar e				explicar."			1
			procuro algo que o							1
			agrade para conseguir							1
			mudar."							1